



HardFellas

**COCAÍNA: TRANSFORMANDO
SEUS PROBLEMAS EM IDEIAS
BRILHANTES... POR CINCO
MINUTOS!**



HardFellas

Por: Vitor Alves Felismino

No fim das contas, não é sobre dinheiro ou poder. É sobre respeito. Você pode ter o mundo aos seus pés hoje e levar um tiro na cara amanhã. Então, faça valer cada maldito segundo.

— Cassian Delviano, o Deadeye

Prólogo

A boate Starlite fervia no coração de Miami. Luzes vermelhas e azuis piscavam ao ritmo de *Self Control*, refletindo no mármore preto do bar, nas taças de champanhe e nas correntes de ouro. O cheiro de cigarro, perfume caro e cocaína pairava no ar. Gente importante circulava: políticos, traficantes, modelos, estrelas de Hollywood. Mas ali, todos sabiam — o verdadeiro poder não estava na pista de dança.

Ele estava no andar de cima.

No camarote privado, Cassian Delviano estava afundado numa poltrona de couro branco, terno branco impecável, camisa aberta, peito suado de tanto pó, olhos arregalados como se não piscassem há três dias. O cabelo grudava na testa de tanto suor.

Na mesinha à frente dele, um monte de cocaína espalhado. Cassian puxou mais uma carreira sem nem tirar os olhos da boate, fungando forte. Respirou fundo. Soltoou o ar com um sorriso maníaco.

Atrás dele, Ricky e Nico, seus cães de guarda, iguais dois gorilas vestidos de italiano.

Um segurança se aproximou e sussurrou no ouvido de Ricky. Ricky nem olhou pra ele, apenas chegou perto de Cassian.

— Os colombianos tão aqui.

Cassian passou a mão no nariz e sorriu torto, os dentes brancos como marfim.

— Então manda esses filhos da puta subirem.

Após alguns minutos, Javier Castañeda apareceu na porta do camarote. Dois capangas ao lado, camisas abertas, correntes no peito, cara de quem achava que era alguém.

Cassian ficou olhando ele subir, com um sorriso que parecia um cão raivoso prestes a morder.

— Cass, amigo... podemos conversar?

Cassian ria sozinho.

Ele pegou um charuto, acendeu, deu uma tragada funda e soltoou a fumaça na cara de Castañeda.

— Se fosse amigo mesmo, não vinha sem avisar, seu merda.

Castañeda tentou não reagir. Sentou-se, cruzou as pernas, forçando um sorriso. Mas Cassian já via tudo. O filho da puta tava com medo.

Ele sabia o que era isso.

Isso não era uma conversa. Isso era um ultimato.

Cassian pegou o canudo prateado, enfiou no pó e puxou outra carreira enorme. Ele grunhiu, batendo o punho na mesa, sentindo o sangue fervendo.

— Caralho, essa cidade tá cheia de rato, hein? Hein, Nico? Hein, Ricky?!

Nico riu. Ricky só balançou a cabeça.

Castañeda se ajeitou no assento.

— O problema de Miami é que tem muito peixe grande... e pouco espaço na água.

Cassian começou a rir.

Não uma risada normal.

Uma risada de psicopata.

Alta, exagerada, estrondosa.

Ele bateu a mão na mesa. Ria tanto que se engasgou, tossiu, fungou o nariz cheio de pó.

— Puta que pariu, Nico, tu ouviu isso?!

Nico riu também. Ricky coçou a cabeça.

Cassian virou pra Castañeda.

— Tu ensaiou essa merda no espelho antes de vir aqui, foi? Tá achando que eu sou otário, seu bosta? Hein?!

Castañeda engoliu seco.

— Não tô falando que você é um merda, Cass, só que —
BOOM.

O tiro ecoou no camarote.

O grito de Castañeda se misturou com a música da boate.

Ele caiu no chão, segurando o joelho, gritando feito um porco sendo degolado. Sangue jorrando.

Os capangas dele meteram a mão nas armas — mas Nico e Ricky já tavam com as pistolas apontadas.

Cassian pulou do sofá, gritando.

— QUEM É O MERDA AQUI, PORRA?! HEIN?! QUEM É O MERDA?!

Ele chutou o rosto de Castañeda, cuspiando nele depois.

— Tá achando que eu sou um desses babacas que tu enrola?! Hein?! EU
SOU MIAMI, PORRA!

Castañeda chorava.

Cassian se agachou e pegou o rosto sujo de sangue dele com uma mão só, apertando forte.

— Sem mim, essa cidade NÃO EXISTE, entendeu?!

Castañeda tentou balançar a cabeça.

Cassian soltou ele no chão como se fosse um lixo.

Levantou, enfiou a pistola dourada no terno, pegou o charuto e deu outra tragada, relaxando.

Olhou pra Ricky e Nico.

— Pega esse merda e joga lá fora. Se ele tentar alguma gracinha, termina o serviço.

Ricky pegou Castañeda pelo colarinho, arrastando ele feito um saco de carne.

Nico deu um chute na barriga dele antes de sair.

Cassian ficou olhando a cidade pela varanda do camarote.

Miami brilhava.

Era dele.

Ele sorriu, tragou o charuto e puxou mais uma carreira de pó.

I

Havia um Jeito

A primeira coisa que Cassian Delviano aprendeu foi que, se você quer ser alguém, precisa estar disposto a sujar as mãos.

O motor do Buick Skylark ainda estava quente quando ele e Richie Cortese subiram a rua, as mãos nos bolsos, o coração disparado. Tinham acabado de abandonar o carro atrás de uma fábrica em Red Hook, depois de levá-lo de um estacionamento em Brooklyn Heights. Um modelo novo, rádio digital, estofado de couro. O tipo de coisa que um advogado ou um executivo dirigia. Agora, alguém ia picotá-lo, vender as peças e fazer o dinheiro girar.

Cass, com seus dezoito anos, já sabia como o jogo funcionava. Pequenos trabalhos levavam a grandes oportunidades. Richie dizia que o velho Juno Petronelli notava quem fazia as coisas direito. E se Juno notava, então você poderia crescer. Isso significava sair das ruas, vestir ternos de seda e entrar em lugares onde não pediam documentos na porta.

Eles pararam em frente a uma lanchonete italiana, o cheiro de cebola e salsicha se misturando com o ar frio da noite. Richie puxou um cigarro, acendeu e riu.

— Cara, eu te disse que seria fácil.

Cass deu de ombros, um meio sorriso no rosto.

— Fácil demais. Isso me preocupa.

Richie soltou a fumaça pelo nariz e ergueu as mãos.

— Tá aí. Você pensa demais.

A porta da lanchonete abriu e um sujeito enorme saiu, segurando uma garrafa de refrigerante na mão. Vinnie Petronelli. Primo de Juno. Um

peso-pesado na família. Ele olhou para os dois e fez um gesto com a cabeça.

— Vocês. Entrem.

Cass sentiu o estômago afundar, mas manteve o rosto neutro. Era assim que começava. Um teste. Uma oportunidade. Ou os dois.

Dentro da lanchonete, a luz amarelada iluminava as mesas de fórmica. O cheiro de alho e café forte tomava conta do lugar. Sentado no fundo, de terno cinza-claro e cabelo penteado para trás, estava Juno Petronelli. Pequeno, mas com olhos que diziam tudo. Um tubarão esperando o momento certo para atacar.

Ele sorriu.

— Richie, você me falou muito desse garoto. Diz que ele tem cabeça.

Cass não respondeu de imediato. Aprendeu que, às vezes, a melhor coisa a dizer era nada.

Juno deu um gole no espresso.

— Me digam, qual é o próximo passo?

Richie riu.

— Sei lá, a gente arranja outro carro amanhã.

Juno virou o olhar para Cass.

— E você?

Cassian limpou a garganta.

— Um carro dá dinheiro uma vez. Um dono de carro... dá dinheiro sempre.

Juno inclinou a cabeça e sorriu.

— Gosto disso. Você não pensa pequeno.

Ele se levantou e pegou um cigarro, acendendo devagar.

— Agora escutem. Tenho um trabalho maior pra vocês. Se fizerem direito, isso pode ser o começo de algo grande.

Cass sabia que, a partir dali, não havia mais volta.

Juno tragou o cigarro e soltou a fumaça devagar, como se estivesse saboreando cada palavra antes de dizê-las.

— Tem um cara... executivo, trabalha com importação. Tem um Mercedes-Benz novo em folha, um branquinho lindo. Estaciona sempre no mesmo lugar, na frente de um restaurante em Carroll Gardens. — Ele jogou o palito de fósforo na xícara de espresso vazia. — Quero esse carro. Hoje à noite.

Richie deu uma risadinha, batendo a cinza do cigarro.

— Fácil.

Juno desviou os olhos para ele e deu um sorriso curto.

— Fácil é quando você já fez.

Cassian sentiu o peso no ar. Ele sabia o que estava acontecendo. Isso não era só um roubo de carro. Era um teste. Juno queria ver se ele tinha o sangue frio.

Richie não percebeu, mas Cassian sim. Nesse mundo, quem hesitava não chegava longe. Se um dia alguém tentasse derrubá-lo, ele não ia pensar duas vezes. As ruas não davam segundas chances.

Vinnie Petronelli largou um maço de chaves no balcão, cada uma com um número marcado.

— Sejam espertos. Usem a chave reserva. Mas se precisarem fazer do jeito difícil... façam rápido.

Cass pegou as chaves e assentiu. Richie terminou o cigarro com um estalo da língua e os dois saíram da lanchonete. O frio parecia mais cortante agora.

Cassian e Richie saíram da lanchonete e sentiram o ar frio da noite. As ruas estavam molhadas da chuva mais cedo. O cheiro de gasolina misturado com fumaça de cigarro estava no ar. Eles andaram sem pressa, como se não tivessem nada para fazer, como se não estivessem prestes a roubar um carro de luxo.

— Mercedes-Benz, hein? — Richie disse, acendendo um cigarro. — Juno tá começando a confiar na gente.

Cassian enfiou as mãos no bolso.

— Ou tá testando a gente.

Richie riu.

— Se for um teste, a gente passa com louvor.

Eles dobraram a esquina e chegaram ao Chevy Impala preto estacionado no meio-fio. Era um carro discreto, comum, nada chamativo. Cassian entrou no banco do passageiro e Richie assumiu o volante. O motor roncou e ele jogou o cigarro pela janela.

— E se o dono do carro estiver por perto? — Cassian perguntou.

Richie deu de ombros.

— Então ele vai ficar sem carro na nossa frente.

Ele pisou no acelerador e eles entraram na avenida, passando por luzes amarelas e cruzando sinais vermelhos sem diminuir a velocidade.

— Sabe o que eu tava pensando? — Richie disse, olhando rapidamente para Cassian. — Se a gente subir na hierarquia, tipo, subir de verdade, talvez a gente pare de roubar carros e comece a vender.

Cassian olhou para ele.

— Você quer virar vendedor de carro agora?

— Não, porra. — Richie riu. — Digo, a gente faz do jeito certo. Tira dos otários e vende pros caras certos.

Cassian balançou a cabeça.

— E você acha que isso é o jeito certo?

Richie riu mais alto.

— Pro nosso lado da cidade, é o único jeito certo.

O rádio tocava uma música dos Rolling Stones enquanto eles passavam pelos bairros mais escuros do Brooklyn. Algumas ruas estavam vazias, outras tinham uns caras encostados em prédios, fumando, conversando, olhando pra eles. Era uma cidade que nunca dormia, mas sempre observava.

Quando chegaram perto de Carroll Gardens, Richie reduziu a velocidade.

— Tá vendo aquela porra ali? — Ele apontou com o queixo.

O Mercedes-Benz branco brilhava sob um poste de luz. Carro limpo, polido, novo.

— Tá fácil demais. — Cassian disse.

— Isso nunca é um problema.

Richie encostou o Impala na esquina e desligou o motor.

— Vamos nessa.

Eles saíram do carro, ajeitaram as jaquetas e seguiram pela calçada como se fossem donos do lugar. Ninguém olhava pra eles porque eles não davam motivos pra olharem.

Quando chegaram ao Mercedes, Richie tirou a chave reserva do bolso e balançou na frente de Cassian.

— Rápido e fácil.

Cassian cruzou os braços e ficou de olho na rua.

Richie colocou a chave na fechadura.

O Lincoln Town Car do outro lado da rua acendeu os faróis.

Cassian sentiu o estômago revirar.

— Richie.

Richie girou a chave.

A porta do Lincoln se abriu e um velho de terno saiu com uma arma.

Cassian cerrou os dentes.

– Liga essa merda agora.

Richie girou a chave na ignição.

O primeiro tiro estourou o vidro traseiro.

O velho segurava uma pistola velha, talvez um revólver .38 que ele tinha guardado desde os anos 50. As mãos tremiam. Ele não sabia atirar direito, mas isso não o impediu de puxar o gatilho feito um louco.

BANG! O primeiro tiro acertou o próprio capô.

– FILHOS DA PUTA!

BANG! O segundo tiro estourou o para-brisa.

– DESGRAÇADOS!

BANG! O terceiro tiro passou direto e quase acertou o vizinho, que abriu a janela e gritou:

– QUE PORRA TÁ ACONTECENDO AÍ?!

Cassian se abaixou no banco, sentindo o coração martelar.

– CARALHO, ESSE VELHO É MALUCO!

Richie tentava fazer alguma coisa, puxando o câmbio, batendo na chave, mas as mãos estavam tremendo.

– O que eu faço?! O que eu faço?!

– LIGA ESSA MERDA! – Cassian berrou.

Richie girou a chave, o motor roncou. Ele tentou engatar a primeira, mas errou e jogou a marcha RÉ.

O Mercedes arrancou para trás com tudo.

THUMP!

O carro sacudiu como se tivesse passado por um buraco. Cassian olhou pelo espelho retrovisor.

O velho estava no chão.

– Puta merda...

Richie engoliu seco.

– Ele morreu?

Cassian abriu a porta e saiu rápido. O homem não estava morto, mas também não estava bem.

– Ele tá respirando... mas não vai levantar tão cedo.

Richie olhou em volta.

– E AGORA?!

Cassian não pensou duas vezes.

– PEGA ELE!

– O QUÊ?!

– PEGA ESSA PORRA DESSE VELHO E COLOCA NO PORTA-MALAS!

Richie arregalou os olhos, mas fez o que Cassian mandou. Os dois pegaram o homem pelos braços e pelas pernas e arrastaram até a traseira do carro. O impacto da batida tinha amassado o porta-malas, então ele NÃO FECHAVA DIREITO.

Cassian tentou empurrar.

– MERDA, FECHA, PORRA!

Richie tentou também.

– VAI, CARALHO, FECHA!

Nada.

O porta-malas ficava meio aberto, e o BRAÇO DO VELHO FICOU PRA FORA.

Eles se entreolharam, suando frio.

Richie abriu os braços.

– O que a gente faz?!

Cassian olhou em volta.

– DANÇA.

Richie assentiu e correu para o banco do motorista.

O carro acelerou e saiu cantando pneu.

Eles pegaram uma avenida, tentando manter a calma, mas o barulho do motor começou a mudar. O som ficou irregular, meio engasgado.

Cassian olhou para Richie.

– Que porra é essa?

Richie segurou o volante com força.

– Um dos tiros deve ter pegado no motor.

Cassian esfregou o rosto.

– Esse carro era zero bala há dez minutos...

Richie bufou.

– É, e agora tem um velho dentro do porta-malas com um braço pra fora.

Os dois ficaram em silêncio por um segundo.

Então, Cassian começou a rir.

Richie olhou para ele.

– Do que você tá rindo?

Cassian não conseguia parar.

– Disso tudo... dessa merda toda.

Richie segurou o riso, mas não aguentou e começou a rir também.

Cassian riu porque sabia como as coisas funcionavam. No fundo, era sempre assim: os idiotas riam e se preocupavam, os espertos limpavam a bagunça e seguiam em frente. Quem tentava ser bonzinho acabava em um porta-malas com um buraco na cabeça.

O carro tremia, o porta-malas não fechava, o braço do velho balançava no ar, e eles não tinham ideia do que fazer.

Era o tipo de noite que eles nunca iam esquecer.

A estrada era deserta, só mato dos dois lados. O céu tava escuro, sem lua. O farol do Mercedes iluminava o asfalto rachado. O motor tossia, quase engasgando.

Richie encostou o carro e bateu no volante.

— Merda.

Cassian saiu e abriu o capô. Um cheiro de óleo queimado subiu. Ele passou a mão na testa suada.

— Alguma coisa aqui tá fodida.

Richie se inclinou, olhou o motor, coçou a cabeça.

— Eu não sei porra nenhuma de motor.

Cassian bufou.

— Nem eu.

Foi aí que eles ouviram.

BUM.

Os dois pararam.

BUM. BUM.

O barulho vinha do porta-malas.

Richie olhou para Cassian.

— Ah, não...

Cassian fechou os olhos por um segundo.

— Esse velho filho da puta...

Eles foram até a traseira do carro. O braço do velho ainda tava pendurado pra fora. Mas agora ele tava se mexendo.

BUM!

— EI! FILHOS DA PUTA! ME TIREM DAQUI!

Cassian olhou para Richie.

— Abre.

— Tem certeza?

— Abre essa merda.

Richie puxou a trava. O porta-malas subiu um pouco, ainda meio amassado. O velho olhou pra eles, ofegante.

— SEUS MERDAS! VOCÊS SABEM QUEM EU SOU?!

Cassian olhou para Richie.

— A gente sabe quem ele é?

Richie balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

O velho cuspiu no chão.

— VOCÊS ESTÃO FODIDOS! F-O-D-I-D-O-S!

Cassian respirou fundo.

— Richie, você quer resolver isso ou eu resolvo?

Richie olhou para o velho e coçou a nuca.

— Eu acho melhor a gente não fazer nada ainda. A gente não sabe quem é esse cara.

Cassian passou a língua nos dentes.

— A gente pode só matar ele agora e pronto.

Richie levantou as mãos.

— Não, cara. Isso pode dar merda. Pode ser alguém grande.

O velho olhou feio pra eles.

— Vocês vão morrer. Vão morrer igual rato de esgoto.

Cassian suspirou.

— Tá bom. Então faz o seguinte.

Ele pegou a coronha do revólver e PÁ!

O velho apagou na hora.

Richie arregalou os olhos.

— Que porra foi essa?!

Cassian guardou a arma.

— Eu não matei ele. Agora tenta dar a partida de novo.

Richie fechou o porta-malas e voltou pro carro. Cassian olhou em volta.

O vento soprava forte no mato. Ele respirou fundo e entrou no carro.

Richie girou a chave.

O motor tossiu.

Engasgou.

E morreu.

Richie bateu a cabeça no volante.

Cassian fechou os olhos.

— A gente tá fudido.

II

Rua Sem Saída

O silêncio na estrada deserta era ensurdecedor. Só o som do vento batendo nas folhas secas e o farol do Mercedes piscando fraco. Cassian estava com a testa colada no vidro da janela, olhando para o horizonte. Richie estava ali, quieto, os olhos vazios, sem saber o que fazer. O carro morto no meio da estrada.

— Merda, merda, merda... — Cassian murmurava, batendo os dedos no volante.

Richie não dizia nada. O ar estava pesado. O que eles tinham feito? Esse velho podia ser um ninguém ou um cara perigoso. E se fosse? O que eles iam fazer agora?

Cassian passou a mão no rosto e olhou para Richie, que só olhava pra frente, com o cigarro no canto da boca, sem coragem de dar o próximo passo. O medo começou a apertar no peito de Cassian.

— Fudeu, cara... — ele murmurou, mais pra si mesmo. — A minha subida... Eu não posso estragar tudo agora. Eu já tô tão perto, tão perto de chegar lá. E agora? Como que eu vou sair dessa merda?

Richie virou a cabeça, meio tenso. Ele sabia que Cassian estava mais nervoso do que queria admitir, e não era difícil entender o porquê. O garoto, com seus dezoito anos, ainda tava tentando se provar, se encaixar nesse mundo onde o medo nunca podia transparecer. E agora, com um velho no porta-malas e um carro quebrado, tudo parecia desabar.

Cassian respirou fundo e jogou a mão para fora do carro, pegando o cigarro que Richie tinha jogado no chão. Acendeu com a mesma mão, quase sem pensar. Estava ficando agitado. O cigarro queimava entre seus

dedos enquanto ele pensava no que Juno diria quando soubesse que ele tinha enfiado o pé na jaca dessa forma.

— Olha, a gente tem que resolver isso rápido. O velho, o carro... — ele olhou pra Richie, mais uma vez, tentando encontrar uma saída. — Não podemos deixar isso foder com a gente. Juno vai matar a gente se souber. Vai falar que a gente é fraco, que a gente não consegue segurar o trampo. Fudeu, Richie, fudeu tudo. Eu não posso... Eu não posso ser o cara que caga tudo antes de fazer o nome. Não posso ser esse cara.

Richie olhou para o carro, com um olhar de preocupação. Ele estava começando a se preocupar também. Não pelo velho, mas por eles. O que Juno diria? Eles tinham que sair dessa.

— Então, o que você quer fazer? Não dá pra dar a volta por cima assim, sem saber quem o velho é... Esse velho pode ser alguém foda, Cassian. Você já pensou nisso?

Cassian apertou os dentes, encarando o volante. Ele queria estar em outro lugar. Queria estar longe dessa situação. Mas a realidade era que ele estava enfiado até o pescoço nisso tudo. E a única maneira de sair era fazer o que os homens grandes fariam. Não podia recuar agora.

— Não posso voltar atrás, Richie. — Cassian disse, olhando fixamente para a estrada. — Não podemos. Tem que ser agora. Tem que ser uma porra de um golpe de mestre. Vai ver esse velho não tem ninguém atrás dele, vai ver ele é só um idiota com um carro caro. E, se não for... se ele for alguém, a gente vai dar um jeito. A gente vai fazer ele desaparecer e pronto. Ninguém vai saber de porra nenhuma.

Richie olhou desconfiado para o porta-malas, ainda com o braço do velho entreaberto. Ele queria sair daquela merda. Mas ao mesmo tempo, sabia que o que Cassian falava era verdade. Eles tinham que arranjar uma solução. Não podia ser agora que ele ia se acovardar.

— Tá. Então qual é o plano, Cass? Vamos matar o cara e seguir nossa vida? Como é que a gente faz isso sem ninguém saber quem ele é?

Cassian começou a andar em círculos ao redor do carro, passando a mão na cabeça, o cigarro queimando até o filtro. O suor começou a aparecer na sua testa. O nervosismo estava tomando conta dele. Ele queria mais do que qualquer coisa sair dessa estrada e voltar para a cidade, onde as coisas estavam sempre no controle. Mas agora? Ele não sabia mais.

— Vamos dar um jeito. Ele não pode voltar. Não pode contar quem somos. Se ele souber alguma coisa, estamos fodidos. A gente tem que

fechar esse capítulo logo. — Ele parou de andar, encarando Richie. — Melhor a gente fazer isso logo e sair fora, antes que alguém descubra que a gente fez cagada.

Richie não respondeu de imediato. Sabia que Cassian estava perdendo a cabeça, que ele estava começando a entrar em pânico. Mas também sabia que, se eles não agissem rápido, eles iam cair. Perder tudo. Então ele concordou com um simples movimento de cabeça.

Cassian se virou, e com uma rapidez nervosa, abriu o porta-malas. O velho estava lá, com a cabeça caída para um lado, mas os olhos abertos, ainda respirando.

— Merda, ele tá vivo... — Cassian resmungou. — Eu sabia que essa merda ia dar errado.

Richie olhou para ele, tentando entender o que estava acontecendo. Eles estavam ali, dois garotos de 18 anos, tentando sair da merda sem se afundar ainda mais.

Cassian olhou para o velho, que respirava com dificuldade. Ele sentiu uma raiva começar a tomar conta dele. O velho tinha que ser eliminado. Mas, ao mesmo tempo, um medo crescente apareceu. E se o velho tivesse algum poder? E se ele fosse alguém importante que pudesse ferrar com tudo?

Cassian, com a cabeça a mil, olhou para Richie e falou baixo, mais para si mesmo:

— Eu... eu não sei, cara. O que a gente faz?

O som do motor do carro da polícia quebrou o silêncio da estrada. Os faróis cortaram a escuridão, iluminando a poeira no ar. Cassian e Richie congelaram. — Ah, merda... — Richie sussurrou, a boca seca. Cassian olhou para o carro da polícia vindo lentamente pela estrada. O coração dele começou a bater forte no peito. Ele olhou para o velho no porta-malas, ainda respirando, o braço dele pendurado para fora. Ele olhou para Richie, que estava pálido. — Fodeu. — Eu sei que fodeu, Cass. Cala a boca. Eles não tinham tempo. O carro da polícia estava a uns cem metros e diminuindo a velocidade. O policial devia ter visto o Mercedes parado. — Tá, relaxa — Cassian disse, tentando parecer calmo, mas sua voz tremia. Ele bateu a porta do porta-malas, mas o maldito não fechou direito. Ele empurrou de novo. Nada. O braço do velho ainda estava ali, balançando. Richie olhava para o policial chegando, o suor escorrendo pelo rosto. — O que a gente faz? — Eu não sei, porra, eu não sei! O carro da polícia

parou a uns dez metros deles. O farol refletiu no rosto de Cassian, que jogou o cigarro no chão e pisou em cima. A porta do carro se abriu. Um policial saiu, ajeitando o cinto. Ele tinha uns cinquenta anos, meio barrigudo, cabelo ralo.

— Boa noite, rapazes.

Cassian e Richie trocaram olhares.

— Boa noite, senhor — Cassian respondeu, forçando um sorriso.

O policial passou os olhos por eles.

— Algum problema com o carro?

Richie assentiu rápido.

— Sim, senhor. Acho que superaqueeceu.

O policial não respondeu. Apenas puxou a lanterna do cinto e começou a inspecionar o carro. A luz passou pelo capô, pelas portas, e então parou no porta-malas. O braço do velho ainda estava para fora, meio escondido na sombra. O que o policial viu, foi apenas um vulto, mas não identificou o que era.

Cassian prendeu a respiração.

— O que é isso? — o policial perguntou, estreitando os olhos.

Cassian se colocou na frente do porta-malas e riu sem graça.

— Ah, isso? Isso aí é... um casaco. Meu tio sempre deixa aí. Velho desleixado, sabe como é.

O policial franziu a testa.

— Um casaco?... Abram o porta-malas.

O estômago de Cassian revirou. Richie engoliu seco.

— A gente perdeu a chave, senhor — Richie disse rápido.

O policial cruzou os braços.

— É mesmo? E como vocês iam sair daqui sem chave?

Cassian tentou pensar em algo, mas o sangue martelava nos ouvidos.

O rádio da viatura chiou.

"Central para unidade 23. Roubo à mão armada em andamento na 5ª com a Maple. Suspeitos armados."

O policial pegou o rádio.

— Aqui é a unidade 23, estou na rodovia 12. Precisa de reforço?

"Afirmativo. Todos disponíveis."

O policial não respondeu imediatamente. Ele olhou para Cassian e Richie de novo.

O silêncio ficou pesado.

Ele estreitou os olhos, analisando os dois como se estivesse memorizando cada detalhe.

— Vou lembrar de vocês.

A frase bateu como um soco. Richie segurou a respiração. Cassian engoliu seco.

O policial ficou parado por mais alguns segundos.

Então, como quem não queria nada, deu um leve passo para trás e, enquanto ajeitava o cinto, seus olhos passaram rapidamente pela placa do Mercedes. O polegar da mão livre deslizou discretamente pelo bloco de notas preso ao cinto. Ele anotou algo, sem pressa, sem alarde.

Ele levantou o olhar para os garotos e sorriu de canto.

— Espero que não seja nada ilegal. Vou checar essa placa depois.

Cassian e Richie ficaram duros. O policial apenas deu um tapinha no cinto, deu meia-volta e entrou na viatura.

A patrulha ligou a sirene e fez meia-volta, sumindo no horizonte.

O Mercedes ficou ali, roncando.

Cassian soltou o ar devagar. Richie acendeu um cigarro com a mão tremendo.

— Porra...

Cassian passou a mão no rosto, ainda sentindo a adrenalina queimando por dentro.

— A gente tem que dar o fora daqui.

Richie tragou fundo, olhando para o porta-malas.

— Antes que esse merda acorde de novo.

O silêncio dentro do carro era sufocante. O cheiro de fumaça e pólvora ainda estava no ar, misturado com o suor frio de Cassian e Richie. O policial tinha ido embora, mas aquele "Vou lembrar de vocês" ainda ecoava na cabeça deles.

Richie acendeu outro cigarro com as mãos tremendo.

— A gente tá fodido.

Cassian esfregou o rosto com força.

— Cala essa porra dessa boca, Richie.

O Mercedes estava morto no acostamento. O tiro no motor tinha ferrado tudo. O painel piscava, mas o carro não dava sinal de vida.

Richie bateu no volante, nervoso.

— Beleza, gênio, e agora? Vamos empurrar essa merda até em casa? Ou melhor, vamos chamar um guincho e pedir pro cara esquecer que tem um velho desmaiado no porta-malas?

Cassian tragou fundo o cigarro e soltou a fumaça devagar. Ele olhou pela estrada deserta, pensou por alguns segundos e então olhou para Richie.

— A gente precisa de um telefone.

Richie olhou para a escuridão ao redor. Não havia nada. Só árvores e estrada.

— Certo, mas cadê um telefone público?

Cassian olhou para trás, para a direção de onde tinham vindo.

— O último posto de gasolina foi o quê... uns três, quatro quilômetros?

Richie resmungou.

— Eu não vou andar quatro quilômetros no meio da porra do nada.

Cassian jogou a bituca do cigarro fora.

— E tem outra opção?

Richie ficou quieto. Ele sabia que não.

Os dois desceram do carro e começaram a andar pela estrada escura, os sapatos chutando cascalho. O vento frio da madrugada soprava forte, trazendo o cheiro de terra úmida.

Caminharam por uns trinta minutos até finalmente avistarem um pequeno posto de gasolina à beira da estrada. O letreiro de néon piscava, falhando a cada dois segundos. Só tinha um carro estacionado, um sedã azul velho, e a loja de conveniência estava fechada.

Mas havia uma cabine telefônica perto das bombas de gasolina.

— Aí está — Cassian apontou. — Vai lá.

Richie revirou os olhos.

— Por que eu?

— Porque eu não quero falar com o Eddie.

Richie bufou, pegou algumas moedas no bolso e foi até a cabine.

Discou o número.

Três toques.

Quatro.

Cinco.

— Que merda... — Richie resmungou.

No sexto toque, alguém atendeu. A voz de Eddie veio abafada e irritada.

— Quem caralho tá ligando a essa hora?

Richie engoliu seco.

— Eddie... é o Richie.

Silêncio.

— Ah, não. Eu já não gostei dessa merda.

— Relaxa, cara. A gente só precisa de uma carona.

— Carona? Pra onde?

Richie olhou para a estrada escura de onde tinham vindo.

— Só vem buscar a gente, tá legal? Explico no caminho. Estamos no — ele parou e olhou para o letreiro — GAS & GO, numa avenida deserta, estaremos uns quatro quilômetros a frente do posto, certo?

Mais silêncio.

Eddie suspirou.

— Vocês dois me dão dor de cabeça... Tô indo.

A linha caiu.

Richie saiu da cabine e encontrou Cassian encostado num dos postes, fumando.

— E aí?

— Ele vem.

Cassian soltou a fumaça pelo nariz.

— Agora a gente espera.

O tempo parecia não passar. O vento balançava as folhas secas pelo asfalto.

O Chevy verde surrado de Eddie parou no acostamento, e os faróis iluminaram Richie e Cassian, que estavam ali, meio suados, meio fodidos, como dois garotos que acabaram de se meter na pior merda das suas vidas. A janela desceu, e Eddie, com a cara de poucos amigos, o cigarro pendurado no canto da boca e os olhos pesados de quem já viu merda demais na vida, encarou os dois.

— Que porra vocês fizeram?

Richie passou a mão no rosto, nervoso.

— Eddie... cara... escuta...

— Eu *não* vou gostar dessa merda, vou? — Eddie resmungou, saindo do carro. Ele era um mecânico, mas não qualquer mecânico. Ele era o cara do Juno, o único que botava as mãos nos carros da família. O cara que consertava buracos de bala e se livrava de placas frias quando alguém precisava sumir do mapa.

Cassian soltou um riso nervoso e tentou aliviar.

— Depende... você gosta de carro com um buraco de bala no motor e um cara importante desmaiado no porta-malas?

Eddie congelou. Ele piscou duas vezes. Depois tirou o cigarro da boca e jogou longe.

— Vocês tão me fodendo.

Cassian e Richie ficaram quietos.

Eddie passou a mão no cabelo, andou dois passos pra frente, depois pra trás, depois respirou fundo e apontou o dedo pros dois.

— Vocês dois... são dois *idiotas*. Dois filhos da puta *imbecis*. Vocês têm ideia da merda que vocês fizeram?

— O motor levou um tiro — Cassian explicou, meio encolhido.

Eddie arregalou os olhos.

— *O motor levou um tiro?* Meu Deus do céu, vocês dois tão pedindo pra morrer. *Aquela porra é um Mercedes do Juno!* E agora tá com um tiro no motor?!

Richie ergueu as mãos.

— Não foi culpa nossa!

— NÃO FOI CULPA DE VOCÊS?! — Eddie gritou, batendo no próprio peito. — ENTÃO DE QUEM FOI?! DO ESPÍRITO SANTO?!

Cassian olhou para o porta-malas e depois para Eddie.

— Cara... só abre essa porra e vê o que tem lá dentro.

Eddie abriu o porta-malas e, no mesmo instante, empalideceu. Ele já sabia quem estava ali dentro, mas ver com os próprios olhos era outra história. Ele ficou imóvel, encarando o homem desacordado, como se estivesse olhando para um cadáver prestes a se levantar e condenar todo mundo à morte.

Ele fechou o porta-malas devagar. Não disse nada. Não xingou, não gritou. Apenas respirou fundo, olhou para Cassian e Richie, depois se virou de costas, colocou as mãos na cabeça e começou a andar em círculos.

Richie limpou a garganta.

— Eddie...

Nada.

Cassian trocou um olhar rápido com Richie antes de tentar de novo.

— Eddie... fala alguma coisa.

Eddie parou e virou devagar.

— Vocês... — Ele apontou um dedo trêmulo para os dois. Sua voz saiu baixa, mas carregada de puro veneno. — Vocês fizeram a maior cagada que já vi em toda a minha vida.

— Eddie, a gente pode...

— NÃO, NÃO PODEM. — Ele passou a mão pelo rosto, respirando fundo como se estivesse tentando controlar o impulso de sacar uma arma e resolver o problema ali mesmo. — Vocês *sabem* quem é esse cara?

Richie e Cassian ficaram em silêncio.

— Eu vou perguntar de novo... *vocês sabem quem é esse cara?*

— Sabemos que é alguém importante — Cassian respondeu, tentando parecer calmo.

Eddie soltou uma risada curta, incrédula.

— “Importante”... *importante?* — Ele apontou para o porta-malas. — Esse cara aí trabalha pros *Rosetti*.

O nome pesou no ar como um caixão sendo pregado.

Richie engoliu seco.

Eddie continuou, sua voz agora sem qualquer traço de paciência.

— Vocês acham que o Juno é um filho da puta perigoso, né? Acham que ele é um grande mafioso? Pois eu vou dizer uma coisa... o Juno é só um cachorrinho comparado com esses caras. Os *Rosetti* *comandam* Miami. Tráfico, jogo, extorsão... E eles não são como os italianos velhos da tradição, que respeitam códigos e regras. Eles matam por prazer. Eles arrancam braços. Cortam olhos. Colocam caras dentro de pneus e tacam fogo. E se esse *merda* sumir...

Ele olhou para Cassian e Richie com um olhar frio e cortante.

— Eles vêm atrás. E começam uma guerra.

Cassian sentiu o estômago revirar.

— Certo... e se ele aparecer e disser que a gente fez isso?

Eddie deu um sorriso torto, quase piedoso.

— Aí, meu amigo... você não precisa se preocupar com os *Rosetti*. O próprio Juno vai fazer questão de matar vocês primeiro.

O silêncio ficou sufocante.

Richie puxou um cigarro com mãos trêmulas.

— Tá. Então o que a gente faz?

Eddie ficou olhando para eles, como se estivesse considerando se valia a pena ajudar esses dois desgraçados ou se era melhor meter uma bala em cada um e acabar logo com isso.

Ele acendeu um cigarro, tragou fundo e soltou a fumaça pelo nariz.

— Primeiro... a gente dá um jeito nesse carro.

Ele olhou para o porta-malas.

— Depois... a gente torce pra esse filho da puta não abrir a boca quando acordar.

III

Essa Vida é Dura

Quando você tá nesse mundo tempo o bastante, percebe que as coisas só terminam de dois jeitos: ou você acaba morto, ou acaba preso. Todo mundo sabe disso. Mas quando tá lá dentro, com dinheiro no bolso, mulheres no seu colo e a polícia comendo na sua mão, você acha que pode ser diferente. Acha que vai dar um jeito. Que é esperto o bastante. Mas deixa eu contar uma coisa pra vocês... ninguém é esperto o bastante.

Eddie arrumou o carro. Eu não sei como, e pra ser sincero, eu nem quis saber. Ele pegou um dos garotos dele, um tal de Tony, um magrelo com as mãos sujas de graxa e um cigarro sempre pendurado no canto da boca. O desgraçado mexeu no motor por uns quinze minutos, trocou umas peças, fez uns truques que só ele entendia, e quando giramos a chave de novo... como mágica, o maldito ligou. Era como se nada tivesse acontecido.

O problema agora era o velho no porta-malas. O desgraçado acordou, mas, por um golpe de sorte divina, não se lembrava de nada. Não sabia onde estava, não sabia quem era, não sabia nem o próprio nome. Eddie achou isso engraçado. Disse que era uma chance única de resolver tudo sem que ninguém morresse. "Deixa ele num hospital, faz ele sumir, e pronto." Fácil assim.

Mas nada nesse mundo é fácil.

Depois daquela noite, eu comecei a me envolver mais e mais. Juno percebeu que eu não era só mais um idiota que pegava no volante. Eu fazia as entregas, sim, mas fazia bem. Rápido, discreto, sem erros. E

quando você faz um trabalho limpo, sem chamar atenção, sem deixar rastros, você ganha respeito.

No começo, modelos baratos, apenas pra teste. Mas eu peguei o jeito rápido. Sabia como destravar, como dar a partida sem chave, como mudar as placas em minutos. Logo, Juno me confiou os carros mais caros. Cadillacs, Lincolns, Impalas... eu pegava tudo. Levava pra um dos galpões dele no Brooklyn, e de lá os carros sumiam. Alguns iam pro Canadá, outros iam direto pro porto. Nunca perguntei. Nunca quis saber. Mas aí as coisas mudam. Sempre mudam.

Um dia, Juno me chamou pra um trabalho diferente. Ele me olhou e disse: — Cass, dirigir é uma coisa. Mas se você quer *subir*, tem que aprender a fazer o serviço completo. — Eu sabia o que aquilo significava. Você pode roubar o quanto quiser, mas pra ser alguém de verdade nesse mundo, precisa saber matar.

Foi assim que entrei de vez. Comecei a cuidar das cobranças. Gente que devia, gente que atrasava pagamento, gente que achava que podia enganar Juno. Primeiro, era só quebrar umas pernas. Depois, dar um susto. Mas um dia, chega a hora. Todo mundo tem sua primeira vez. A minha foi num beco atrás de um bar de strip em Hell's Kitchen. Um merdinha que achou que podia vender coca na cidade sem pagar pra Juno. Ele tava ajoelhado, chorando, implorando. Eu não queria atirar. Mas Juno tava ali, me olhando. E quando um cara como ele te olha daquele jeito, você só tem uma escolha.

Depois daquilo, tudo ficou mais fácil. Fui ganhando mais confiança, mais dinheiro. Tinha meu próprio apartamento no Upper West Side. Vestia ternos feitos sob medida. Bebia nos melhores clubes, dormia com as melhores mulheres. As portas se abriam quando eu passava. Até a polícia nos tratava diferente. Se nos pegavam com algo suspeito, bastava um maço de notas e eles esqueciam. Nova York era nossa.

Mas quanto mais alto você sobe, mais longe a queda.

Um dia, me chamaram pra um serviço grande. Roubo de carga. Cinco caminhões cheios de eletrônicos, direto do porto. O plano era simples. Interceptar os motoristas, trocar a papelada, levar os caminhões pro armazém do Juno e sumir com tudo. Mas alguém falou demais. Alguém abriu a boca pra alguém que não devia. E quando chegamos lá, a polícia já estava esperando.

Os tiros começaram antes mesmo de entendermos o que tava acontecendo. Vi caras caindo no asfalto, vi sangue jorrando, vi Richie tomar um balaço no ombro e cair gritando. E no meio da confusão, ouvi meu nome.

— *Cassian Delviano!*

Eu olhei e vi os distintivos. Vi as armas apontadas pra mim. E naquele momento, eu soube.

Acabou.

Eu poderia correr. Poderia puxar a arma e tentar um último tiroteio como nos filmes. Mas aquilo não era cinema. Na vida real, quando a polícia te encurrala, você só tem uma opção.

Levantei as mãos.

Eles me jogaram no chão. Algemaram minhas mãos com tanta força que achei que iam quebrar meus pulsos. Me jogaram dentro de uma viatura como um saco de lixo. E enquanto as sirenes gritavam e as luzes vermelhas e azuis piscavam pelo retrovisor, eu só conseguia pensar numa coisa.

Juno não ia me perdoar por isso.

Prisão não é lugar pra qualquer um. Quem tá lá fora acha que a pior parte é o tédio, a comida de merda, as grades. Mas não é. O que te quebra de verdade é outra coisa. É acordar todo dia sabendo que aquele vai ser o seu dia pelos próximos dez, quinze, vinte anos. Que aquele vai ser seu mundo.

Eu entrei na prisão em 1973. Treze anos. Treze anos trancado num buraco, cercado por ladrões, estupradores, assassinos. Gente que não tinha nada a perder. Gente que já morreu por dentro faz tempo.

Mas eu não tava sozinho. Richie entrou comigo. Meu melhor amigo. Meu irmão. E lá dentro, a gente precisava se segurar um no outro pra não ser engolido pelo sistema.

Juno nos garantiu que, se ficássemos quietos, se não fizéssemos besteira, ele daria um jeito de nos tirar dali antes do tempo. Ele sempre tinha um esquema, sempre conhecia alguém. Mas treze anos é muito tempo. Tempo demais pra um homem continuar sendo o mesmo.

A primeira semana foi um inferno. A gente chegou com a marca de novato na testa, e todo mundo queria ver do que éramos feitos. Tínhamos que escolher um lado rápido. Prisão é como a selva: ou você se junta a uma matilha, ou vira comida.

Juno garantiu que os caras iam nos proteger, eram de sua família, a família Petronelli, e eles nos protegeriam desde que fizéssemos nossa parte. Pequenos favores. Coisas simples. Levar mensagens, fazer algumas cobranças. Às vezes, quebrar um braço ou dois. Nada que eu já não tivesse feito antes.

Mas mesmo com proteção, você nunca tá realmente seguro. Tem sempre um desgraçado querendo provar que é mais fodido que você.

Richie sempre foi o cara mais cabeça quente entre nós dois. Ele não levava desaforo pra casa. Se alguém olhava torto, ele encarava. Se alguém falava merda, ele respondia. Foi assim que ele se meteu numa briga com Hector Santamana, o dono da prisão. Um traficante mexicano que comandava tudo lá dentro. Drogas, cigarros, até os guardas comiam na mão dele. Se você queria alguma coisa, tinha que passar por ele. Richie mandou ele se foder.

Era só questão de tempo.

Pegaram Richie no pátio, durante o banho de sol. Quatro caras seguraram ele. Santamana enfiou uma lâmina no estômago dele. Devagar. Uma, duas, três vezes. Richie cuspiu sangue, tentou reagir, mas já era. Eu vi tudo. Eu vi meu melhor amigo cair no chão, agonizando.

Algo dentro de mim estalou. Eu não pensei. Eu só agi.

Fui pra cima de Santamana antes que os guardas pudessem intervir. Peguei ele pelo pescoço e derrubei no chão. Eu devia ter batido, estrangulado, feito aquilo durar. Mas eu não queria que ele sofresse. Eu só queria que ele morresse.

Então enfiei meus dedos nos olhos dele. Senti os globos oculares explodirem como uvas podres. Ele gritou. Mas eu não parei. Enterrei meus punhos na cara dele até sentir os ossos rachando. Continuei batendo até meu braço doer, até meu rosto estar coberto de sangue.

Quando os guardas me arrancaram de cima dele, Santamana já não existia mais. Só um pedaço de carne ensanguentado no chão.

Eu sabia o que vinha depois. Eles me jogaram na solitária. Um buraco escuro, frio, onde eu fiquei por semanas. Mas eu não me importava. Richie tava no hospital da prisão, entre a vida e a morte. E eu sabia que, se ele saísse dessa, nunca mais ia ser o mesmo.

No fim, Richie morreu, e eu nunca me perdoei. Nunca. Eu perdi meu irmão naquela prisão. E eu sabia que, depois de tudo aquilo, eu também nunca mais ia ser o mesmo.

IV

Boas-vindas a Miami

Se tem uma coisa que eu aprendi na vida é que, quando você sai da prisão, o mundo que você conhecia já não existe mais. Tudo mudou. As pessoas, os lugares, os negócios. Mas se você jogou bem suas cartas, ainda há um espaço pra você. E foi exatamente isso que Juno me deu: um novo espaço. O Ano era 1986, eu sai da prisão, e Juno me jurou que tinha o trabalho perfeito para um homem que sonhava em ser grande, em Miami

— Cass, você vai gostar de Miami — ele disse ao telefone. — Sol, praia, mulheres. Mas não se engane, essa cidade é um lixão, e eu quero a minha fatia.

Ele me mandou pra supervisionar um grande negócio de drogas. Coisa grande, dinheiro grosso. Os Petronelli queriam expandir, e Juno confiava em mim pra garantir que tudo corresse bem. Mas antes de começar qualquer coisa, eu precisava de um nome limpo, precisava de documentos que me fizessem parecer um cidadão modelo. E foi aí que eu conheci Jammie Belmonte.

Miami em 1986 era um lugar onde tudo era possível. E quando eu digo tudo, eu quero dizer *tudo mesmo*. Se você tivesse dinheiro e contatos, poderia conseguir qualquer coisa: mulheres, armas, drogas, passaportes, até uma nova identidade. Era como Las Vegas, mas sem as regras.

Eu desci do avião com um terno claro, óculos escuros e uma mala de couro. O calor bateu na minha cara como um soco. Nova York podia ser cruel, mas pelo menos tinha estações do ano. Miami era um forno o ano inteiro.

Jammie me esperava no saguão do aeroporto. Eu nunca tinha visto ele antes, mas dava pra saber quem ele era a quilômetros de distância. Um sujeito magro, nariz pontudo, cabelo loiro lambido e um terno que, anos atrás, talvez tivesse sido caro, mas agora parecia um figurino de teatro. Ele segurava um copo de uísque — no meio do maldito aeroporto.

— *Cassian Delviano!* — Ele abriu os braços como se fôssemos velhos amigos. — O grande homem de Juno! Seja bem-vindo à terra do pecado, meu amigo.

Ele falava rápido, gesticulava muito. A cocaína brilhava nos olhos dele. Eu já conhecia o tipo. Um sujeito que já teve tudo, perdeu tudo, e agora só quer o suficiente pra continuar vivo e cheirando.

— Espero que tenha trazido boas notícias, Jammie.

— Boas notícias? *Cass*, eu sou as boas notícias! Já tenho tudo preparado. Documentos, identidade nova... Você agora é *Angelo Traversi*, um respeitável empresário de importação.

— Espero que esse "respeitável" não tenha ficha na polícia.

— Nem mesmo uma multa de trânsito, meu amigo. Agora vem, vou te levar pro seu novo lar.

A Cidade do Crime

Jammie me levou pelas ruas de Miami em um Cadillac conversível azul bebê, um troço chamativo pra caralho, mas naquela cidade, passava despercebido. O rádio tocava *Push It to the Limit* e tudo parecia saído de um filme barato. Carros esportivos passavam voando, mulheres de biquíni andavam pelas calçadas como se fosse normal, e traficantes faziam negócios à luz do dia.

— Então, Juno disse que você precisa supervisionar o negócio, certo?

— Isso mesmo.

— Bom, a coisa aqui é grande. Os colombianos mandam a mercadoria, os Petronelli distribuem. Simples. O problema é que tem muito tubarão nesse mar. Cubanos, colombianos, haitianos... Todo mundo quer um pedaço.

— Por isso que eu tô aqui.

Jammie riu. — *Cass*, eu gosto de você. Você tem aquele estilo antigo, mafioso de verdade. Esses caras aqui... Eles não têm respeito. Não seguem códigos. São selvagens.

Ele virou o carro e entrou numa rua menor, parando em frente a um prédio luxoso.

— Esse é seu novo apartamento. Cobertura, vista pro mar, tudo pago. Um presente de Juno.

— Que generoso.

— Ele quer você confortável. Mas, *Cass*, vou te dar um conselho... Aqui não é Nova York. Aqui, os caras jogam sujo. Eles não só matam você... Eles fazem questão de te transformar num exemplo antes.

Saí do carro e olhei ao redor. Eu sabia que Jammie estava certo. Em Nova York, um cara como eu sabia onde pisar, quem respeitar, quem temer. Em Miami, o jogo era outro. Eu estava no tabuleiro de um novo cassino. Mas se tem uma coisa que eu sempre soube fazer bem, era aprender as regras e jogá-las a meu favor.

Eu subi até meu apartamento, larguei a mala no sofá e fui até a sacada. O sol estava se pondo, tingindo o céu de laranja e vermelho. A brisa quente trazia o cheiro do oceano misturado com fumaça e gasolina.

Esse era meu novo reino. E eu estava pronto pra conquistá-lo.

V

Império De Pó

Cassian estava jogado no sofá de couro branco, no meio da sala luxuosa do seu novo apartamento em Miami. O lugar tinha paredes de vidro que davam para a praia, mármore por todo lado e um bar abastecido com mais garrafas do que ele conseguia contar. Tudo grana dos Petronelli. Tudo grana do tráfico.

Ele acendeu um cigarro, abriu um dos botões da camisa de linho e pegou uma garrafa de uísque no bar. O calor daquela cidade era sufocante, e mesmo com o ar-condicionado no máximo, ainda parecia que ele estava suando. Mas, por algum motivo, gostava daquilo.

O telefone tocou.

Não era um telefone qualquer. Era um *maldito tijolo*—um dos novos telefones móveis, do tamanho de um walkie-talkie militar, pesado e ridículo, mas que fazia um homem parecer poderoso. A máfia estava acompanhando os tempos.

Cassian pegou o aparelho e atendeu, encostando o cigarro no cinzeiro.

— *Pronto.*

A voz de Juno veio do outro lado, direta, seca, sem frescura.

— *Cass, como tá Miami?*

— *Quente pra caralho.*

— *Heh. Acostuma. Ouça, a negociação começa amanhã.*

Cassian apertou o cigarro entre os dedos.

— *Rápido assim?*

— *Esses colombianos não gostam de perder tempo. É amanhã à noite, num clube em South Beach. Você vai com o Jammie. O cara que você precisa conhecer se chama Salazar.*

Cassian ficou em silêncio por um segundo.

— Esse nome não me agrada.

Juno riu do outro lado da linha.

— *Nem o meu. Mas esses são os caras que tão trazendo os tijolos da Colômbia. São os melhores no que fazem. Só que eles são imprevisíveis, então eu quero você de olhos abertos.*

Cassian tomou um gole do uísque e respirou fundo. Ele sabia como esse tipo de coisa funcionava. Colombianos não eram como os mafiosos italianos, que tinham códigos, tradições, uma estrutura. Esses caras jogavam sujo.

— Beleza. E se der merda?

Juno fez uma pausa.

— *Se der merda, Cass, você faz o que sempre faz. Resolve.*

A ligação caiu. Cassian largou o telefone no sofá, pegou o cigarro de volta e ficou encarando a cidade lá fora. O neon refletia no vidro, as ruas cheias de gente, música latina tocando em algum lugar distante.

Miami era um jogo novo. Mas Cassian sempre soube jogar.

Cassian ficou ali por um tempo, olhando a cidade pela parede de vidro, o cigarro queimando entre seus dedos. O neon piscava lá fora, refletindo no chão de mármore, e ele sentia aquele calor grudando na pele.

Miami.

Seis anos atrás, ele estava trancado numa cela com cheiro de mofo, cercado de malucos que matariam um homem por um maço de cigarros. Na prisão, não importava quem você era lá fora. Não importava o dinheiro, o nome da sua família, as conexões. Era um mundo onde os fracos morriam primeiro.

Cassian aprendeu isso rápido.

Ele também aprendeu que a raiva era uma faca de dois gumes. Guardar demais te corroía por dentro. Soltar na hora errada te fazia sangrar. Então, ele começou a guardar. Engolir tudo.

A voz do Juno ainda ecoava na cabeça dele.

"Se der merda, você resolve."

Ele apertou o cigarro contra o cinzeiro, esmagando a brasa com força. Levantou-se, pegou a jaqueta e saiu.

Jammie Belmonte morava num prédio velho em Little Havana. O lugar fedia a cigarro, a carpete sujo, a fracasso. Cassian subiu as escadas sem

pressa, os passos ecoando pelo corredor estreito. Quando bateu na porta, ouviu um barulho lá dentro.

— *Já vai, caralho!*

A porta se abriu e Jammie apareceu. O cabelo desgrenhado, camisa aberta, olhos vermelhos. Cocaína. Cassian sentiu o cheiro de longe.

— *Cass!* — Jammie abriu um sorriso. — *Meu amigo italiano preferido! Entra, entra.*

Cassian passou por ele e olhou ao redor. O apartamento era um lixo. Cinzeiros cheios, garrafas vazias, uma fileira de carreiras de pó ainda montadas na mesa de centro. Um rádio chiava alguma música disco ao fundo.

Jammie se jogou no sofá e pegou um cigarro.

— *O que manda, chefe?*

Cassian ficou de pé, mãos nos bolsos.

— *Amanhã à noite, South Beach. Um clube. Você vem comigo.*

Jammie riu, acendendo o cigarro.

— *Eita. Primeiro dia e já vai pra dança, hein? Quem vamos encontrar?*

— *Um cara chamado Salazar.*

O sorriso de Jammie sumiu na hora. Ele deu uma tragada longa.

— *Colombiano?*

Cassian assentiu.

Jammie balançou a cabeça, rindo baixinho.

— *Esses caras não são como os Petronelli, Cass. Eles não jogam xadrez. Eles jogam roleta russa.*

Cassian pegou um cigarro e acendeu.

— *Então, é melhor eu não errar.*

Jammie soltou a fumaça e olhou pra ele. Algo na expressão de Cassian era diferente. Algo que não estava ali seis anos atrás, antes da prisão. Ele sempre foi esperto, sempre foi ambicioso. Mas agora... agora ele parecia outra coisa.

Frio.

Jammie olhou pra mesa, bateu as cinzas no chão.

— *Quer uma carreira?*

Cassian deu uma tragada longa e soltou a fumaça devagar.

— *Não.*

Jammie riu.

— *Tá ficando careta?*

Cassian apagou o cigarro no cinzeiro e olhou pra ele.

— Só não quero dar mancada com Juno.

Jammie percebeu. Cassian não estava brincando.

A prisão fez isso com ele.

VI

Just Business

O letreiro de néon piscava no alto do prédio, refletindo no capô brilhante do Mercedes preto. O ar cheirava a mar, suor e gasolina, e a música pulsava dentro do clube, abafada pela fila de gente esperando na porta.

Cassian saiu do carro e ajustou a jaqueta de linho branco. O Rolex pesava no pulso, a corrente de ouro descansava sobre a camisa de seda. Ele tirou os óculos escuros e olhou para o letreiro.

"El Paraíso"

Era aqui que os colombianos faziam seus negócios. Aqui que Salazar controlava o fluxo de cocaína que entrava e saía de Miami.

Jammie saiu do carro ao lado dele, ajustou a camisa amassada e coçou o nariz, e puxou uma maleta prata e pesada do carro.

— *Esse lugar fede a merda e dinheiro.*

Cassian deu uma olhada na fila. Loiras de vestido colado, traficantes de terno branco, políticos com gravatas frouxas. Todo mundo queria um pedaço desse paraíso de merda.

Os seguranças olharam para eles. Cassian não disse nada. Só encarou. O maior deles abriu caminho.

— *O chefe tá esperando lá dentro.*

Cassian passou direto, Jammie ao lado. O chão era de mármore preto, o teto coberto de lustres dourados. Garrafas de champanhe estouravam nas mesas VIP, meninas dançavam sobre as cadeiras, e a música batia forte no peito.

No fundo, numa área reservada, Salazar estava sentado, cercado por dois caras armados. Terno claro, charuto na boca, olhos de predador.

Cassian parou na frente da mesa.

Salazar abriu um sorriso e soltou a fumaça.

— *Então, você é o italiano que veio de Nova York pra brincar no nosso quintal?*

Cassian puxou uma cadeira, sentou sem pressa. Pegou um cigarro, acendeu.

— *E você é o colombiano que vende brinquedos pros meninos grandes?*

Os capangas se mexeram, prontos pra sacar as armas.

Salazar riu. Bateu a mão na mesa.

— *Gosto de você, gringo. Tem coragem.*

Cassian tragou o cigarro e soltou a fumaça pelo nariz.

— *Coragem não vende cocaína. Dinheiro vende.*

Salazar cruzou os braços, balançando a cabeça.

— *Você quer comprar ou vender?*

Cassian se inclinou para frente.

— *Eu quero abrir as portas de Nova York pra você.*

Salazar ficou em silêncio por um instante, encarando Cassian com olhos semicerrados. Então, ele sorriu, mostrando os dentes dourados.

— *Nova York, hein?* — Ele deu uma tragada no charuto, soltando a fumaça devagar. — *Gosto disso. Mas não sou um homem que se deixa levar por promessas vazias.*

Cassian pegou a maleta das mãos de Jammie e a colocou sobre a mesa. Com um clique, abriu-a, revelando maços de dólares perfeitamente organizados.

— *Isso aqui é só um aperitivo, Salazar. Um sinal de que estou falando sério. O verdadeiro dinheiro vem depois que fecharmos o acordo.*

Salazar olhou para o dinheiro e então para Cassian. Ele riu, batendo as mãos nas coxas.

— *Você tem culhões, italiano. Mas negócios como esse exigem mais do que dinheiro. Precisamos de confiança.*

Cassian acenou com a cabeça, entendendo o jogo. Antes que pudesse responder, um dos capangas de Salazar se aproximou e cochichou algo no ouvido do colombiano. A expressão de Salazar mudou, ficando séria.

— *Parece que temos companhia inesperada* — ele disse, apagando o charuto no cinzeiro dourado. — *Merda.*

Cassian sentiu um arrepio na espinha. Ele olhou para Jammie, que já estava suando.

— *O que está acontecendo?* — Cassian perguntou, mantendo a voz firme.

Antes que Salazar pudesse responder, tiros ecoaram do lado de fora do clube. O som de vidro se estilhaçando e gritos invadiu o salão.

— Emboscada! — Um dos capangas gritou, puxando a arma.

Cassian puxou Jammie pelo colarinho e se jogou atrás da mesa quando uma rajada de balas varreu o local. A música parou, e a boate virou um caos. Pessoas corriam, derrubavam garrafas e gritavam em pânico.

Os seguranças de Salazar responderam ao fogo, mas a emboscada era bem planejada. Homens armados com submetralhadoras invadiam o clube de todos os lados. As luzes de néon piscavam no caos, refletindo nas poças de sangue que se formavam pelo chão.

Cassian rastejou até um dos capangas caídos e pegou uma pistola. Jammie tremia ao lado dele, segurando a cabeça.

— Quem são esses caras? — Cassian gritou para Salazar, que estava atrás do bar atirando de volta.

— Rivais! Filhos da puta cubanos! — Salazar gritou de volta, recarregando sua pistola.

Cassian não tinha tempo para pensar. Ele levantou a cabeça por um segundo e disparou contra um dos atacantes, acertando-o no ombro. O homem caiu, derrubando uma mesa no processo. Jammie puxou Cassian pelo braço.

— Temos que sair daqui! — Ele berrou, o pânico evidente na voz.

Cassian olhou para a saída dos fundos, mas estava bloqueada por mais atiradores. A única chance era correr em meio ao tiroteio.

— No três, seguimos para a cozinha! — Cassian ordenou. — Um... dois... três!

Ele puxou Jammie pelo braço e correu, abaixando-se enquanto as balas zumbiam ao redor. Derrubaram cadeiras e passaram por corpos caídos, desviando de tiros até alcançarem a porta da cozinha. Cassian chutou-a com força e entraram.

O cheiro de óleo queimado e comida estragada preencheu o ar. Os cozinheiros já haviam fugido. Cassian trancou a porta com uma barra de ferro e olhou ao redor.

— Saída de emergência! — Jammie apontou para uma porta nos fundos. Sem hesitar, Cassian correu até lá e a empurrou. Eles saíram num beco estreito, onde o ar ainda carregava o cheiro do mar misturado com pólvora.

— O carro está na outra rua! — Jammie gritou.

Cassian puxou a arma e olhou para os lados. Nada ainda. Mas ele sabia que não estavam seguros.

— Vamos! — Ele ordenou.

Os dois correram pelo beco, saltando sobre sacos de lixo e pulando uma cerca baixa. Quando chegaram à rua, Jammie rapidamente puxou as chaves e destravou o Mercedes.

— Entra logo! — Ele gritou, já ligando o motor.

Cassian entrou e mal teve tempo de fechar a porta antes que os primeiros tiros comesçassem a vir na direção deles. O vidro traseiro estourou, espalhando cacos pelo banco de couro.

— Pisa fundo! — Cassian gritou.

Jammie girou o volante com força e arrancou, cantando os pneus no asfalto molhado. O carro disparou pela avenida enquanto os atiradores tentavam persegui-los em um sedã preto.

Cassian abaixou o vidro e apontou a arma para trás. Ele disparou três vezes, acertando o capô do carro inimigo. O motorista perdeu o controle por um instante, mas continuou vindo atrás.

— Merda, merda, merda! — Jammie gritava enquanto desviava dos carros na avenida.

Cassian continuou atirando até que um dos tiros atingiu o pneu do carro perseguidor. O sedã derrapou violentamente e bateu contra um poste, explodindo em chamas.

Jammie riu, aliviado, mas Cassian permaneceu sério.

— Isso não acabou — ele disse, ofegante. — Salazar não vai gostar dessa merda. E Juno...

Jammie engoliu em seco, sem dizer nada. Ele sabia que Cassian tinha razão.

Miami não perdoava os fracos. E agora, eles estavam no meio de algo muito maior do que imaginavam.

Cassian recostou-se no banco, sentindo o cheiro da pólvora impregnado em suas roupas. Seus olhos encontraram o horizonte iluminado pelas luzes vibrantes de Miami. Essa história estava longe de terminar. Ele precisava de aliados. E rápido.

Após dirigir por toda Miami até retornar ao apartamento de Jammie. Cassian estacionou o Mercedes preto na frente do hotel decadente onde Jammie morava. A fachada era suja, com neon piscando de forma errática,

algumas janelas quebradas e um cheiro forte de mijo e cigarro no ar. Um mendigo dormia na calçada, abraçado a uma garrafa de rum barato.

Jammie saiu do carro primeiro, esfregando as mãos suadas na camisa. Cassian bateu a porta com força e seguiu atrás dele, os sapatos caros ecoando no chão imundo do corredor. Entrou no quarto decadente, e Jammie se sentou numa pilha de lixo, e garrafas de vidro que ele chamava de sofá.

— Bem-vindo a Miami, amigo — disse com um tom aliviado, talvez por ainda estar vivo, ainda. — Relaxa, cara. Tem muito lugar pior — Jammie disse, indo até a mesa para pegar uma garrafa pela metade.

Cassian respirou fundo, esfregou a têmpora e olhou diretamente para ele.

— Cadê a maleta?

Jammie congelou no meio do gole.

— Hã... Bom... Então...

Cassian franziu a testa.

— Jammie... Cadê. A. Maleta?

Jammie passou a mão na nuca, visivelmente nervoso.

— Cara... Eu não consegui pegar. Na confusão, os filhos da puta atirando, eu corri... Eu tentei, juro, mas...

Cassian fechou os olhos e inspirou fundo. Depois, explodiu.

— SEU MERDA! VOCÊ TÁ ME DIZENDO QUE PERDEMOS O DINHEIRO TODO?!

— Cass, me escuta, cara, a gente pode dar um jeito!

— UM JEITO? UM JEITO?! O JEITO SERIA VOCÊ NÃO TER DEIXADO A MALDITA MALETA PRA TRÁS, SEU DROGADO INÚTIL!

Cassian agarrou Jammie pela gola da camisa e o empurrou contra a parede, com força. O rosto de Jammie ficou vermelho.

— Cass, calma! — ele tentou rir, nervoso. — A gente vai dar um jeito nisso, ok?

Cassian socou a parede ao lado do rosto dele, fazendo um buraco no reboco.

— Eu devia te encher de porrada até você aprender a não foder tudo!

Antes que Cassian pudesse continuar, um som metálico vibrou no bolso dele. O tijolo.

Ele soltou Jammie bruscamente, puxou o celular pesado e olhou a tela. Juno.

O sangue de Cassian gelou. Ele limpou o suor da testa com a manga da camisa, fechou os olhos por um segundo e atendeu.

– E aí, meu amigo! Como que foi? – A voz de Juno veio do outro lado da linha, animada, quase cantando.

Cassian sentiu a garganta secar. Ele olhou para Jammie, que ainda estava encostado na parede, pálido, e virou de costas.

– Juno... Eu... – Ele fechou os olhos e apertou o nariz. – Perdemos a maleta.

O silêncio do outro lado durou um segundo a mais do que Cassian queria.

– Como é que é? – O tom de Juno ainda parecia despreocupado, mas havia um peso estranho ali, como uma mola prestes a estourar.

Cassian engoliu em seco.

– Perdemos a maleta. O dinheiro. As drogas. Tudo.

Dessa vez, o silêncio veio como um soco no peito.

– COMO ASSIM VOCÊ PERDEU MEU DINHEIRO?! – Juno explodiu, a voz dele agora um trovão do inferno. – MEU DINHEIRO, CASSIAN! MEU! DINHEIRO!

Cassian afastou o telefone do ouvido, mas ainda conseguia ouvir Juno berrando como um lunático.

– QUE PORRA VOCÊ QUER DIZER COM “PERDEMOS A MALETA”?! VOCÊ TÁ ACHANDO QUE ISSO AQUI É O QUÊ?! UM CASSINO?! VOCÊ ACORDA DE MANHÃ, COÇA O SACO E PENSA “AH, TALVEZ EU PERCA UMA FORTUNA HOJE”?! É ISSO?!

Cassian respirou fundo, tentando manter a calma.

– Foi uma confusão, Juno. Os caras chegaram armados, teve tiroteio... A gente teve que correr.

– TEVE QUE CORRER?! VOCÊ FAZ IDEIA COMO ESSE NEGOCIO DE DROGAS IRIA SER IMPORTANTE PRA FAMILIA? NÃO, PORRA!

Cassian já tinha ouvido Juno puto antes, mas isso? Isso era outro nível.

– Você tem um mês, Cassian. UM. MÊS. Ou você me traz cada centavo dessa merda de volta...

A voz dele ficou mais baixa, mais fria.

– ...ou você vai desejar nunca ter saído daquela prisão.

A linha ficou muda.

VII

Mr. Mendez

Cassian chegou ao apartamento de Jammie após três dias, o cheiro de cigarro velho e uísque barato impregnando o lugar. Jammie abriu a porta com os olhos vermelhos, típico de quem não dorme há noites, e puxou Cassian para dentro, fechando rápido atrás dele.

— Precisamos conversar.

Cassian acendeu um cigarro, encostou-se na mesa e esperou.

— Meus contatos descobriram algo. Um cara tá ostentando demais desde a emboscada. Um velho lobo do tráfico, cubano. Ele já teve tudo, mas os colombianos tomaram o lugar dele. Ficou anos sumido, ferrado, sem dinheiro. Do nada, ontem à noite, o desgraçado meteu uma festa de milhões, champanhe, mulheres, carrões.

Cassian tragou fundo, soltando a fumaça pelo nariz.

— Isso não cheira bem.

— Pois é. Talvez esse filho da puta tenha sido parte da emboscada. Talvez ele tenha recebido uma bela fatia pra nos foder.

Cassian ficou em silêncio, processando a informação. Se isso fosse verdade, significava que a traição vinha de dentro do jogo. E quem quer que tenha puxado os fios, queria ver Miami em chamas.

— Nome? — Cassian perguntou, a voz fria.

Jammie sorriu de canto, pegando um copo de uísque.

— Raul Menendez. Aposto que já ouviu falar.

Cassian apertou os olhos. Não, ele não conhecia o nome.

— Onde eu encontro esse filho da puta?

Jammie tomou um gole e largou o copo na mesa.

— Ele vai estar num clube hoje a noite, em Miami Beach. Coisa fina. Só os grandes entram. Mas eu conheço um jeito de botar você lá dentro.

Cassian apagou o cigarro e se inclinou sobre a mesa.

— Então me coloca dentro, Jammie. Eu quero saber mais sobre esse filho da puta.

A La Perla brilhava sob o neon rosa e azul de Miami Beach, como uma miragem de luxo e decadência. O letreiro pulsava sobre a entrada, refletindo nas poças da última chuva. O mar não estava longe, e o cheiro de sal se misturava ao perfume caro das socialites e ao suor dos jogadores do submundo. Cassian desceu do Mercedes preto com a calma de quem já viu o inferno e voltou. Terno branco, camisa aberta no peito, Rolex no pulso. Ele puxou um cigarro, acendeu com um isqueiro dourado e olhou ao redor.

Segurança na porta, três caras parrudos de terno escuro. A fila de clientes de alto nível se estendia até a calçada. Cassian ignorou tudo isso. Caminhou direto, o cigarro pendendo no canto da boca.

— Tá fechado — disse um dos seguranças.

Cassian soltou a fumaça no rosto dele.

— Não pra mim.

O segurança hesitou. Havia algo no olhar de Cassian, algo afiado, algo que dizia que ele não era um turista idiota vindo gastar dinheiro. O outro segurança sussurrou algo no ouvido do primeiro. Cassian pegou uma nota de cem e colocou na mão do cara.

— Abre essa porra.

A porta se abriu.

Cassian entrou.

Música alta. Salsa, rumba, sintetizadores. O ambiente era uma selva de luz e sombras, cheia de mulheres de vestidos justos e homens de terno com olhos famintos. Cassian não olhava para os corpos suados na pista de dança, nem para as garrafas de champanhe explodindo nas mesas VIP. Ele tinha um alvo.

O bar ficava no fundo, um balcão de mármore com uma fileira interminável de garrafas refletindo a luz vermelha dos holofotes. E ali, no centro da cena, Liliana.

Ela era um veneno. Vestido justo dourado, pele morena reluzente, cabelo preto escorrido nas costas. Seu sorriso era uma lâmina. Cassian se

aproximou devagar, apoiando o cotovelo no balcão. O barman nem perguntou — já serviu um rum escuro num copo curto.

Liliana percebeu. Olhou de lado, sorriu sem mostrar os dentes.

— Você não é daqui.

Cassian girou o copo na mão.

— E você percebe rápido.

Ela riu, mas os olhos estudavam ele. Cassian sabia o que ela estava pensando. Se ele era um policial. Se era um playboy metido a traficante. Se era um problema.

Ele tomou um gole do rum.

— Eu procuro um amigo. Raul Mendez.

O sorriso dela se apertou.

— E por que acha que eu conheço Raul?

Cassian riu, como se ela tivesse contado uma piada boa.

— Porque eu conheço homens como Raul. E homens como Raul sempre têm mulheres como você.

Ela cruzou as pernas devagar. Deu um gole no próprio drink.

— E por que eu ajudaria você?

Cassian colocou uma nota de cem no balcão. Depois mais uma. E mais outra.

Ela olhou o dinheiro, depois para ele.

— O que você quer saber?

Cassian inclinou-se mais perto, o cheiro do rum e da fumaça de cigarro entre eles.

— A maleta. A que estava com Salazar. Raul pegou, não foi?

Liliana brincou com o canudo no copo. Seus olhos escuros não diziam nada, mas suas mãos diziam tudo. Ela desviou o olhar para o andar de cima. Cassian seguiu o olhar dela e viu três caras sentados numa mesa VIP, observando a boate com desinteresse.

Os homens de Raul.

Liliana voltou a olhar para Cassian.

— Estúdio de música, Little Haiti. Raul não lida com trocados. Se essa maleta chegou até ele, então tá sendo lavada junto com toneladas de dinheiro sujo.

Cassian absorveu a informação, mas não teve tempo de reagir. Os três homens da mesa VIP começaram a se levantar. Um deles apontou discretamente na direção do bar.

Merda.

Cassian olhou para Liliana.

– Se quiser continuar bonita, é melhor me ajudar agora.

Ela piscou duas vezes. Então Cassian jogou o copo cheio no rosto de um dos capangas.

O bar explodiu em caos. O segurança atingido tropeçou para trás, puxando um revólver. Cassian se abaixou no exato segundo em que um soco atravessou o ar acima dele. O barman gritou. Uma garrafa de tequila voou e quebrou em um milhão de pedaços.

Liliana se encolheu, mas Cassian segurou a mão dela.

– Vem comigo.

Ele a puxou para a pista de dança, onde corpos se mexiam ao ritmo da música alta. As luzes estroboscópicas cortavam o ambiente em flashes brancos e vermelhos. Cassian segurou Liliana firme, conduzindo-a pela multidão. Os capangas estavam vindo. Mas ali, no meio da pista, eles eram só mais um casal dançando.

Liliana se deixou levar. Seu corpo colado no dele, seguindo o movimento. Os capangas passaram direto, procurando nas áreas VIP e nos corredores laterais. Cassian aproveitou.

Chegaram perto da saída dos fundos.

Liliana olhou para ele.

– Você é maluco, italiano.

Cassian abriu a porta de emergência.

– E você é bonita demais pra morrer aqui.

A porta bateu atrás deles. O ar quente da noite de Miami os envolveu.

A La Perla ficava em uma viela estreita, onde apenas um carro cabia por vez. Um Chevy Caprice azul-marinho estava estacionado no beco.

Cassian reconheceu as placas. Um carro seguro.

Ele abriu a porta para Liliana.

– Sobe.

Ela hesitou.

– O que vai fazer agora?

Cassian entrou no carro, deu a partida e olhou para ela com um meio sorriso.

– Achar o Raul. E pegar o que é meu.

Liliana mordeu o lábio, pensativa. Então entrou no carro e fechou a porta.

Cassian acelerou.

A noite ainda não tinha acabado. E Cassian partiu rumo ao apartamento de Jammie Belmonte.

Ao chegar, Cassian entrou batendo a porta com força. O apartamento de Jammie estava um caos. Neon roxo e azul pulsando nas paredes, música lounge tocando baixo num toca-discos de última geração. A sala cheirava a cigarro cubano, whisky caro e cocaína recém-cortada. Cassian passou a mão no rosto, tirou o paletó e jogou sobre um sofá de couro branco. Jammie estava esparramado em uma poltrona, vestindo apenas um roupão de seda vermelho, um pé descalço e o outro ainda de meia. Seus olhos estavam vermelhos, as pupilas dilatadas como um homem que conversou com Deus e o Diabo na mesma noite. Ele segurava um cartão de crédito prateado e deslizava sobre um espelho coberto de pó branco.

— A maleta. — Cassian disse entre os dentes, servindo-se de um copo de whisky. O gelo tilintou como um aviso.

— Foi pro caralho. Tá num estúdio em Little Haiti.

Jammie inclinou a cabeça, tragou o resto da carreira de pó e suspirou, relaxando o corpo como se tivesse acabado de gozar.

— Little Haiti? — ele riu, coçando o nariz. — A porra do Estúdio Storm Sound Studio? Cass, você se meteu no meio de um furacão de cocaína, meu chapa.

Cassian jogou o copo na parede. O vidro espatifou.

— Eu sei com quem tô lidando, porra! Fala logo, o que tem nesse estúdio? Jammie lambeu os lábios, mexeu no roupão, pegou mais um cigarro e acendeu com as mãos trêmulas. A coca o deixava falante, mas paranoico.

— Ouvi dizer que era um estúdio de música. Lugar onde os cubanos fazem negócios. Mas é muito, muito mais que isso, Cass.

Ele tragou fundo, exalou a fumaça devagar.

— O Storm Sound pertence a um cara chamado Montoya. Rico, sofisticado, perigoso pra caralho. Ele usa o estúdio como fachada. Você entra lá e vê os rappers gravando, os músicos dominicanos tocando salsa... Mas por trás das paredes?

Jammie deu uma risada nervosa, apontando o cigarro para Cassian.

— É uma porra de uma cidade dentro da cidade. Cocaína, heroína, armas. Montoya abastece metade da Costa Leste dali. Você quer recuperar sua maleta? Vai ter que passar por gente que tem um exército dentro daquele lugar. Gente que mata por menos que um olhar errado.

Cassian respirou fundo, massageou as têmporas.

– Como eu entro lá sem morrer?

Jammie riu de novo. Riu porque estava fodido demais pra se importar.

– Você não entra, Cass. Você se infiltra.

Cassian pegou seu paletó do sofá. Sua mente já trabalhava num plano. Ele foi até o bar, serviu um gole de whisky e virou de uma vez.

– Então me arranja uma entrada, Jammie.

Jammie coçou o nariz, esfregou as mãos, meio eufórico, meio apavorado.

– Você é maluco. Mas eu conheço alguém... um produtor chamado Rico Chavez. Faz as ligações entre os músicos e o tráfico. Se alguém pode te colocar lá dentro, é ele.

Cassian sorriu de lado, pegou um maço de cigarros e colocou um entre os lábios.

– Me passa o contato.

Jammie passou a língua nos lábios, pensou um pouco e soltou um riso rouco.

– Isso vai te matar, italiano.

Cassian acendeu o cigarro, tragou e soltou a fumaça devagar.

– Se for hoje, então hoje eu morro bonito.

Lá fora, a cidade de Miami ainda brilhava.

VIII

Música ruim e Drogas

MIAMI. O CÉU ROXO. As luzes dos letreiros refletiam nas ruas molhadas. Uma Ferrari Testarossa vermelha cruzava os becos abafados de Little Haiti, passando por paredes cobertas de grafites, gente vendendo merda nas esquinas e putas esperando o próximo cliente. Cassian estava no banco do passageiro, vestindo um terno bege italiano, óculos escuros Ray-Ban e um cigarro queimando entre os dedos. A cidade passava como um borrão neon.

— Você já esteve no Storm Sound? — perguntou, sem olhar pro motorista. O cara ao volante era Rico Chavez. Um produtor musical com uma barriga que saltava pela camisa de seda aberta, dentes dourados, cabelo ensebado e uma corrente de ouro que parecia falsa demais pra ser real. Ele falava sem parar.

— Ah, amigão, o Storm Sound não é só um estúdio. Aquilo ali é o Vaticano da música e da cocaína, entende? Todo rapper fodido já gravou lá. Mas sabe o que mais tem lá? Um mar de pó branco e um bando de caras armados até os dentes.

Cassian tragou o cigarro, exalou devagar.

— E Montoya?

Rico riu, girando o volante com uma mão e segurando uma garrafa de rum na outra. Ele era um idiota. Um idiota útil.

— Montoya? Pff... ele é tipo o Papa desse Vaticano, parceiro. Ele tem tudo sob controle. A máfia cubana, os colombianos, até a polícia. Você não mexe com esse cara, a não ser que queira virar picadinho no fundo do mar. Cassian olhou pela janela. O Storm Sound já estava à vista. O prédio parecia uma fortaleza.

– Me coloca lá dentro.

Rico engoliu um gole de rum e limpou a boca com a manga da camisa.

– Relaxa, italiano. Eu sou VIP ali. Todo mundo me conhece. Sabe quem produziu o primeiro disco do Big Louco? Eu, porra! Quer dizer, ele foi morto antes de lançar, mas isso não vem ao caso.

Cassian bufou. Esse cara ia acabar fodendo tudo.

Os graves da música faziam o chão tremer. O letreiro piscava em vermelho e azul. Seguranças cubanos estavam espalhados pela entrada, armados, observando cada pessoa que passava pela porta de vidro espelhada.

Rico saiu do carro primeiro, abrindo os braços como se fosse dono da porra toda.

– Rico Chavez chegou, filhos da puta! Alguém me traz um drinque? Os seguranças nem se mexeram. Um deles, um brutamontes de terno azul-claro e óculos de sol, cruzou os braços.

– Chavez... você tá cheirando a bebida de novo.

– E você tá cheirando a merda, meu chapa. Agora abre essa porra dessa porta, que eu tenho um convidado especial.

O segurança olhou pra Cassian.

– Quem é esse?

Cassian tirou os óculos, ajeitou o paletó e olhou direto nos olhos do brutamontes.

– Um amigo do dinheiro.

Silêncio. Então o segurança deu um passo pro lado e abriu a porta.

– Entrem.

Cassian passou direto, Rico tropeçou na própria camisa e riu como um imbecil.

– Eu falei, irmão! Todo mundo me conhece!

Cassian revirou os olhos. Ele sentia que aquela noite ia acabar muito, muito mal.

Neon rosa e azul iluminava tudo. O cheiro de cigarro, uísque e perfume caro misturava-se ao som de uma batida de hip-hop. O lugar estava lotado. Rappers com correntes pesadas, modelos em vestidos brilhantes, traficantes cubanos rindo alto.

Cassian e Rico caminharam pelo corredor estreito, onde portas blindadas escondiam salas privadas. Era um labirinto de luxo e crime.

Rico virou-se pra Cassian, já meio tonto de tanto beber.

— Ó... fica frio. Se alguém perguntar, você é meu primo italiano. Seu nome agora é... sei lá, Giuseppe.

Cassian bufou.

— Cala a boca, Chavez.

A batida eletrônica pulsava nas paredes, enquanto Cassian caminhava pelo Storm Sound. O lugar não era um labirinto de salas secretas como ele imaginava. Aquilo era só um estúdio. Um único espaço, amplo, com paredes acolchoadas e letreiros de neon refletindo nos azulejos brilhantes do chão. Microfones, amplificadores e sintetizadores estavam espalhados pelo lugar, mas Cassian sabia que a música era só a fachada. Ele observava tudo, tentando entender o esquema. Onde estavam escondendo a maleta?

As pessoas ali eram um espetáculo à parte: rappers exageradamente bem-vestidos, traficantes cubanos misturados com modelos desinteressadas, produtores com correntes de ouro pesadas demais para serem verdadeiras. E no canto, alguns figurões do crime local, todos conversando baixo, bebendo rum ou inalando carreiras de cocaína em vinis antigos.

Cassian manteve a postura discreta. Andou até o bar, pediu um uísque. Enquanto bebia, jogava conversa fora com alguns músicos, tentando arrancar informações sem parecer desesperado.

— Esse estúdio sempre tem esse movimento?

O bartender, um cubano velho com um charuto nos dentes, riu.

— Esse estúdio nunca dorme, amigo. Se não tem música, tem negócios. E se não tem negócios, tem confusão.

Cassian fez que sim com a cabeça, girando o gelo no copo.

— Ouvi dizer que um malote passou por aqui hoje. Algum figurão trouxe. O velho estreitou os olhos.

— Sei de nada, jefe. Mas se alguém souber, é aquele bando de doidos ali no canto.

Cassian seguiu o olhar do bartender e viu o caos encarnado: quatro figuras largadas em um sofá de couro, visivelmente fora de si. A música ao vivo estava desligada, mas aqueles caras pareciam ter feito um show particular para eles mesmos.

A Wave Burn.

Cassian se aproximou devagar. O cheiro de álcool, cigarro e suor misturava-se ao cheiro azedo de drogas baratas.

Rocky Jackson, o vocalista, estava derrubado no sofá, segurando uma garrafa de Jack Daniel's e murmurando uma melodia sem sentido. Cabelo desgrenhado, camisa de couro suada, botas sujas.

Tommy Malone, o guitarrista, girava uma palheta entre os dedos e encarava o teto, rindo sozinho de algo que ninguém mais entendia. Ricky Steel, o baixista, estava com a cabeça enterrada entre as mãos, respirando pesadamente como se estivesse à beira de um colapso. Havia vestígios de pó branco no nariz.

E Danny Cooper, o baterista, batia as baquetas no braço do sofá, olhos vermelhos como brasas, com uma expressão de puro delírio. Cassian se aproximou e Rocky Jackson ergueu o olhar, semicerrando os olhos para tentar focar.

— Quem caralho é você, brother? — a voz dele era arrastada pelo álcool e pelas drogas.

Cassian não sorriu. Apenas pegou um cigarro e acendeu com calma.

— Alguém que pode ajudar vocês.

Tommy riu.

— É mesmo? A gente tá fodido, meu chapa. Tem alguma coisa melhor que essa? — ele gesticulou para as garrafas e carreiras de cocaína sobre a mesa.

Cassian se inclinou um pouco, deixando a fumaça do cigarro escapar devagar.

— Talvez. Depende. Ouvi dizer que uma maleta passou por aqui hoje. E que alguém daqui sabe onde ela foi parar.

O clima ficou pesado na hora.

Danny parou de bater as baquetas. Ricky Steel levantou a cabeça, olhos arregalados. Rocky Jackson soltou uma risada, mas ela morreu na garganta.

Cassian percebeu. Eles sabiam de algo.

Rocky passou a mão no cabelo suado.

— Você tá mexendo em coisa perigosa, parceiro.

Cassian tragou o cigarro.

— Não sou eu que tô fodido aqui, parceiro.

Rocky olhou pros outros caras da banda. Eles estavam apavorados.

Cassian acabava de achar o fio da meada.

Rocky Jackson estalou a língua e olhou para os outros. Eles trocavam olhares nervosos, como se soubessem que estavam se metendo em algo grande demais para a própria sanidade.

— Olha, cara... a gente sabe de algo. Mas não vamos te contar assim, de graça. Tem um negócio que precisamos resolver primeiro. Cassian arqueou uma sobrancelha.

— Negócio?

Tommy Malone sorriu, um sorriso torto, meio bêbado.

— Chamamos de pagar uma dívida. Mas você pode chamar de tirar nossa bunda da mira de uns malucos. Isso soa mais apropriado?

Cassian suspirou. Ele já sabia onde isso ia dar.

— Tô ouvindo.

Ricky Steel olhou para os lados, baixou a voz.

— Seguinte... a gente devia uma grana para um produtor cubano. Tipo, muita grana. Esse cara financiou nosso último show, investiu pesado... e nós meio que...

— Gastamos tudo em cocaína e prostitutas. — Danny Cooper completou, com um tom de voz tão casual que parecia que estava falando sobre o clima.

Cassian esfregou o rosto.

— Claro que gastaram.

Rocky sorriu, apontando para Cassian com o copo de uísque.

— Viu? Eu gosto desse cara.

— Foda-se se você gosta de mim. Continua.

Ricky pigarreou.

— Então... o tal do cubano não curtiu muito. Mandou uns capangas atrás da gente, e, uh... nós prometemos pagar. Mas, veja bem, a gente não tem dinheiro.

Cassian tragou o cigarro, impaciente.

— E onde eu entro nessa merda?

Tommy se inclinou.

— A gente não tem dinheiro, mas tem algo que eles querem: um conversível vintage. Um puta carro, um Phoenix vermelho com faixas brancas. Mas... digamos que a gente não pode pegar ele pessoalmente.

— Por quê?

Rocky sorriu, coçando o queixo.

— Porque o carro tá com um sujeito chamado Ramón Ortega. Ele é dono de um clube de salsa em Little Havana e... bem, a gente meio que comeu a mulher dele.

Cassian piscou.

— Vocês tão de sacanagem.

— Eu queria que estivéssemos, cara. — Tommy sacudiu a cabeça. — O cara nos jurou de morte. Ele pegou o carro e agora tem capangas vigiando o lugar 24 horas. Se a gente for lá, é bala no peito. Mas você... Rocky apontou para Cassian.

— Você pode pegar o carro.

Cassian riu de leve, sem humor.

— E por que caralhos eu faria isso?

Danny bateu as baquetas na mesa, como se fosse óbvio.

— Porque a gente entrega o que sabe sobre a maleta.

Cassian ficou em silêncio por um momento. Ele encarou aqueles quatro imbecis completamente fodidos de drogas e más decisões. Isso parecia algo saído direto de um pesadelo neon dos anos 80.

Ele soltou a fumaça devagar.

— Onde fica esse clube?

Rocky abriu um sorriso largo.

— Isso que eu gosto de ouvir, parceiro. Vem comigo, vamos te mostrar o caminho.

Cassian pegou a chave do carro. Aquilo estava prestes a virar um problema muito maior do que deveria.

IX

Neon, Perigo e Rock 'n' Roll

Cassian dirigia o Dodge Van 1980 da banda pelas ruas quentes de Miami, o motor roncando sob o barulho infernal que vinha de dentro. As janelas estavam abertas, deixando entrar o ar carregado de maresia e fumaça de escapamento. Neons rosa e azul piscavam no para-brisa sujo, refletindo nos rostos suados dos desgraçados no banco de trás. O rádio chiado tocava um sintetizador pulsante, o tipo de música que um figurão da máfia ouviria enquanto fazia negócios sujos num iate cheio de cocaína e garotas de biquíni fluorescente. Mas a verdadeira trilha sonora era a gritaria dentro da van.

— Cara, isso é tipo um filme fodão dos anos 80! — Rocky berrou, batendo no teto do veículo. — Missão suicida, dirigindo uma porra de uma lata velha direto pro covil de um maluco fodido!

— Se for um filme, espero que seja pornô, porque eu sou a estrela! — Ricky gargalhou, dando um gole generoso numa garrafa de rum barato. Cassian apertou o volante, irritado.

— Se vocês pudessem calar a porra da boca por um segundo — Tarde demais.

Rocky puxou um violão surrado e adesivado de sabe-se lá onde e começou a tocar freneticamente. Tommy entrou com um riff de guitarra imaginário, e Ricky começou a bater os punhos no painel da van como se fosse uma bateria.

— OH YEAH, ESSA É A PORRA DO HINO DA WAVE BURN! — Rocky gritou antes de soltar os primeiros versos:

“EU TÔ TRÊS DIAS SEM DORMIR, CHEIREI O ALUGUEL TODO!”

“PEGUEI A ESPOSA DO RAMÓN, AGORA EU VOU MORRER, OH YEAH!”

“MEU NARIZ SANGRA, MEU CORAÇÃO FALHA!”

“MAS EU AINDA CONSIGO TOCAR GUITARRA!”

— PUTA MERDA! CALA A BOCA! — Cassian berrou, acelerando como se isso fosse ajudá-lo a fugir do inferno sonoro.

Mas os desgraçados só cantavam mais alto.

“SE O RAMÓN ME PEGAR, ELE VAI ME ESPANCAR!”

“MAS SE EU NÃO PEGAR O PHOENIX, O QUE VOU DIRIGIR?”

“MINHA VIDA É UMA MERDA, MAS PELO MENOS EU NÃO SOU VOCÊ!”

— Mas que porra é essa?! — Cassian murmurou, desviando de um conversível enquanto os caras quebravam a porra da van com a “performance”.

Danny bateu a cabeça no vidro repetidamente, os olhos vidrados.

— FODA-SE, EU AMO ESSA MÚSICA!

A van desceu a Ocean Drive a toda velocidade, passando por fileiras de hotéis com luzes vibrantes piscando como se a própria cidade estivesse drogada.

Foi quando Cassian viu.

O letreiro de um clube cubano brilhou à frente, em dourado chamativo: “El Ritmo de Oro”.

— Aí está o antro do Ramón! — Tommy apontou, tentando apagar um cigarro no banco de trás e quase botando fogo na porra do carro. Cassian respirou fundo.

O que caralhos ele estava fazendo?

A Dodge Van parou na esquina oposta ao clube El Ritmo de Oro. O lugar pulsava ao som de percussão acelerada e metais vibrantes, um verdadeiro inferno sonoro de salsa e reggaeton. A entrada principal estava tomada por casais bem vestidos, mafiosos de Little Havana e turistas idiotas que queriam sentir “a verdadeira Miami”. Mas Cassian não estava ali pela música. Ele estava ali pelo Phoenix vermelho com faixas brancas, estacionado bem na frente do clube, brilhando sob os holofotes do letreiro de neon.

Os seguranças ao redor do carro pareciam brutamontes tirados de um cartel colombiano — ternos justos, óculos escuros, armas visíveis sob os paletós. Cassian contou quatro. Nada impossível, mas o suficiente para dar dor de cabeça.

No banco de trás do carro, os membros da Wave Burn pareciam estar em um universo paralelo.

— Olha essa porra! Esse clube é bonito demais pra um merda como Ortega! — disse Ricky Steel, acendendo um cigarro.

— Miami, bebê! O lugar onde os pobres dançam pra esquecer que são pobres! — Rocky riu, jogando a cabeça pra trás.

Cassian virou para trás, sério.

— Escutem. Eu vou lá, faço o meu trabalho, e vocês ficam aqui, CALADOS. Sem merda, sem música, sem chamar atenção.

Danny Cooper, o baterista, levantou as mãos.

— Relaxa, irmão! A gente é profissional!

— Vocês são um bando de viciados irresponsáveis.

— É o mesmo conceito! — Tommy riu.

Cassian respirou fundo, saindo do carro e atravessando a rua. Cassian caminhou até o estacionamento, passando pelos seguranças com a confiança de quem pertencia ao lugar. A chave para aquele tipo de trabalho era simples: agir como se nada fosse errado.

Um dos brutamontes olhou para ele de cima a baixo.

— Qué pasa, amigo?

Cassian tirou um cigarro do bolso, colocando nos lábios.

— Tranquilo, hermano. Ortega mandou pegar o carro. Disse que ia precisar dele depois do show.

O segurança franziu a testa.

— Ortega não disse nada pra gente.

Cassian acendeu o cigarro e sorriu.

— Isso porque ele não confia em vocês pra guardar segredo. Os brutamontes se entreolharam. Um deles pegou um rádio e começou a falar algo em espanhol. Cassian já sabia: se Ortega estivesse lá dentro, aquele truque não ia durar nem cinco minutos.

Tempo de plano B.

Ele jogou o cigarro aceso direto no rosto do segurança e, antes que o cara pudesse reagir, deu um soco seco no nariz, quebrando-o de imediato. O segurança caiu pra trás, segurando o rosto ensanguentado.

— ¡Hijo de puta! — gritou um dos outros.

Dois dos capangas sacaram pistolas, mas Cassian já estava em movimento. Ele chutou a perna de um, derrubando-o no chão, e tomou a arma do outro, acertando-o com uma coronhada na têmpora.

O quarto segurança sacou uma Mac-10, mas antes que pudesse atirar, Cassian mergulhou atrás do Phoenix, sentindo as balas passarem por cima dele.

A confusão no estacionamento começou a atrair atenção. Pessoas na entrada do clube começaram a gritar. Cassian não tinha tempo. Ele abriu a porta do Phoenix, puxou os fios da ignição e começou a fazer a ligação direta.

— Vamos, vamos, vamos...

As luzes do carro piscaram. O motor rugiu.

Cassian engatou a primeira e acelerou com tudo, batendo num dos seguranças que tentava se levantar.

O segurança da Mac-10 abriu fogo, metralhando o carro. O vidro traseiro estilhaçou.

Cassian pisou fundo, cantando os pneus enquanto saía do estacionamento.

Cassian mal tinha pisado fundo no acelerador do Phoenix vermelho quando ouviu pneus cantando atrás dele. A Dodge Van 1980 da banda Wave Burn arrancou com tudo, atravessando a rua e indo atrás dele.

— VAMOS, PORRA! VAMOS VER ESSA LOUCURA DE PERTO! — Rocky Jackson gritou, socando o painel.

— VOCÊ TÁ MALUCO?! A GENTE TEM QUE DAR O FORA DAQUI! — Ricky Steel segurou a cabeça com as duas mãos, os olhos arregalados.

— É ISSO QUE A GENTE TÁ FAZENDO, SEU MERDA! MAS A GENTE NÃO PODE PERDER O ESPETÁCULO!

Tommy, no banco do passageiro, abriu o porta-luvas e encontrou uma garrafa de rum barato. Ele tirou a rolha com os dentes e deu um gole antes de apontar para trás.

— AI, CARALHO! OLHA ISSO!

Os capangas de Ortega não ficaram pra trás. Três carros escuros saíram rasgando do estacionamento, acelerando pela avenida principal. Agora, era Cassian na frente, sendo perseguido por três Sentinels pretos, enquanto a banda, completamente fora de si, seguia logo atrás em sua Dodge Van 1980, berrando como se estivessem num videoclipe de heavy metal.

Cassian olhou pelo retrovisor e xingou alto.

— QUE PORRA ELES TÃO FAZENDO?!

A cidade passou a se transformar em um borrão de neon e sombras, os postes refletindo no capô cromado do Phoenix. O motor rugia como um leão enjaulado, e Cassian sentia cada vibração do carro subindo pelos braços.

Os capangas de Ortega abriram fogo.

BANG! BANG! BANG!

As balas ricochetearam na lataria do Phoenix. Cassian manteve as mãos firmes no volante, desviando entre os carros estacionados e cruzamentos movimentados.

Na Dodge Van, Danny Cooper enfiou metade do corpo pra fora da janela, segurando uma garrafa de cerveja.

— AQUI, SEUS FILHOS DA PUTA!

Ele atirou a garrafa num dos carros perseguidores, que bateu no capô e estilhaçou em mil pedaços.

— ÓTIMO PLANO, SEU IMBECIL! ISSO NÃO FEZ PORRA NENHUMA!

— gritou Ricky Steel.

Cassian passou num cruzamento sem olhar, quase sendo atingido por um caminhão de lixo.

Os capangas de Ortega ainda estavam na cola dele, e o trânsito começava a ficar mais intenso. Cassian apertou os dentes e viu uma rua estreita à esquerda.

— É AGORA!

Ele virou o volante bruscamente, entrando num beco entre dois prédios velhos.

Os carros de Ortega não conseguiram reduzir a tempo e passaram direto pelo cruzamento.

— HÁÁÁÁÁ, CHUPA ESSA! — Rocky Jackson gritou dentro da Dodge Van, socando o teto.

Mas a comemoração durou pouco.

Dois dos Sentinels perseguidores perceberam a jogada e derraparam, voltando para a perseguição.

O terceiro, que passou direto, fez uma curva fechada mais à frente e voltou à rota.

Cassian agora estava encurralado.

Ele saiu do beco direto para a Ocean Drive, a avenida mais iluminada e movimentada da cidade. O reflexo dos letreiros de neon piscava no para-

brisa, e os turistas bêbados nas calçadas olhavam boquiabertos para os carros que rasgavam o asfalto.

Os Sentinelas abriram fogo novamente.

Os vidros traseiros do Phoenix explodiram, estilhaços voando por todo lado.

Cassian se abaixou por um segundo, segurando o volante com uma mão e esticando a outra até encontrar um botão vermelho perto do rádio.

— Vamos ver se Ortega gosta de brincar com fogo.

Ele apertou o botão.

CHOOOOOOOOM!

Do fundo do carro, um lança-chamas embutido cuspiu uma torrente de fogo, que iluminou a avenida como se fosse dia.

O Sentinela mais próximo foi engolido pelas chamas, seus ocupantes berrando enquanto o carro rodopiava e explodia contra um poste.

O impacto jogou destroços para todos os lados, e Cassian puxou o volante com força, derrapando para a direita e saindo do meio da confusão.

O último carro perseguidor ainda estava vivo.

O motorista tentou desviar do Sentinela em chamas, mas perdeu o controle e foi direto para a traseira da Dodge Van 1980 da banda Wave Burn!

CRASH!

A van rodopiou no meio da avenida, batendo contra um hidrante.

Cassian olhou pelo retrovisor.

— Ah, foda-se. Eles que se virem.

Ele pisou fundo e desapareceu na noite de Miami.

O Phoenix vermelho parou no armazém abandonado. Cassian saiu, suando, com a camisa aberta, cheiro de gasolina no ar.

A Dodge Van 1980 da banda chegou logo depois, completamente destruída, com fumaça saindo do motor.

A porta do passageiro caiu no chão sozinha.

Rocky Jackson saiu rindo feito um maníaco, com um cigarro torto na boca.

— PORRA, MEU IRMÃO, QUE NOITE!

Tommy cambaleou para fora, com os olhos vermelhos.

— Eu vi Deus, cara. Ele tava dançando salsa.

Danny Cooper simplesmente caiu de cara no chão.

Cassian passou a mão no rosto.

— Filhos da puta, nunca mais me façam essa merda.

Ricky Steel levantou os braços.

— Ei, relaxa, parceiro! Negócio é o seguinte... Agora que você conseguiu o carro...

Cassian estreitou os olhos.

— A maleta. Agora.

Rocky Jackson acendeu um cigarro e riu.

— Bom... a gente não tem a maleta.

Cassian travou a mandíbula.

— O que vocês querem dizer com 'não tem a maleta'?

Tommy olhou pra ele, coçando a cabeça.

— A gente... sabe onde ela tá.

— E onde ela tá?

Rocky jogou o cigarro no chão e pisou em cima.

— Com El Dogo.

Cassian cerrou os punhos, esfregou as têmporas, sentindo a tensão latejando no crânio. O calor úmido de Miami grudava na pele como um maldito terno barato, e o cheiro de gasolina e fumaça impregnava o ar. Ele estreitou os olhos para Rocky Jackson, que acendia outro cigarro com aquele sorriso de quem já tinha visto coisa pior e saído vivo.

— Tá de brincadeira, né? Quem caralho é El Dogo?

Ricky Steel olhou para Tommy, depois para Danny, depois para Rocky. Nenhum deles respondeu.

Cassian franziu a testa.

— Quem. É. El Dogo?

Rocky soltou a fumaça pelo nariz e estalou a língua.

— El Dogo... é um filho da puta.

— Isso não me ajuda.

Ricky suspirou, encostando-se no carro arrebitado da banda.

— Escuta, parceiro... El Dogo não é o cara, mas ele é o cara que conhece os caras. Saca?

Cassian cruzou os braços, esperando mais.

— Ele não é um chefe — continuou Ricky —, não comanda gangue nenhuma. Mas se tem dinheiro e droga circulando em Miami, cedo ou tarde, passa pelo Dogo.

Tommy, ainda meio grogue, riu e gesticulou com as mãos.

— Pensa assim, mano: primeiro, a grana e a mercadoria passam pelo estúdio. Negócio de música, entende? Um produtorzinho daqui, um

rapperzinho dali... tudo fachada. Mas antes do dinheiro e da coca chegarem nos grandões, elas passam pelo Dogo.

Cassian estreitou os olhos.

— O estúdio é a primeira peneira... e o Dogo é a segunda.

Rocky estalou os dedos.

— Exato, meu chapa. Ele faz a lavagem. O dinheiro chega sujo do estúdio, cheio de poeira e farofa. O que o Dogo faz? Ele limpa, seca, passa um amaciante e deixa pronto pra galera de cima.

Danny, que finalmente tinha se levantado do chão, passou a mão na cara e apontou para Cassian.

— O lava-jato do cara é a merda do Banco Central da máfia cubana.

Cassian sentiu um aperto na mandíbula.

— Então a maleta tá lá.

— Sim e não — Ricky balançou a cabeça. — A maleta passou por lá. Mas ainda pode estar com ele.

Cassian ficou em silêncio por um segundo. Do lado de fora do armazém, a cidade de Miami pulsava como um coração acelerado — néons piscando, motores roncando, sirenes distantes cortando o calor da madrugada.

Ele finalmente respirou fundo e olhou para a banda.

— Onde eu encontro esse filho da puta?

Rocky riu.

— Fácil. O Dogo não larga o seu lava-jato.

Cassian franziu a testa.

— Lava-jato?

Danny riu.

— Drip Daddy's Car Wash, parceiro. Na 8th Street.

Tommy abriu os braços.

— Tudo passa por lá. Dinheiro, droga, carros quentes... Se tem algo valioso na cidade, antes de chegar na alta cúpula, passa pelo Dogo no Drip Daddy's.

Ricky completou:

— O cara trata aquela merda como se fosse o Vaticano do crime. Tá sempre por lá, sempre cercado de capangas. Se quiser pegar ele, vai ter que ser lá.

Cassian cerrou os punhos. Ele odiava esse tipo de situação. Gente demais, olhares demais, dedos no gatilho demais.

Mas se era onde o Dogo estava...

Ele não tinha escolha.

Ele puxou as chaves do bolso, virou-se para o Phoenix destruído e olhou para a lataria cheia de marcas de bala.

— Preciso conhecer o lugar.

Cassian encarava os caras da banda, tentando absorver tudo. Drip Daddy's Car Wash. O nome era ridículo, mas ele já tinha ouvido falar. Um lava-jato 24 horas na 8th Street, fachada para dinheiro sujo e droga que circulava antes de chegar no topo da pirâmide.

Ele passou a mão na boca, refletindo.

— Então o Dogo é o segundo filtro. O intermediário.

— Exato — Rocky Jackson confirmou, encostando-se no carro todo fodido da banda e acendendo outro cigarro. — Mas ele se acha o chefe. O merdinha construiu um império dentro da sujeira. Não manda na máfia, mas sem ele, os chefões não veem a cor do dinheiro.

Cassian girou a chave entre os dedos.

— E ele tá lá agora?

Ricky Steel riu.

— Sempre tá lá.

— Tá brincando...

Tommy fez que não com a cabeça.

— Nada, parceiro. O Dogo é um rato de esgoto. Passa a noite inteira naquela porra de lava-jato, mexendo nas planilhas, organizando os pacotes, garantindo que os números batem. Ele não larga o posto enquanto tudo não tiver redondinho.

— E os funcionários?

Rocky deu de ombros.

— A essa hora? Já foram pro caralho. Só deve ter uns dois ou três capangas dele lá, no máximo.

— E o próprio Dogo — Danny Cooper acrescentou.

Cassian refletiu por um segundo, a mandíbula travada.

— Então o filho da puta tá vulnerável.

Ricky soltou um riso abafado.

— Só se você entrar sem ser visto. Se o Dogo se sentir ameaçado, parceiro... Ele chama a cavalaria. E eu não tô falando de três capangas aleatórios com pistolas enferrujadas. Tô falando dos grandões. Aqueles que fazem merda acontecer.

Cassian não hesitou.

– Quanto tempo pra isso?

Rocky tragou o cigarro, soprou a fumaça devagar e sorriu.

– Uns cinco minutos. Dez, se ele estiver mijando.

Cassian apertou os olhos.

– Então eu tenho cinco minutos.

Silêncio.

Depois, Tommy riu.

– Caralho, esse filho da puta tá falando sério.

Cassian ignorou.

– Me deem tudo que sabem sobre o lugar. Entradas, saídas, o que esperar. Se eu vou até lá, quero saber onde tô pisando.

Rocky coçou o queixo.

– Beleza. O Drip Daddy's tem duas entradas principais. A frontal, onde os carros entram pra lavar... e a lateral, onde as cargas são entregues.

– O lado bom é que não tem tanto movimento essa hora – Ricky acrescentou. – O Dogo organiza a bagaça de noite, mas os favelados que passam os pacotes já sumiram faz tempo.

– E o escritório dele?

Rocky apontou um dedo no ar.

– No segundo andar. Acima da lavagem automática. Tem uma escada na parte de trás que dá direto na porta dele.

Cassian franziu a testa.

– E segurança?

Ricky esfregou a nuca.

– Uns três ou quatro caras no máximo, como eu disse. Mas cuidado... esses malucos são leais ao Dogo. Não é qualquer bandido de esquina.

Danny Cooper sorriu.

– Mas, ei... você já enfrentou coisa pior, né, parceiro?

Cassian não respondeu. Ele já tinha todas as informações que precisava.

X

Drip Daddy's Car Wash

A Dodge Van 1980 preta estava parada do outro lado da rua, motor desligado, faróis apagados. O neon azul-piscina do lava-jato refletia na lataria, dando um brilho esverdeado nas janelas sujas. O letreiro piscava preguiçosamente. Cassian estava no banco do passageiro, ajustando a jaqueta de couro e conferindo a arma. A trilha sonora do momento era o zumbido da cidade ao longe e o som de um rádio sintonizado em uma estação de synthwave, vindo de algum carro estacionado por perto.

— Tá pronto, parceiro? — Rocky Jackson perguntou, soprando fumaça de cigarro pela janela.

Cassian não respondeu de imediato. Seus olhos estavam fixos no prédio à frente. O lava-jato parecia um bunker de concreto, iluminado pelos tubos de neon e os faróis esporádicos de carros passando na avenida principal. A entrada da lavagem automática estava aberta, revelando um Cadillac de capô longo coberto de espuma branca. Do lado, uma doca de carga levava até a escada externa, que dava acesso ao segundo andar — onde ficava o escritório de El Dogo.

Ele soltou um longo suspiro pelo nariz.

— Sempre tô pronto.

Ricky Steel riu, jogando o cigarro fora.

— Aí sim, caralho.

Cassian abriu a porta e desceu sem fazer barulho. A noite estava quente, pesada com o cheiro de gasolina, maresia e asfalto.

— Boa sorte, parceiro — Rocky murmurou.

A porta da van fechou, e em seguida os pneus cantaram baixo contra o asfalto. O veículo desapareceu na escuridão.

Agora era só ele.

Cassian atravessou a rua rápido, mantendo-se nas sombras. O neon do lava-jato jogava reflexos azulados na calçada molhada. O portão frontal estava escancarado, mas dois seguranças estavam sentados em cadeiras de plástico, jogando dominó em cima de um engradado de cerveja. Sem chance por aqui.

Ele deu a volta pelo beco lateral, onde o cheiro de lixo e óleo queimado era forte. Ali encontrou uma cerca baixa que separava o lava-jato do terreno vizinho. Com um salto ágil, passou por cima sem fazer barulho e caiu atrás de um contêiner de lixo.

No pátio dos fundos, um capanga de mullet loiro e camisa havaiana estava encostado num Chevy Impala preto, mexendo no rádio e batendo o pé no ritmo da música. Mais perto da escada, outro segurança folheava uma revista de mulher pelada, rindo baixinho.

Cassian se abaixou e começou a se mover rente às sombras. Seu coração batia em um ritmo calmo.

O cara do rádio continuava cantarolando alguma coisa dos Miami Sound Machine.

Cassian esperou... esperou... e quando o homem virou para pegar um fósforo no bolso, ele deslizou até a base da escada.

O outro segurança ainda estava rindo da revista, girando a página. Cassian subiu os degraus devagar, pisando nas laterais para evitar rangidos.

No segundo andar, ele se escondeu atrás de um cano enferrujado e espiou pela janela de vidro do escritório.

Lá dentro, El Dogo estava afundado em papeladas, com uma calculadora Casio ao lado e uma pilha de notas de cem espalhadas pela mesa. Ele era um cubano atarracado, cabelo lambido para trás com gel, óculos de lentes grossas e uma camisa de seda azul aberta até o meio do peito, revelando um cordão de ouro.

Dois ventiladores zumbiam no teto, e um toca-fitas rodava um bolero antigo.

Hora do show.

Cassian sacou a pistola com silenciador e testou a maçaneta. Trancada. Ele deu um passo para trás e, com um chute rápido e preciso, quebrou a fechadura sem fazer muito barulho.

El Dogo nem teve tempo de reagir.

Cassian entrou e fechou a porta atrás de si.

O cubano levantou os olhos, arregalando-os atrás das lentes grossas.

— ¿Qué carajo...?

Cassian apontou a arma para ele e sorriu.

— Hora de conversar, Drip Daddy.

O ventilador de teto girava lento, arrastando o ar quente e abafado do escritório. O cheiro de papel velho, cigarro e suor era forte. El Dogo estava suando como um porco debaixo da camisa de seda azul, a testa reluzindo de medo.

Cassian caminhava lentamente pelo escritório, segurando a pistola com uma mão e pegando um charuto cubano com a outra.

— Bonito lugar que você tem aqui, Dogo. — Ele pegou o isqueiro Zippo do cubano na mesa, acendeu o charuto e deu uma tragada profunda. — Bem familiar. Sabe por quê?

El Dogo não respondeu, apenas engoliu em seco.

Cassian pegou um maço de notas espalhado pela mesa e começou a folhear.

— Porque dinheiro sujo tem cheiro. E o cheiro dessa merda aqui me lembra a favela do Puerto de Oro.

El Dogo tentou manter a postura, mas seu lábio inferior tremia.

— Yo no sé de qué carajo tú estás hablando...

Cassian riu, soltando a fumaça do charuto pelo nariz.

— Você sabe sim, seu filho da puta.

Ele jogou o charuto aceso na mesa, bem em cima do maço de notas. O fogo começou a lamber as bordas das cédulas. El Dogo arregalou os olhos e instintivamente tentou apagar as chamas, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Cassian puxou um soco violento, acertando seu nariz com um estalo seco.

O cubano caiu para trás, derrubando a cadeira no chão.

Cassian caminhou até ele devagar, como um predador. Pegou a cadeira e a ergueu, depois a esmagou contra as costas de El Dogo. O cubano gritou, tossindo sangue no chão.

– Eu não tenho tempo pra joguinhos, Dogo. Onde tá a maleta?

El Dogo cuspiu no chão, os olhos vermelhos de raiva.

– Chupa minha pica, gringo.

Cassian suspirou, sacudiu a cabeça e olhou ao redor. Foi quando seus olhos pousaram em algo no canto da sala: um maçarico industrial usado para soldas.

Ele sorriu.

– Tá bom. Você que pediu.

Pegou o maçarico e o girou nas mãos, analisando a válvula de gás.

El Dogo arregalou os olhos.

– No, no, no...

Cassian acendeu o maçarico. A chama azul e quente rugiu no ar.

– Última chance, Dogo. Onde tá o dinheiro?

El Dogo sacudiu a cabeça freneticamente.

– ¡No sé! ¡Lo juro!

Cassian segurou a mão do cubano e aproximou a chama do seu pulso. O calor começou a queimar a pele, e El Dogo soltou um grito estridente, tentando se debater.

– AAAAHHH!!!

A pele estalava, o cheiro de carne queimada encheu o ar. Cassian não recuou, os olhos fixos no sofrimento do cubano.

– Agora você sabe?

El Dogo chorava, tentando afastar a mão, mas Cassian segurava firme.

– ¡Por favor, por favor, cabrón! ¡Está en un barco! ¡En el puerto! ¡Un carguero abandonado!

Cassian afastou o maçarico e largou a mão queimada de El Dogo. O cubano tremia, segurando o braço contra o peito, lágrimas escorrendo pela cara.

Cassian desligou o maçarico e bateu de leve na cabeça dele.

– Viu? Sabia que você sabia.

Ele pegou a pistola, encostou a boca do cano na testa suada de El Dogo e pensou por um momento.

Depois deu um tiro.

A cabeça do cubano estourou para trás, sangue e pedaços de cérebro

respingando no mural de contas atrás dele.

Cassian limpou a arma no paletó de seda de El Dogo, depois pegou um pote de graxa de carro da mesa e desenhou um C gigante na parede com o sangue.

Antes de sair, parou na porta e olhou para o corpo inerte do cubano.

— Boa noite, Drip Daddy.

Ele saiu sem ser visto, desaparecendo na escuridão da Miami criminosa.

XI

Como Fazer Inimigos

Cassian subiu as escadas rangentes do apartamento de Jammie, o cheiro de maresia misturado com fritura velha impregnado no ar. Seu paletó estava sujo de fuligem e sangue seco, e o charuto cubano que ele acendeu na calçada ainda queimava entre seus dedos. Ele parou diante da porta 305 e bateu forte.

— Jammie, abre essa porra.

Nenhuma resposta.

Cassian bateu de novo, mais forte.

— Tô falando sério, caralho.

Do outro lado da porta, um gemido arrastado. Sons de garrafas caindo, um tropeço desajeitado. A tranca girou, e a porta se abriu apenas o suficiente para revelar um rosto amassado e olhos vermelhos. Jammie Belmonte parecia um cadáver mal ressuscitado. Roupão de seda branca, amarrotado e manchado de alguma coisa que podia ser molho de pizza ou sangue de nariz. O cabelo desgrenhado e a cara de ressaca profunda completavam o visual de desgraça ambulante.

— Você tem noção do que tá fazendo? — resmungou, piscando contra a luz do corredor. — São duas e meia da madrugada, porra. Eu bebi meia garrafa de tequila, umas cervejas e provavelmente cheirei alguma coisa que me faria perder minha licença se eu ainda me importasse com essa merda.

Cassian empurrou a porta e entrou sem cerimônia.

— Ótimo. Então senta essa bunda gorda e ouve.

Jammie fechou a porta e se arrastou até o sofá, onde um prato com restos de pizza e um cinzeiro lotado competiam por espaço.

— Diz logo, cara. Se for mais uma merda de ameaça de gangue, eu juro que me jogo pela janela antes de lidar com isso.

Cassian jogou um isqueiro Zippo na mesa e pegou uma cerveja quente da geladeira.

— O El Dogo tá morto, e eu achei a maleta.

Jammie piscou algumas vezes, tentando processar.

— O quê?!

— Isso mesmo que você ouviu. Tá num cargueiro no porto.

O advogado passou as mãos no rosto, exasperado.

— Você é completamente louco, sabia? Não é assim que a porra do jogo funciona, Cass! Você quer que a máfia cubana enfie um taco de beisebol no seu rabo?

Cassian deu um sorriso de canto, puxou uma cadeira e sentou-se de frente para ele.

— Se liga, Jammie. Aquele é tudo que importa. E eu vou pegar ele de volta.

Jammie arregalou ainda mais os olhos e se jogou para trás no sofá, rindo nervoso.

— Ótimo! Maravilhoso! Agora você tem um alvo na sua testa maior que o letreiro de Hollywood!

Cassian ignorou o chique e tomou um gole da cerveja quente.

— Preciso que descubra quem é o dono desse cargueiro. Documentação, licenciamento, qualquer coisa que me diga quem diabos tá por trás dessa operação.

Jammie balançava a cabeça freneticamente.

— Você não tá me ouvindo, cara? Você quer ir no porto, abrir um cofre e sair andando com a maleta como se ninguém fosse notar? Isso aqui não é um maldito filme, Cass!

Cassian deu um sorriso perigoso e tragou o charuto.

— Errado, meu amigo. Isso aqui é exatamente um maldito filme.

Jammie enterrou o rosto nas mãos e gemeu de desespero.

— Meu Deus... eu devia ter virado contador...

XII

Dois Poodles, um Papai Noel e um VHS

O sol de Miami atravessava as paredes de vidro do apartamento luxuoso, refletindo no mármore branco e nas garrafas perfeitamente alinhadas no bar. O sofá de couro branco no centro da sala ainda tinha a marca da última noite mal dormida de Cassian. O cheiro de charuto cubano pairava no ar, misturado ao perfume do oceano vindo da praia logo abaixo.

Batidas insistentes na porta interromperam a tranquilidade da manhã.

— Cass! Abre essa porra!

A voz arrastada e sofrida de Jammie Belmonte ecoava pelo corredor. Cassian resmungou, se virou na cama e esfregou o rosto. A ressaca ainda pesava, um lembrete da noite anterior. Ele jogou as pernas para fora da cama, pegou um copo com uísque esquecido no criado-mudo e tomou um gole, fazendo uma careta. Morria de sede, mas não ia levantar para buscar água.

As batidas continuaram.

— Filho da puta, eu sei que você tá aí!

Cassian revirou os olhos, levantou e caminhou pelo chão frio de mármore até a porta. Girou a maçaneta e encontrou Jammie, um desastre ambulante.

Terno amarrotado, olhos vermelhos, cabelo desgrenhado. O hálito de tequila e cigarro podia incendiar um posto de gasolina. Ele segurava as têmporas como se a própria existência fosse uma dor de cabeça.

— Preciso de café. Muito café.

Cassian bufou, deixou o advogado entrar e fechou a porta.

— O que você quer, Jammie?

Jammie se jogou no sofá de couro branco como um condenado à beira da

execução.

— Uma bala na cabeça seria um alívio. Mas enquanto isso não acontece... preciso que você pegue uma fita VHS.

Cassian acendeu um charuto e encarou Jammie com tédio.

— Que tipo de fita?

Jammie hesitou.

— Digamos que envolve... uma jacuzzi, dois poodles, uma enfermeira vestida de Papai Noel e uma quantidade questionável de óleo de cozinha. Cassian piscou lentamente.

— ... Porra.

— Pois é.

— E quem tem essa merda?

Jammie suspirou e puxou um guardanapo rabiscado do bolso do paletó amarrado.

— Tem uma locadora chamada “VHS Eternity”, lá em Little Havana. O dono, Marvin Flores, é um lunático que acha que a CIA tá implantando mensagens subliminares nos filmes do Schwarzenegger. Ele sabe que tem algo valioso e não quer entregar.

Cassian tragou o charuto, soltando a fumaça devagar.

— E eu suponho que precisamos dessa fita para que Teddy Menendez abra a boca sobre o cargueiro.

Jammie apontou para ele, com um ar de falsa surpresa.

— Ora, ora! Ele consegue ligar os pontos!

Cassian pegou as chaves do carro.

— Vou dar um jeito nisso.

A locadora parecia saída de um pesadelo febril dos anos 80. Luzes de neon piscavam em tons de azul e rosa, criando sombras distorcidas sobre as prateleiras lotadas de fitas VHS. Uma televisão gigante, ligada a um velho videocassete, repetia O Exterminador do Futuro em loop, enquanto câmeras de segurança antiquadas cobriam cada canto do lugar. Um ventilador de teto girava preguiçosamente, deslocando o ar quente e carregado de nicotina.

Cassian entrou sem pressa, ajustando os óculos escuros e analisando o cenário. Atrás do balcão, Marvin Flores mastigava um palito de dente, vestindo uma camiseta desbotada do Rambo e um colete de caça camuflado. Seu olhar saltava de um lado para o outro, como se esperasse

que agentes da NSA pulassem pela janela a qualquer momento. Cassian caminhou até o balcão e apoiou as mãos nele.

— Preciso de uma fita, Marvin.

Marvin arregalou os olhos e deu um passo para trás.

— Você é do FBI? CIA? NASA? Eles mandaram você?

Cassian tirou os óculos lentamente e inclinou a cabeça.

— Não, sou de um departamento muito mais alto. Precisamos da fita. Contém códigos alienígenas ocultos em mensagens subliminares.

O paranoico piscou várias vezes, tentando processar.

— Códigos alienígenas?

Cassian assentiu, abaixando a voz.

— Marvin, você é um cara esperto. Já percebeu que o governo espalha mensagens secretas nos filmes do Schwarzenegger, certo?

— Óbvio! Comando para Matar foi usado para treinar supersoldados!

— Exato. Mas essa fita... essa fita é diferente. Nela, os aliens gravaram informações sobre sua reprodução. O governo quer estudar, e nós precisamos da sua ajuda. Você pode ser um herói para a humanidade, Marvin.

O dono da locadora abriu e fechou a boca várias vezes. Suava como um porco no calor de Miami.

— Se eu te der essa fita... eles vão vir atrás de mim?

Cassian colocou a mão no ombro do sujeito e apertou levemente.

— Marvin, você já é um alvo. Mas se colaborar, podemos garantir sua segurança.

Cassian segurava a fita enquanto Marvin olhava para ele com olhos arregalados, tremendo como um rato encurralado.

— Isso aqui pode mudar tudo, Marvin. Você sabe disso.

Marvin engoliu em seco e balançou a cabeça, suando ainda mais. Antes que Cassian pudesse sair, a porta da locadora se abriu com um tilintar do sino. Dois homens entraram, pesados, com a postura de quem mandava em qualquer cômodo que pisasse. Um cheiro de charuto e loção pós-barba barata tomou o ar.

O primeiro, um irlandês ruivo de rosto marcado, tirou os óculos escuros e os dobrou lentamente, analisando o ambiente. O outro, um brutamonte careca, mastigava um palito de dente como se fosse um osso.

— A gente tá procurando uma fita, — o ruivo disse com um sorriso de crocodilo. — Uma bem especial... de um... senador...

Marvin congelou. Seus olhos foram direto para Cassian. O brutamontes olhou para onde o dono da locadora apontava e estalou o pescoço.

— Bom garoto.

Cassian suspirou.

— Mas que merda, Marvin.

O ruivo se aproximou, ajeitando o charuto na boca.

— Vou te dar uma chance, amigo. Passa a fita e a gente esquece que isso aconteceu.

Cassian sorriu de canto.

— Parece justo. Mas tem um problema...

O irlandês levantou uma sobrancelha.

— E qual seria?

Cassian socou o filho da puta na boca.

O ruivo tropeçou para trás, cuspido sangue e o charuto junto. O brutamontes tentou sacar a arma, mas Cassian já estava em movimento. Pegou uma prateleira de fitas e derrubou sobre ele, fazendo o sujeito cambalear.

Marvin gritou e se escondeu atrás do balcão.

O ruivo, agora furioso, sacou uma faca e investiu. Cassian desviou no último segundo, pegando um rolo de cabos de videogame e enrolando no braço do policial, puxando-o para perto. Ele acertou um soco no nariz do cara, ouvindo o estalo de cartilagem quebrada.

O brutamontes, que conseguiu se livrar das fitas, veio com tudo. Cassian agarrou um aparelho de videocassete e o usou como arma improvisada, batendo na cara do sujeito com um golpe seco. O cara caiu de joelhos, atordado.

O ruivo tentou atacar de novo, mas Cassian pegou uma placa de **ALUGUE AGORA - DE VOLTA PARA O FUTURO** e acertou sua cara com força, jogando-o contra a prateleira.

Vidro estilhaçou. VHS voaram pelo chão.

Cassian ajeitou o paletó, pegou a fita e olhou para Marvin, que ainda tremia.

— Foi um prazer fazer negócios, Marvin.

E saiu antes que os tiras tivessem chance de levantar.

Cassian entrou no apartamento de Jammie e jogou a fita na mesa. Jammie pegou o VHS como se fosse uma relíquia sagrada.

– Se você soubesse a merda que a gente passou pra conseguir isso...
Cassian abriu um uísque e serviu dois copos.

– Nem me fala. Dois tiras tentaram tomar de mim.

Jammie levantou uma sobrancelha, mas não perguntou.

Minutos depois, os dois estavam na casa de Teddy Menendez. O burocrata suave como um porco, tremendo ao segurar a fita. Ele a enfiou no videocassete e apertou play.

Dez segundos.

Teddy arregalou os olhos, desligou a TV e enterrou o rosto nas mãos.

– Tira essa merda daqui. Nunca mais quero ver isso.

Jammie sorriu.

– Isso significa que temos um acordo?

Teddy jogou uma pasta cheia de documentos na mesa.

– O cargueiro que vocês tão procurando pertence a Rodrigo Vasquez, um traficante colombiano que faz negócios com os cubanos. Boa sorte.

Cassian e Jammie se olharam.

– Isso foi fácil. – Cassian comentou.

Jammie pegou a garrafa de tequila e deu um longo gole.

– Fácil, porra nenhuma. Eu nunca mais vou conseguir olhar pra um Papai Noel do mesmo jeito.

O sol estava fritando tudo que tocava. O asfalto borbulhava, o cheiro de maresia e gasolina pairava no ar, e os ventiladores giravam preguiçosamente nos cafés de calçada. A cidade pulsava num ritmo próprio, cheia de golpistas, turistas e tubarões de terno branco.

Cassian dirigia um **Ford LTD Sedan alugado**, bege e sem graça. O motor fazia um barulho feio quando ele acelerava nos semáforos da Ocean Drive. Não era seu estilo, mas também não chamava atenção – e isso era importante agora.

Ele parou na frente do **Café Azul**, um boteco cubano discreto, com toldos vermelhos desbotados e mesas de plástico na calçada. O cheiro de café forte e *ropa vieja* dominava o ar.

No fundo do café, sentado com as pernas cruzadas, estava **Jammie**. Óculos escuros espelhados, camisa de seda azul aberta no peito e um chapéu panamá jogado na mesa. Ele tomava um café cubano como quem não tinha pressa nenhuma.

Cassian puxou uma cadeira e acendeu um cigarro.

– Eu vou invadir o cargueiro do Vasquez.

Jammie parou de mexer o café.

– Jesus Cristo...

– Tô falando sério, Jammie. Eu preciso recuperar a maleta.

Jammie riu sem humor.

– Cass, esse cara tem mais segurança que o presidente. E se a gente fizer merda, meu irmão, vamos acabar boiando na baía antes do sol se pôr.

Cassian tragou o cigarro e soltou a fumaça devagar.

– Por isso eu preciso de alguém que conheça o Vasquez. Alguém que odeia ele tanto quanto eu.

Jammie respirou fundo e tomou um gole do café.

– Eu conheço um cara.

Cassian arqueou uma sobrancelha.

– Tô ouvindo.

– O nome dele é Danny. Ele era um dos pilotos do Vasquez, contrabandeava cocaína direto da Colômbia. Mas um dia, numa entrega, a Guarda Costeira pegou ele. Ele conseguiu fugir, mas perdeu tudo. O

Vasquez não moveu um dedo pra ajudar e ainda mandou uns caras atrás dele. Desde então, Danny tem vivido como um fantasma.

Cassian deu um sorriso de canto.

— Parece perfeito.

Jammie riu.

— Perfeito? Esse cara é um maluco. Só anda armado, cheira o que vê pela frente e odeia todo mundo. Mas... se você der um bom motivo, ele pode entrar nessa.

Cassian apagou o cigarro e jogou um maço de notas na mesa.

— Onde eu encontro esse filho da puta?

Jammie pegou o dinheiro e guardou no bolso do blazer.

— Ele passa as tardes na marina, apostando corridas de lancha. Danny adora duas coisas: cocaína e velocidade. Se quiser falar com ele, é lá que você tem que ir.

Cassian se levantou, pegou as chaves do carro alugado e colocou os óculos de volta.

— Então é pra lá que eu vou.

Jammie pegou o chapéu e colocou na cabeça, observando Cassian sair e entrar no **Ford LTD Sedan** alugado.

O motor roncou baixinho, e, em segundos, o carro sumiu na avenida ensolarada.

XIII

Um Velho Amigo

O sol brilhava forte, refletindo nos capôs dos conversíveis estacionados na Ocean Drive. As calçadas ferviam, os corpos bronzeados desfilavam de maiô e as sombras das palmeiras balançavam com o vento quente. Cassian estacionou seu Escort alugado branco em frente ao apartamento de Jammie, desligou o motor e saiu ajeitando o paletó. O cara já era um figurão naquela cidade, mas ainda preferia se vestir como um playboy de gangue. Camisa de seda aberta, medalhão no peito, Ray-Ban dourado no rosto.

Tocou a campainha e Jammie abriu a porta com um charuto nos lábios, segurando um copo de rum com gelo.

— Tu tem merda na cabeça ou é só estilo? — Jammie riu, abrindo espaço pra Cassian entrar.

O apartamento era uma zona. Garrafas vazias pelo chão, cinzeiros lotados, televisão ligada num comercial de carros de luxo, uma loira de biquíni deitada no sofá folheando uma revista de moda.

Cassian ignorou tudo e foi direto ao ponto:

— Eu vou invadir o cargueiro.

Jammie tirou os óculos escuros e arregalou os olhos.

— Puta que me pariu, Cass. Você quer invadir um cargueiro colombiano cheio de metralhadoras? Tu por acaso acordou se achando o Rambo?

Cassian acendeu um cigarro e deu um trago longo.

— Se aquele filho da puta do Vasquez trouxe esse navio pra Miami, é porque tem algo grande nele. E eu quero saber o que é.

Jammie sentou-se no sofá e passou a mão pelo rosto.

— Tá me pedindo pra te dizer que é uma ideia genial? Porque não é. Isso é suicídio. Esse cara não é um traficante qualquer, Cass. Ele tem as costas quentes. Cubanos, colombianos, até político no bolso.

Cassian deu uma risada sarcástica.

— E desde quando a gente dá a mínima pra isso?

A loira se levantou, pegou uma garrafa de champanhe e foi pro quarto sem dizer uma palavra.

Jammie ficou em silêncio por um tempo, depois bateu a língua no céu da boca.

— Escuta... eu conheço um cara.

Cassian arqueou a sobrancelha.

— Que tipo de cara?

Jammie pegou o rum e girou o gelo no copo.

— Danny Morales. Ele odeia o Vasquez mais do que tudo nessa porra de cidade. Se alguém pode te ajudar, é ele.

Cassian cruzou os braços.

— E por quê?

Jammie suspirou e acendeu um cigarro, soltando a fumaça pelo nariz.

— Porque Vasquez fodeu com ele.

Cassian se jogou na poltrona, ouvindo enquanto Jammie contava a história.

— Nos tempos antigos, Danny era dono de um pequeno império. Vendia coca pura, direto dos colombianos, e movimentava grana pesada em Little Havana. O cara tinha classe, vivia num daqueles penthouses de South Beach, com vista pra porra toda. Terno branco, relógio Rolex, carrão do ano.

Cassian assentiu.

— Tô ligado no tipo.

Jammie continuou:

— Aí apareceu Vasquez. Ele se apresentou como um parceiro de negócios, disse que queria ajudar Danny a expandir. E Danny, como um burro de merda que sempre foi, aceitou. Em menos de um ano, o cara perdeu tudo.

— Vasquez fodeu ele?

— Fodeu bonito. Primeiro, botou a polícia no rastro de Danny. Depois, armou pra que ele levasse um tiro na perna, só pra mostrar quem mandava. E quando Danny achou que nada podia piorar, o próprio irmão dele, Raúl, foi encontrado morto num beco em Wynwood.

Cassian ficou em silêncio, soltando a fumaça devagar.

— Vasquez mandou matar o irmão dele?

Jammie balançou a cabeça.

— Se não foi ele, foi alguém no cartel dele. Mas Danny nunca perdeu.

Cassian tomou um gole do uísque.

— E onde ele tá agora?

Jammie deu um sorriso torto.

— Ele ainda tá aqui, Cass. Perdido nos cassinos, bebendo mojitos no meio de vagabundos e putas de luxo, jogando os restos da fortuna no pôquer. Mas se tu der um motivo pra ele se vingar, eu juro que esse filho da puta vai pegar em arma de novo.

Cassian olhou pela janela. Lá fora, Miami brilhava como uma joia falsa.

— Então me leva até ele.

Jammie pegou a jaqueta, colocou os óculos escuros e bateu de leve no ombro de Cassian.

— Vai ser bom ver Danny de volta ao jogo — comentou Jammie partindo com Cass rumo ao Cassino Flamingo.

O Flamingo era um daqueles lugares onde os ricos lavavam dinheiro e os pobres apostavam o que não tinham. O carpete vermelho cheirava a uísque barato e charuto cubano, as roletas giravam sem parar, e o som das fichas caindo nas mesas misturava-se com o jazz barato tocando no fundo.

Cassian e Jammie entraram sem pressa, observando o salão lotado.

— Onde tá esse desgraçado? — Cassian perguntou, ajeitando o paletó.

Jammie apontou com a cabeça para um canto escuro perto do bar. Danny Morales.

Danny usava um terno branco de linho, mas já não tinha mais o brilho de antes. A gravata frouxa, a camisa aberta no peito, os olhos cansados e vermelhos. Na mesa à sua frente, um charuto mal apagado, um copo de rum pela metade, e uma pilha de fichas de cassino que diminuía a cada rodada de cartas.

O crupiê virou mais uma carta. Danny olhou.

— Filho da puta... — murmurou, jogando as cartas na mesa e perdendo mais uma rodada.

Ele massageou as têmporas e pegou o copo, bebendo tudo de uma vez. Então percebeu Jammie e Cassian se aproximando.

— Bom dia, porra. — Danny ironizou, acendendo outro charuto.

Jammie puxou uma cadeira e se sentou.

— Danny, esse aqui é Cassian. Ele tem um trabalho que pode te interessar. Danny soltou a fumaça e olhou Cassian de cima a baixo.

— É mesmo? — A voz era rouca, carregada de cinismo e raiva engolida. Cassian puxou uma cadeira e se sentou também.

— A gente vai derrubar Vasquez.

Danny ficou calado por um tempo, apenas girando o charuto entre os dedos. Então, ele riu.

— Derrubar Vasquez? Porra, garoto, tu tem noção do tamanho da merda que tá falando?

Cassian deu um sorriso.

— Tenho.

Danny apoiou os cotovelos na mesa e olhou nos olhos dele.

— Deixa eu te contar uma história, então.

Cassian acendeu um cigarro e ouviu.

— Há cinco anos, eu era o rei dessa cidade. Eu e meu irmão, Raúl, começamos pequenos, só vendendo uns pacotes na Calle Ocho. Mas a gente tinha algo que os outros não tinham. Ambição. A gente queria mais, e não ia parar até ter tudo.

Danny pegou o copo de rum vazio e girou sobre a mesa.

— Foi aí que Vasquez apareceu. Chegou sorrindo, apertando nossa mão, dizendo que queria fazer negócio. O filho da puta me convenceu de que ele seria meu aliado. Que juntos, a gente ia tomar Miami.

Danny fechou a mão com força.

— Sabe o que ele fez? Ele pegou tudo. Tudo, Cassian. Primeiro, ele botou um policial no nosso rastro. Depois, me colocou contra os cubanos. Quando eu percebi, não tinha mais ninguém do meu lado. Meu próprio irmão... Raúl foi executado numa viela como um cachorro.

Danny fez uma pausa e bateu o copo na mesa.

— E o pior? Eu não fiz nada.

Cassian soltou a fumaça do cigarro.

— Mas agora pode fazer.

Danny riu de novo, mas dessa vez não parecia diversão.

— E como? Você acha que é só chegar lá e dar um tiro nele? Vasquez tem homens, armas, dinheiro, a polícia no bolso. Esse cara não é um traficante de rua. Ele é Miami.

Cassian apagou o cigarro no cinzeiro.

— Talvez seja hora de mudar isso.

Danny olhou para Jammie.

— E você, tá com ele nessa?

Jammie deu um gole no uísque e sorriu.

— Já estamos até o pescoço, irmão.

Danny ficou um tempo calado. Pegou o charuto, deu uma última tragada e esmagou no cinzeiro.

Então ele olhou para Cassian e Jammie com um sorriso cansado.

— Cês são malucos.

— Talvez. — Cassian respondeu.

Danny se encostou na cadeira, suspirou e olhou ao redor. O cassino, o cheiro de cigarro, o bar lotado, as mulheres rindo... Ele já tinha visto esse filme antes. Ele já tinha perdido tudo antes. Mas, porra...

Ele pegou o copo de rum, serviu mais um pouco e estendeu para Cassian.

— Que se foda. Tô dentro.

Cassian pegou o copo, brindaram e beberam.

— Mas se a gente vai fazer isso... — Danny continuou, batendo o copo na mesa. — A gente faz do meu jeito.

Cassian riu.

— Desde que funcione, por mim, tudo bem.

Danny apontou pra ele.

— Se liga, Cassian, eu não sou teu capanga. Eu não sou um peão nesse jogo. Eu sou um parceiro.

Cassian olhou pra ele e assentiu.

— Então age como um.

Danny encarou Cassian por um instante. Então, começou a rir.

— Caralho, gosto desse cara.

Jammie riu junto.

— Eu disse que vocês iam se dar bem.

Danny se levantou e jogou algumas fichas na mesa.

— Certo, parceiro. Primeiro passo: a gente precisa de armas. Muita arma. Eu conheço um cara.

Cassian apagou o cigarro, se levantou também.

— Então vamos logo. Quero derrubar esse filho da puta o quanto antes.

Danny sorriu, pegando o charuto.

— Tu fala minha língua, cara. Vamos foder com o Vasquez.

E os três saíram do cassino juntos.

O sol brilhava forte sobre Miami.

XIV

Roy Buckner

O sol de Miami batia forte como um maldito soco no rosto. O céu estava azul, sem uma nuvem, o asfalto fervia, e as palmeiras balançavam preguiçosamente com o vento quente do Atlântico. O cheiro de maresia misturado com gasolina velha e suor pairava no ar enquanto Cassian, Danny e Jammie caminhavam até o carro de Danny.

E que carro.

Um Stallion vermelho-cereja conversível, cromado nos detalhes, pneus brilhosos, bancos de couro branco, um rádio que só tocava Jan Hammer e Phil Collins no máximo volume.

Danny bateu a mão no capô, orgulhoso.

— Cês tão prontos pra andar como reis nessa porra?

Jammie olhou pro carro e riu.

— Porra, Danny, isso aqui não é um carro. Isso é uma máquina do tempo. Tá esperando o Ronald Reagan sair do porta-malas?

Danny abriu um sorriso.

— Engraçadinho. Quer ir a pé, então, babaca?

Cassian se inclinou sobre o carro, passando a mão no couro do banco.

— Isso aqui é puro estilo. Um carro desses faz até um palhaço parecer um chefe do crime.

Danny apontou pra ele.

— É disso que eu tô falando! Tu tem bom gosto, Cassian. Diferente desse merdinha aqui. — Ele deu um tapa na cabeça de Jammie.

— Ah, vai se foder, cara! — Jammie riu e entrou no banco de trás.

Cassian e Danny se acomodaram nos assentos da frente. O motor rugiu quando Danny girou a chave, e o rádio explodiu com "Out of Touch", do Hall & Oates.

O carro deslizou pela avenida enquanto o sol refletia no capô cromado. Ao redor, mulheres de biquíni patinavam na calçada, velhos cubanos jogavam dominó debaixo das árvores, e os iates caros deslizavam pelo mar azul-turquesa. Miami. O paraíso e o inferno no mesmo pacote.

Danny baixou os óculos escuros e suspirou, acelerando.

— Nada como dirigir por essa cidade, né? Sol, praia, putaria... e, claro, um tráfico de drogas do caralho rolando em cada esquina.

Cassian acendeu um cigarro e soltou a fumaça.

— Tá me dizendo que é uma merda ou que é um sonho?

Danny abriu um sorriso.

— Depende. Tu é o lobo ou o cordeiro?

Cassian olhou para ele.

— Tô no meio do caminho.

Danny riu.

— Então vai acabar morto.

Jammie no banco de trás chutou o assento de Danny.

— Vocês dois tão parecendo uns filósofos de quinta. O que importa é o seguinte: quem a gente vai ver?

Danny sorriu e balançou a cabeça.

— Ah, cara... cês não tão preparados pra esse filho da puta.

Cassian olhou pra ele.

— Por quê?

Danny soltou um riso nasalado e olhou pelo retrovisor.

— Conhecem o Roy?

Jammie se ajeitou no banco.

— O maluco que mora com a mãe? O gordo com mullet que acha que é Rambo?

Danny apontou pra ele.

— Esse mesmo! O cara é um lunático, mas tem as melhores armas da cidade.

Cassian arqueou uma sobrancelha.

— E por que diabos ele acha que é do exército?

Danny gargalhou.

— Velho, essa história é foda. — Ele se ajeitou no banco, piscou pro espelho e começou a falar.

— O Roy passou a vida inteira querendo ser um soldado. O pai dele era sargento, o avô lutou na Segunda Guerra, o tio foi pra Coreia... aquela

porra toda. Então ele cresce achando que vai ser um grande herói de guerra, tipo um John Wayne da vida real.

Cassian tragou o cigarro e soltou a fumaça pela janela.

— E aí?

Danny segurou o riso.

— Aí que ele finalmente consegue se alistar. Passa nos testes físicos, sobrevive ao treinamento, tudo certo. Mas, na última fase, os médicos fazem um exame e...

Ele já tava rindo antes de terminar.

— O desgraçado tem um problema no pau!

Cassian e Jammie se olharam.

— Que? — Cassian perguntou, franzindo a testa.

Danny segurou o volante com uma mão e estendeu a outra.

— Sério! Algum problema de circulação, sei lá, os médicos falaram que ele não podia ser soldado porque, tecnicamente, ele tinha um pau inválido.

Jammie começou a rir.

— Tu tá zoando!

Danny quase chorava de rir.

— Juro por Deus! Os caras dispensaram ele porque o pau dele não funcionava!

Cassian soltou uma gargalhada.

— Isso é a coisa mais fodida que eu já ouvi.

Danny limpou os olhos e respirou fundo.

— Pois é. Desde então, o cara virou um lunático. Mora com a mãe, vive em um trailer cheio de armas, treina tiro todo dia e acha que é um agente secreto.

Jammie balançou a cabeça.

— Isso não pode ser real.

Danny sorriu.

— Cês vão ver com os próprios olhos.

Ele virou na avenida seguinte, acelerando em direção ao fim da cidade. O sol queimava no horizonte, e os três riam enquanto o Stallion vermelho brilhava sob o céu de Miami.

O Stallion vermelho conversível cortava a estrada como uma lâmina quente na manteiga derretida do asfalto de Miami. O sol estava no seu auge, queimando tudo abaixo dele, refletindo nas águas da baía como se

alguém tivesse jogado ouro líquido no oceano. O vento quente soprava contra os cabelos de Cassian e Jammie, enquanto Danny guiava com uma mão só, a outra descansando no painel, um Ray-Ban espelhado refletindo o mundo à sua volta.

O rádio tocava "Take Me Home" de Phil Collins, a batida suave misturando-se ao barulho dos motores e ao burburinho da cidade ao longe. O calor grudava na pele, o cheiro de maresia misturado com gasolina e cigarro tornava o ambiente ainda mais brutalmente autêntico. Cassian tragou um cigarro devagar, a fumaça escapando entre seus lábios antes de ele jogar a guimba pela janela.

— Nada como dirigir nesse maldito paraíso, né? — Danny sorriu, ainda de olhos na estrada.

Cassian bufou.

— Paraíso? Miami é uma aposta. Todo mundo acha que vai ganhar até perceber que já perdeu tudo.

Danny riu, balançando a cabeça.

— E tu? Já perdeu tudo, parceiro?

Cassian olhou para ele de canto.

— Ainda não. Mas tô na linha do cheque.

Danny estreitou os olhos por trás dos óculos.

— O que houve?

Cassian ficou em silêncio por um momento, depois olhou para a estrada à frente.

— Eu fui fechar um negócio em Havana. Um acordo com um colombiano... não importa o nome dele.

Danny arqueou uma sobrancelha.

— E?

Cassian soltou um riso curto, sem humor.

— E foi uma emboscada.

Jammie se ajeitou no banco de trás.

— Sério? Quem armou?

Cassian pegou outro cigarro, acendendo com calma.

— Os cubanos.

Danny soltou um assobio.

— Cubanos?

— É. E eles levaram uma maleta.

Danny riu.

– Que merda tinha nessa maleta? Ouro? Cocaína?

Cassian olhou para ele e soltou a fumaça devagar.

– Algo pior. Uma dívida.

Danny parou de rir.

– Uma dívida?

– Se eu não recuperar essa maleta, uma família mafiosa em Nova York vem me cobrar... do jeito deles.

O silêncio tomou conta do carro. Só o som do motor e a música de Phil Collins preenchiam o espaço.

Jammie assobiou baixinho.

– Isso que eu chamo de uma merda federal.

Cassian assentiu, sem dizer nada.

Danny ficou um tempo pensando, depois soltou um suspiro.

– Tu precisa recuperar essa merda então.

Cassian olhou para ele.

– Exatamente.

Danny sorriu de canto.

– Gosto de ti, Cass.

Cassian não respondeu, mas um leve sorriso apareceu no canto de sua boca.

O Stallion vermelho continuou deslizando pela estrada escaldante de Miami, três homens indo em direção ao caos. Mas agora, juntos.

O Stallion vermelho entrou numa estrada de terra, levantando poeira enquanto se aproximava de um acampamento de trailers à beira de um pântano fedorento, cheio de vegetação rasteira e árvores mortas. O lugar era um buraco. Não um daqueles buracos cheios de traficantes e bandidos de verdade—aqueles tinham vida. Aqui, só havia restos de sonhos afogados no calor de Miami.

O ar cheirava a mofo, cerveja velha e carne queimada. Crianças descalças corriam entre os trailers enferrujados, enquanto alguns caras deitados em cadeiras de praia olhavam para o nada, segurando garrafas de cerveja barata como se fossem a única coisa mantendo-os vivos.

– Puta que pariu, Danny... esse é o teu contato? — Cassian tirou os óculos escuros, observando o lugar com um olhar frio.

Danny riu.

– Bem-vindo ao paraíso, parceiro.

Jammie acendeu um cigarro, olhando para um cara magrelo que coçava o peito sem camisa, sentado numa varanda improvisada feita de tábuas soltas.

— Se esse lugar fosse um cheiro, seria um cinzeiro misturado com vômito.

Danny saiu do carro e fez um sinal com a cabeça.

— Vem. O grande Roy deve estar lá dentro.

Eles caminharam até um trailer caindo aos pedaços, com um pedaço de pano cobrindo a porta no lugar de uma cortina. Ao lado, uma velha sentada numa cadeira de balanço bebia cerveja direto da lata, seus cabelos grisalhos desgrehados, olhos fundos como se não dormisse há anos.

— A mãe dele. — Danny sussurrou para Cassian.

— Ela tá viva? — Jammie murmurou.

Antes que alguém pudesse responder, o pano da porta foi puxado para o lado com força.

Roy apareceu.

Pior do que Cassian imaginava.

Camiseta suja do exército, regata improvisada nos ombros largos e flácidos. Cabelos mullet oleosos, grudados na testa suada. Um olhar que misturava paranoia, desespero e raiva—como se o mundo tivesse lhe prometido algo e nunca entregueado.

— DANNY, SEU FILHO DA PUTA! — Roy abriu um sorriso exagerado, mostrando dentes amarelados.

Danny sorriu.

— Fala, Roy. Tá pronto pra salvar o mundo?

Roy riu alto, mas o riso morreu rápido demais. Seus olhos fixaram-se em Cassian.

— E esse aí?

Danny colocou a mão no ombro de Cassian.

— Esse é o cara que vai te dar um propósito na vida.

Cassian ficou parado, analisando Roy como um tubarão observa um peixe ferido.

Roy era um fracassado.

Mas fracassados desesperados faziam coisas imprevisíveis.

E Cassian poderia usar isso.

XV

Tristeza, decepção, e pênis insuficiente

O trailer de Roy era uma visão deprimente. O teto tinha manchas de mofo, a pia transbordava de pratos sujos e um ventilador barulhento girava no teto, tentando em vão afastar o calor sufocante de Miami. O lugar tinha um cheiro indefinível — uma mistura de suor, cerveja velha e pólvora.

Cassian, Danny e Jammie sentaram-se no sofá puído, enquanto Roy revirava uma caixa de munições, jogando cartuchos e balas pelo chão, resmungando para si mesmo.

— Cês acreditam que aquela vadia do exército me chutou por causa de UM DETALHE?! UM DETALHE?! — Roy bufou, passando a mão no rosto suado.

Danny olhou para Cassian e ergueu uma sobrancelha.

— Cuidado, Cass. Esse é um assunto delicado.

Cassian cruzou os braços, esperando.

Roy jogou uma lata vazia contra a parede.

— SEU PÊNIS NÃO É SUFICIENTE, ROY! — ele imitou uma voz debochada, claramente imitando um coronel do exército. "VOCÊ NÃO PASSA NO EXAME FÍSICO, ROY!"

Ele se virou para os três, os olhos cheios de raiva e ressentimento.

— E O QUE EU FIZ?! Eu me matei de treinar! Eu aprendi tudo que um soldado tem que saber! Tudo! Você me joga no Vietnã e eu te trago a cabeça de um vietcongue amarrada no cinto!

Ele pegou um revólver de cima da mesa e o girou no dedo.

— Mas não, Roy não pode ser um soldado, né? Porque Roy tem um probleminha de circulação! Porque o médico disse que o meu pau não enche direito quando ele quer!

Jammie segurou o riso. Danny olhou para o chão, balançando a cabeça.

Cassian observava Roy com calma.

— E por causa disso, eu tive que passar os últimos VINTE ANOS vivendo nesse buraco, vendendo arma pra bandido, pra miliciano, pra cubano e pra caipira do Alabama!

Roy pegou uma metralhadora M16 debaixo da mesa, caminhou até um canto do trailer e puxou um quadro velho da parede.

Atrás dele, um poster desbotado de um coronel do exército, fardado, óculos escuros, olhar de desaprovação.

— Esse filho da puta! Esse desgraçado me destruiu! Ele me roubou a vida que eu deveria ter!

E então ele apertou o gatilho.

A M16 cuspiu fogo, destruindo o poster em segundos.

Os três assistiram em silêncio enquanto Roy esvaziava o pente, gritando:

— MEU PAU É SUFICIENTE, SIM!

O trailer ficou cheio de fumaça e cheiro de pólvora.

Roy ficou ali, respirando pesado, os olhos vermelhos, a arma ainda fumegando nas mãos.

Cassian se levantou devagar e pegou uma cerveja da geladeira.

— Então, Roy... quer ganhar dinheiro de verdade?

Roy olhou para ele.

E sorriu.

A fumaça do tiroteio ainda pairava no ar. Roy jogou a M16 de lado e caiu pesadamente numa cadeira de metal, pegando uma garrafa de uísque barato da mesa. Ele abriu com os dentes, cuspiu a tampa e deu um gole longo, limpando a boca com o antebraço sujo.

Cassian acendeu um cigarro e se encostou no balcão da cozinha apertada do trailer. Ele olhava para Roy com um meio sorriso, avaliando o sujeito.

— Então, Roy... — Cassian disse, soltando a fumaça devagar. — Me diz uma coisa... você tá satisfeito com essa vida? Vendendo metralhadora pra caipira e gritando pro pôster de um velho babaca?

Roy deu mais um gole e apontou a garrafa pra ele.

— E o que cê tá me oferecendo, Cass?

Cassian trocou olhares com Danny e Jammie, depois voltou pra Roy.

— Tô precisando de umas armas.

Roy gargalhou.

— Porra, meu irmão! Cê tá num trailer cheio delas! Aqui tem mais ferro do que uma guarnição da Guarda Nacional!

Cassian balançou a cabeça.

— Eu não tô falando de qualquer arma, Roy. Eu preciso do melhor. Algo que vai cortar um cargueiro ao meio.

Roy parou de rir.

— Cargueiro?

Danny sorriu e se encostou na geladeira, cruzando os braços.

— Acho que é melhor você ouvir ele, Roy. O Cass tem uns planos grandes.

Roy olhou para Cassian, interessado.

— Tá falando sério? Vai invadir um cargueiro?

Cassian jogou o cigarro no chão e pisou nele.

— É isso mesmo. Um cargueiro no porto. Carregado até a borda com cocaína. Eu preciso de armas pesadas. E de um cara que saiba como usá-las.

Roy inclinou a cabeça.

— E por que diabos eu ajudaria você nisso?

Cassian pegou outra cerveja da geladeira e jogou pra ele.

— Porque eu sei que você tá cansado de viver assim, Roy. Trancado nesse buraco, vendendo arma pra peão de segunda. Eu tô te dando uma chance de ser alguém. De ter uma vida de verdade.

Roy ficou em silêncio por um instante, bebendo.

— E quais armas você tá precisando?

Cassian abriu um sorriso.

— Preciso de três fuzis automáticos, duas escopetas, granadas e, se você tiver, um lança-foguetes.

Roy assobiou.

— Porra, meu irmão! Cê vai pra guerra?

Cassian riu.

— Vamos dizer que vai ser um evento explosivo.

Roy ficou pensativo, bebendo mais um gole.

Cassian deu um passo à frente e colocou a mão no ombro dele.

— E então, Roy... quer ver coelho?

Roy encarou Cassian. Seu olho esquerdo tremia levemente, um tique nervoso. Ele olhou ao redor do trailer, viu as armas, a bagunça, a foto destruída do coronel.

E então ele sorriu.

— Vamos ver esse coelho, Cass. Vamos ver esse coelho.

O sol dourado de Miami entrava pelas janelas encardidas do trailer, refletindo nas garrafas de cerveja vazias espalhadas pela mesa. Cassian recostou-se no balcão estreito, acendendo outro cigarro, os olhos analisando Roy como um caçador observa uma presa ferida.

Danny se jogou no sofá rasgado, rindo enquanto bebia direto do gargalo de uma garrafa de rum.

— Tá maluco, Cass? — Danny disse, apontando pra ele. — Tá pedindo pra esse cara meter uma bazuca num navio cheio de cubano? Tá com pressa de morrer?

Cassian soprou a fumaça devagar, olhando pra Roy.

— O Roy não é só um maluco qualquer. Ele é um maluco que sabe atirar. E eu preciso de alguém assim.

Roy abriu um sorriso torto, o uísque ainda escorrendo pelo canto da boca.

— Porra, Cass... você fala bonito. Mas você não entende, cara. Eu sou um cara fodido. Tentei entrar no exército, me chutaram porque “não passei no exame físico”. — Ele fez aspas no ar e então gritou, os olhos cheios de fúria. — Mas eu sei que foi aquele merda do coronel! Aquele viado me odiava! Dizia que eu nunca seria um soldado de verdade!

Roy se levantou de repente, pegou uma submetralhadora Tec-9 de cima da mesa e marchou até a parede do trailer, onde uma foto amarelada do coronel estava colada com fita adesiva.

— Cê quer saber, Cass? Cê quer mesmo saber?

Roy cerrou os dentes, apertou o gatilho e despejou um carregador inteiro na foto, os tiros furando a madeira da parede e fazendo a luz do sol atravessar os buracos.

Jammie se abaixou, cobrindo a cabeça.

— PUTA MERDA, ROY!

Roy arfava, suando, os olhos arregalados. Ele jogou a Tec-9 no chão e apontou o dedo pra Cassian.

— Esse filho da puta arruinou minha vida! Mas quer saber? Agora eu sou o meu próprio exército, desgraçado! Eu faço guerra quando eu quiser! Eu sou um maldito pelotão inteiro!

Danny gargalhava, batendo palmas.

— Porra, Roy, cê é completamente doente!

Cassian sorriu, tragou mais um cigarro e jogou a bituca no chão.

— E é exatamente disso que eu preciso.

Roy limpou o suor da testa, respirando fundo. Pegou a garrafa de uísque e virou um gole longo, tremendo um pouco.

— Beleza, Cass... eu topo essa merda. Mas quero um pedaço desse cargueiro. Quero um corte. Quero grana. Quero respeito.

Cassian cruzou os braços e inclinou a cabeça levemente.

— Se a gente sair dessa vivo, Roy... você vai ter mais do que isso.

Danny se levantou, abriu os braços.

— É ISSO AÍ, PORRA!

Jammie só suspirou, esfregando o rosto.

O ar cheirava a pólvora, álcool e suor. Cassian não sabia no que aquilo ia dar. Mas, pela primeira vez em muito tempo, ele sentia que estava no caminho certo.

XVI

Ka-Ka-Boom

O porto industrial de Miami era um cemitério de aço e ferrugem. O cheiro salgado do mar misturava-se ao óleo das embarcações ancoradas, e as luzes amarelas dos postes piscavam esporadicamente, dando ao cenário um ar de decadência.

Cassian Delviano estava ajoelhado atrás de um contêiner enferrujado, segurando uma Colt M16A1 com um pente estendido. Seu rosto estava banhado pelo brilho da lua e pelo vermelho fraco do cigarro pendendo no canto da boca. Ele olhou para Roy, que vestia um colete tático roubado e segurava uma escopeta Franchi SPAS-12. Do outro lado, Danny ajeitava sua MAC-10 no colo, os olhos brilhando de adrenalina.

— Última chance, seus filhos da puta. — Cassian murmurou, puxando o ferrolho da M16. — Se algum de vocês quiser dar meia-volta e meter o rabo entre as pernas, agora é a hora.

Roy deu uma risada curta, cuspidando no chão.

— Você tá brincando comigo? Eu nasci pra essa merda.

Danny girou o silenciador da pistola secundária e sorriu.

— Eu não saí de casa pra voltar de mãos vazias, parceiro.

Cassian jogou o cigarro no chão e pisou nele.

— Então bora fazer essa porra.

O cargueiro cubano "El Tesoro" era uma fortaleza flutuante. Cerca de dez homens armados faziam a patrulha na entrada, iluminados pela luz bruxuleante de um holofote instalado no convés superior. Outros caminhavam despreocupados pelo deque de carga, conversando e rindo enquanto passavam de mão em mão garrafas de rum barato.

Cassian ergueu três dedos. Contagem regressiva.

Três...

Danny respirou fundo e ergueu a MAC-10.

Dois...

Roy cerrou os dentes, segurando firme a escopeta.

Um.

Cassian puxou o gatilho da M16 e a primeira rajada comeu o silêncio da noite.

Um dos guardas teve o peito rasgado pelas balas, caindo para trás como uma marionete com os fios cortados. Danny disparou sua MAC-10 e outro cubano foi atingido no rosto, seu crânio explodindo como uma melancia sob um martelo.

— VÃO TOMAR NO CU! — Roy rugiu, avançando enquanto disparava a SPAS-12. Um tiro varou o abdômen de um dos marinheiros, abrindo um buraco do tamanho de um prato e jogando seus intestinos para fora.

O convés virou um pandemônio. Homens gritavam ordens em espanhol, alguns pegando armas, outros correndo como baratas. Cassian seguiu em frente, movendo-se rápido, abaixando-se entre as coberturas de metal, atirando com precisão. Ele atingiu um cubano na altura do joelho, fazendo-o cair de cara no chão antes de finalizar com um tiro na nuca.

Roy tomou a frente, rindo como um lunático. Um guarda se aproximou correndo com uma submetralhadora Uzi, mas Roy girou a escopeta para a lateral e disparou à queima-roupa. A cabeça do homem desapareceu numa nuvem de sangue e ossos.

— EU AMO ESSA MERDA! — Roy berrou, recarregando.

Os cubanos reagiram, abrindo fogo do alto do convés. Cassian se abaixou atrás de um barril, sentindo as balas assoviarem sobre sua cabeça.

— DANNY, CUIDA DESSA MERDA!

Danny se esgueirou para trás de um guindaste, pegando um fuzil de precisão que havia deixado ali antes da invasão. Ele apoiou a mira, respirou fundo e puxou o gatilho.

Uma bala atravessou a garganta de um dos atiradores no alto do convés, que caiu como um boneco de pano. O outro tentou correr, mas Danny disparou de novo, atingindo seu olho esquerdo e arrancando metade do crânio.

Cassian viu a oportunidade e correu para o lado, se aproximando da cabine de comando do cargueiro. Ele chutou a porta com força, entrando

no corredor apertado. Dois cubanos estavam ali dentro. O primeiro sacou uma pistola, mas Cassian o acertou no estômago antes que ele tivesse a chance de disparar. O segundo se jogou contra ele, tentando desarmá-lo, mas Cassian girou a M16 e desferiu uma coronhada brutal, quebrando os dentes do homem antes de disparar contra seu peito.

Ele olhou ao redor. Uma mesa, mapas, cigarros cubanos espalhados pelo chão. E ali, no canto, estava ela: a maleta preta.

Cassian se abaixou, pegou a maleta e abriu só um pouco. Confirmou o conteúdo e fechou de novo.

— Pronto.

Lá fora, Roy e Danny seguravam a entrada do convés. O chão estava coberto de sangue e corpos mutilados. Roy chutou um cubano agonizante para fora do caminho e olhou para Cassian.

— Pegou?

Cassian ergueu a maleta.

— Peguei.

Danny riu, limpando o suor da testa.

— Então vambora antes que essa porra vire um festival de tiro ainda maior.

Roy cuspiu no chão, recarregando a escopeta.

— Ah, só mais um pouquinho, vai...

Cassian puxou Roy pelo braço.

— Sem mais diversão. Vamos cair fora.

O trio correu pelo convés, descendo a rampa de carga em direção aos carros que tinham deixado escondidos na doca. Tiros ainda eram disparados atrás deles, mas eles estavam longe demais para se importar. O cargueiro ficou para trás, envolto em fumaça, pólvora e gritos de agonia.

Cassian sentou-se no banco do motorista, respirando fundo, sentindo o peso da maleta no colo.

— Pra onde agora? — Danny perguntou.

Cassian ligou o carro, jogou o cigarro pela janela e olhou para frente.

— Agora a gente vai entregar essa porra e ver quem sobrevive no final.

Ele acelerou. O ronco do motor se misturou com o som distante de sirenes de polícia. Miami brilhava à frente, esperando por eles.

O ronco do motor se misturava com o pulsar das sirenes. Cassian Delviano apertou os dentes. O velocímetro oscilava acima dos 120 km/h,

o ponteiro vibrando com a velocidade. Atrás deles, quatro viaturas da Polícia de Miami se aproximavam, os faróis cortando o asfalto molhado pela maresia da noite.

— FILHOS DA PUTA NÃO VÃO LARGAR! — Danny gritou, olhando pelo retrovisor.

Cassian socou o volante, seus olhos ardendo de raiva. O suor escorria pela testa, e a maleta preta pesava no colo como se fosse feita de chumbo. Ele não planejava merda nenhuma disso. Não tinha sido cuidadoso por semanas pra tudo acabar assim: correndo como um rato, com as sirenes mordendo o rabo dele.

— PORRA! — Cassian rosnou, engatando uma marcha mais alta.

O Lincoln Continental preto cortava as ruas de Miami como uma bala, desviando de outros carros. Cassian jogou o volante para a esquerda, entrando numa avenida principal sem nem piscar. Os pneus derraparam, queimando borracha no asfalto quente.

— CASS, QUE PORRA CÊ TÁ FAZENDO?! — Danny segurou o painel, quase indo de cara no vidro.

— CALANDO A BOCA DESSAS PORRAS!

Cassian meteu a mão no banco traseiro e puxou a M16A1. Sem pensar duas vezes, ele enfiou o corpo para fora da janela. O vento bateu no rosto dele como uma rajada de areia, e as sirenes cortavam o ar.

— VÃO SE FODER, SEUS MERDAS!

Ele puxou o gatilho.

TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ!

O barulho da M16 engoliu a noite. Uma rajada maciça de balas foi cuspidas contra a primeira viatura. O parabrisa estourou instantaneamente, e os dois policiais dentro foram rasgados como carne num moedor. O carro perdeu o controle, girando desgovernado até se chocar contra um poste, explodindo num clarão laranja.

— CARALHO! — Danny gritou, os olhos arregalados.

— PUTA QUE PARIU! — Roy deu uma gargalhada nervosa. — Você pirou, Delviano?!

Cassian não ouviu.

Ele virou o corpo na janela de novo, os olhos fervendo de ódio. Ele via os giroscópios das viaturas, via os rostos dos policiais atrás dos volantes, via as sirenes piscando feito malditos vaga-lumes.

E tudo dentro dele gritou.

Ele meteu o dedo no gatilho de novo.

TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ!

Outra viatura foi atingida no motor. O capô explodiu numa nuvem de fumaça e fogo. O carro virou de lado, girando como uma maldita roleta antes de tombar, capotar e deslizar pelo asfalto.

Os policiais tentaram frear, mas Cassian continuou atirando. As balas perfuraram os vidros, furaram as portas. Um dos caras no banco do passageiro teve o pescoço aberto por um tiro, sangue esguichando na viatura antes do carro bater numa banca de jornal e voar pedaços de papel por toda a rua.

— CASSIAN, QUE PORRA FOI ESSA?! — Danny berrou, quase pulando no pescoço dele.

Cassian jogou o corpo de volta pra dentro do carro, ofegante, os olhos selvagens. O cheiro de pólvora e sangue impregnava o ar.

— Eu cansei dessa merda.

A respiração dele estava pesada, o rosto vermelho de raiva.

Roy olhou pra ele, segurando o painel do carro. Até Roy, que era um maluco de guerra, parecia impressionado.

— Tá maluco, Cass?! — Ele riu nervoso, meio sem entender. — A gente podia ter só despistado os caras, cacete!

Cassian ainda segurava a M16 com força, os dedos tremendo de adrenalina. Ele olhou para Roy, depois para Danny.

— Eles não iam parar.

Danny passou as mãos nos cabelos suados.

— Jesus Cristo...

O silêncio foi tomando conta do carro enquanto as sirenes ficavam cada vez mais distantes. Cassian respirou fundo, afundando-se no banco do motorista.

A maleta preta ainda estava ali, segura.

Ele não podia perder aquilo.

XVII

Juno Petronelli

Jammie não conseguia dormir.

O cara revirava na cama, os lençóis enrolados no corpo como uma múmia, os olhos arregalados mirando o teto. Cada som do lado de fora fazia o coração dele pular. Um motor roncando? Cubanos. Um cachorro latindo? Cubanos. Uma garrafa quebrando na calçada? Cubanos.

Ele passou as mãos no rosto suado e sentou na cama. Porra, Cass... o que diabos você tá fazendo?

Foi aí que a porta levou um chute.

— ABRE ESSA MERDA, JAMMIE!

Jammie pulou da cama num pulo só.

— CARALHO, CASS, PARA DE CHUTAR MINHA PORTA!

Ele destrancou e puxou a maçaneta. Cassian Delviano entrou como um furacão, a camisa rasgada, os olhos ainda brilhando com adrenalina. Ele jogou uma maleta preta no sofá e caiu na poltrona como se tivesse levado um tiro.

Jammie ficou olhando, boquiaberto.

— Isso é...?

Cassian acendeu um cigarro, tragou forte, soltou a fumaça e olhou pra ele.

— A maleta do Juno.

Jammie arregalou os olhos.

— VOCÊ TÁ BRINCANDO.

Cassian riu, uma risada seca, cheia de cansaço.

— Eu pareço alguém que tá brincando, Jammie?

Jammie olhou pra maleta como se fosse a porra de um milagre. Ele correu as mãos pelos cabelos, bufou, olhou pra cima, riu sozinho, um riso histérico de alívio.

— MEU DEUS, MEU DEUS, MEU DEUS! — Ele quase pulou no sofá. — Isso significa que... que eu não vou mais acordar com uma faca no pescoço?!

Cassian tragou o cigarro de novo.

— Se o Juno for um homem de palavra... não.

Jammie soltou um grito de comemoração, jogando as mãos pro alto.

— CASSIAN, EU TE AMO!

Cassian franziu o cenho.

— Calma lá, caralho.

Jammie nem ligou. Ele se jogou na poltrona ao lado, os olhos ainda brilhando de excitação.

— Porra, cara! Eu já tava me cagando todo! Tava pensando até em fugir pra outro estado, me chamar de "Jimmy Ray" e vender cachorro-quente em Nova Jersey!

Cassian bufou.

— Você não ia sobreviver uma semana em Nova Jersey.

Jammie riu, batendo a mão na própria testa.

— Foda-se, agora não preciso! Porque O MEU CARA CASS PEGOU A PORRA DA MALETA!

Cassian balançou a cabeça, tragando o cigarro de novo. Ele pegou o seu telefone da mesinha – um verdadeiro tijolão dos anos 80 – e discou o número de Juno Petronelli.

O telefone tocou.

E tocou.

E tocou.

Até que alguém atendeu.

— QUEM CARALHOS TÁ ME LIGANDO A ESSA HORA?!

Cassian respirou fundo.

— Cassian Delviano.

Silêncio.

Então, uma risada seca.

— Ah... Cass. — O tom de Juno Petronelli ficou duro, frio, puto. — Vai me pagar?

Cassian segurou o cigarro entre os dentes, pegou a maleta do sofá e abriu. O brilho das notas de dinheiro quase ofuscou Jammie.

— Já recuperei.

Silêncio.

Jammie podia ouvir a respiração de Juno do outro lado da linha.

— ...O que disse?

Cassian jogou o cigarro no cinzeiro.

— Eu disse que recuperei. A porra da maleta tá comigo.

Mais silêncio.

Até que Juno suspirou.

— ...Você é um filho da puta, Cass.

Cassian sorriu.

— Bom te ouvir também, Juno.

O silêncio durou mais alguns segundos. Juno respirou fundo do outro lado da linha.

Então, ele riu.

Uma risada longa, despreocupada, quase animada.

— Hah! Porra, Cass, eu sabia que você ia dar um jeito!

Cassian trocou um olhar rápido com Jammie, que ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? — Cassian perguntou, sem esconder a ironia.

— É CLARO, PORRA! — Juno soou quase ofendido. — Desde o começo eu sabia que você não ia me decepcionar. Tu é um dos meus melhores, Cass! Sempre foi.

Cassian fechou os olhos por um instante, massageando a têmpora.

— Bom saber.

— Não, sério! — Juno continuou, agora com empolgação genuína. — Você é esperto, tem culhão, sabe se virar. É disso que eu gosto, cara! E olha só, amanhã a gente fecha um negócio GRANDE. E você vai cuidar da nossa ponta em Miami.

Cassian estreitou os olhos.

— Negócio grande?

— Grande pra caralho. — Juno garantiu. — E eu quero você no comando.

Meu contato vai te encontrar amanhã, já tá tudo certo.

Cassian tragou o cigarro, pensativo.

— Quem é o contato?

— Vou te mandar o nome e o local mais tarde. Só fica pronto.

Cassian jogou o cigarro no cinzeiro.

— Certo.

Juno riu de novo.

— Isso que eu gosto de ouvir! E, Cass? Sempre confiei em você.

A linha caiu.

Cassian largou o telefone na mesa e soltou um suspiro pesado.

Jammie olhou pra ele, boquiaberto.

— Mas que PORRA foi essa?!

Cassian pegou o cigarro, tragou uma última vez e apagou no cinzeiro.

— Acho que acabei de ganhar um novo trabalho.

XVIII

Ray Costa

O sol castigava a Ocean Drive, refletindo nos capôs cromados dos Cadillacs e Ferraris, fazendo os prédios Art Déco parecerem ainda mais brancos e cegantes. O cheiro de maresia misturava-se com gasolina, protetor solar barato e a promessa de dinheiro sujo circulando por Miami.

Cassian Delviano atravessava a rua como se já fosse dono da cidade, camisa de seda azul-claro aberta no peito, um antigo Rolex dourado brilhando no pulso. Ele tragou o cigarro, jogou a bituca no asfalto e pisou nela sem nem olhar.

O encontro era num restaurante italiano discreto, exclusivo para homens que nunca pagavam a conta. O ar-condicionado estalava no teto, e o cheiro de molho de tomate misturava-se com tabaco cubano.

Na mesa dos fundos, de costas para a parede, esperava Ray Costa. Cabelo lambido para trás, camisa de seda creme aberta, mostrando um cordão grosso de ouro no peito peludo. Na mão, um mojito quase intocado. Ele olhava Cassian subir os degraus da entrada como um tubarão avalia um peixe menor.

Cassian não conhecia Ray. E Ray não conhecia Cassian. Mas os dois já sabiam exatamente o que um era para o outro.

Cassian parou diante da mesa, olhou Ray nos olhos.

— Cassian Delviano.

Ray sorriu, um sorriso de advogado que já sabe que vai ganhar o caso.

— Ray Costa. Senta.

Cassian puxou a cadeira, cruzou as pernas, acendeu outro cigarro. O garçom apareceu.

— O que o senhor deseja?

Cassian não olhou para ele.

— Whisky. Sem gelo.

O garçom sumiu. Cassian soprou a fumaça e olhou para Ray.

— Ouvi dizer que você tá expandindo.

Ray pegou um canudo, girou o mojito devagar.

— E ouvi dizer que você tá querendo um pedaço do bolo.

Cassian deu um sorriso mínimo, sem confirmar nem negar. Apenas pegou a maleta preta que estava ao seu lado, levantou e jogou na mesa com um baque seco.

Ray levantou uma sobrancelha, bateu a ponta dos dedos na tampa.

— E isso aqui é...?

Cassian tragou o cigarro devagar.

— Minha entrada.

Ray manteve os olhos em Cassian enquanto destravava a maleta. Assim que abriu, a luz do restaurante refletiu nas notas de cem dólares empilhadas em maços perfeitos. A respiração dele ficou mais lenta.

Cassian apagou o cigarro.

— É o bastante?

Ray pegou um maço, virou na mão, sentindo o peso, a textura, o cheiro.

— É um bom começo.

Ele fechou a maleta com um estalo, encostou-se na cadeira.

— Juno já te explicou o que vai ser o trabalho?

Cassian balançou a cabeça.

— Ele só disse que você ia me dizer.

Ray soltou uma risada curta.

— Claro que sim.

Ele inclinou-se, falando mais baixo, os olhos brilhando com promessas e perigos.

— A gente tem a mercadoria chegando da Colômbia. Pura. Sem corte. A melhor cocaína que essa cidade já viu. O problema é que tá ficando mais difícil trazer essa merda direto pra Miami sem os federais começarem a farejar.

Ele pegou o copo de mojito, tomou um gole lento.

— A gente precisa de uma nova rota. E aí que entram as Bahamas.

Cassian ficou em silêncio, ouvindo.

Ray continuou.

— Os turistas, os milionários, os cruzeiros... ninguém dá um caralho pros barcos indo e voltando. Sem fiscalização. Sem radar. O plano é trazer a mercadoria até as ilhas primeiro, esconder bem, esperar o momento certo e depois distribuir pra Miami em pequenas cargas.

Ele apontou para Cassian.

— E é aí que entra você.

Cassian cruzou os braços.

— Eu sou o cara que vai fazer isso rodar.

Ray sorriu.

— Você é o cara que vai garantir que ninguém foda isso. Você vai coordenar os pilotos dos barcos, as equipes que pegam e escondem a mercadoria, os subornos certos pras pessoas certas. Se alguém roubar, você encontra e resolve. Se alguém abrir a boca, você fecha. Se alguém fizer merda... — ele fez um gesto com a mão, imitando uma pistola atirando.

Cassian manteve o olhar firme.

— E eu trabalho pra você?

Ray soltou uma gargalhada.

— Não, porra. Você trabalha comigo. Você entra nisso como um dos donos. Um pedaço do império.

Cassian tamborilou os dedos na mesa.

— Quanto?

Ray estreitou os olhos, analisando.

— Vinte por cento.

Cassian riu pelo nariz.

— Trinta.

Ray piscou devagar.

— Vinte e cinco.

Cassian tragou o cigarro, soltou a fumaça pelo nariz, depois estendeu a mão.

Ray apertou.

— Vinte e cinco.

O acordo estava fechado.

Ray pegou a maleta, se levantou, ajeitou os óculos escuros.

— Bem-vindo ao próximo nível, Delviano. Espero que você não me faça me arrepender.

Cassian deu um sorriso torto.

— Espero que você não me faça arrepender também.

Ray sorriu, o tipo de sorriso que dizia que ele já tinha ouvido muita merda de muito homem confiante. Ele pegou a maleta com o dinheiro, segurando firme, como se estivesse pesando o valor do investimento.

— E qual é a tua, Delviano? — ele perguntou, jogando o corpo para trás na cadeira. — Por que diabos você quer entrar nesse jogo? Miami tá cheia de espertinhos achando que vão se tornar o próximo comandante do ouro branco, mas 90% deles acabam mortos ou limpando privada na prisão. O que te faz diferente?

Cassian pegou seu whisky, girou o copo lentamente antes de beber um gole longo. O álcool desceu quente, mas o rosto dele continuou frio como mármore.

— Se você tem que perguntar isso, então talvez Juno tenha mandado o cara errado.

Ray soltou uma risada curta.

— É mesmo?

Ele inclinou-se para frente, os olhos estreitando.

— Sabe o que eu vejo quando olho pra você? Um cara com pose de durão. Um cara que sabe falar bonito, que veste roupa cara, que tem um relógio que vale mais que um apartamento no Little Havana. Mas sabe o que eu não vejo? Eu não vejo um filho da puta que tá disposto a fazer o que precisa ser feito. E nesse ramo, Delviano, o que separa os reis dos cadáveres é a disposição pra cruzar a linha.

Cassian manteve o olhar. Frio. Duas lâminas afiadas se encarando.

— E você acha que eu não cruzaria a linha?

Ray encostou-se novamente, rindo baixo, como se estivesse se divertindo.

— Eu acho que todo mundo fala que cruzaria. Todo mundo quer parecer fodão. Mas quando chega a hora, quando você tá no meio do oceano, segurando um filho da puta pelo colarinho, com ele chorando, se cagando de medo, implorando pra você não meter uma bala no crânio dele... é aí que a gente vê quem tá pronto e quem tá blefando.

Cassian bebeu outro gole, depois pousou o copo na mesa devagar. Ele inclinou-se um pouco, a voz mais baixa, mais grave.

— Você acha que eu sou novo nisso? Você acha que eu nunca tive que resolver um problema? Você acha que eu nunca tive que olhar nos olhos de um desgraçado e decidir se ele ia ver o sol nascer no dia seguinte?

Ray observou Cassian. Houve um instante de silêncio, um instante onde apenas a promessa de violência pairava no ar.

Cassian sorriu. Um sorriso pequeno, sem pressa.

— Eu não sou um jogador. Eu sou o jogo.

Ray bateu a língua no céu da boca.

— É... agora você tá começando a falar minha língua.

Ele pegou o mojito e bebeu um gole longo. Depois limpou a boca com as costas da mão e apontou para Cassian.

— Mas tem mais uma coisa. Uma coisa que separa os reis dos idiotas mortos na sarjeta.

Cassian arqueou a sobrancelha, esperando.

— Fidelidade.

Ray recostou-se, batendo os dedos na maleta com o dinheiro.

— Se você vai entrar nesse negócio, vai ser comigo. Não com ninguém mais. Sem joguinhos, sem pular cerca. Se eu descobrir que você tá se metendo com outra operação, que tá negociando pelas minhas costas, que tá pegando algo que não é seu...

Ele abriu um sorriso largo, amigável. Mas os olhos não tinham um pingô de simpatia.

— A gente não vai estar mais tendo essa conversa.

Cassian inclinou-se para frente.

— Ray... se eu aceitasse a oferta de outro homem, isso significaria que eu achava que ele era melhor que você.

Ele pegou o copo e deu um gole. Depois sorriu.

— E eu nunca faria isso.

Ray riu. Uma risada genuína dessa vez.

— Bom filho da puta. É assim que se fala.

Ele bateu a palma da mão na mesa.

— Então vambora. Teu trabalho começa hoje.

XIX

Ouro Branco Part I

Miami. Meia-noite. Você tem que entender uma coisa sobre essa cidade — tudo gira em torno de dinheiro. Não importa quem você é, o que faz, de onde veio. Se você tem grana, você manda. Se não tem, você é só mais um pobre diabo correndo atrás do próprio rabo.

Agora, eu não sou um cara que corre atrás de nada. Nunca fui. Eu faço as coisas acontecerem.

Depois daquele primeiro encontro com Ray, ficou claro: ou eu provava que tinha estômago pra isso ou ia acabar no fundo do mar com os peixes. Então, minha primeira missão era simples.

— Bahamas. Cocaína. Uma nova rota.

O trabalho era direto: estabelecer um fluxo de mercadoria das ilhas direto pra Miami, usando barcos rápidos e pilotos que não faziam perguntas. Nada de mulas em aeroportos. Nada de pequenas quantidades. Coisa grande, coisa pesada.

Primeiro, os produtores. Eu precisava de alguém nas Bahamas que garantisse que a mercadoria saísse quente, pura e sem erro. Alguém com um bom porto, bons contatos e a inteligência suficiente pra não foder tudo. Era aí que entrava Vince Moreno.

Segundo, os transportadores. Homens que podiam pilotar barcos como se fossem Ferraris e que conheciam aquelas águas melhor do que qualquer maldito tubarão.

Terceiro, a distribuição. Miami já estava tomada por Ray e seus comparsas. Mas essa nova rota? Isso significava um império paralelo crescendo debaixo do nariz de todo mundo.

Agora, você deve estar pensando: "Porra, Cassian, isso parece um plano maravilhoso. Mas como você vai entrar nisso?"

Simples. Dinheiro.

Aquela maleta que entreguei pra Ray? Aquilo era meu ingresso. Mostrava que eu estava jogando sério. Que eu estava pronto.

Mas uma coisa você precisa saber sobre esse mundo: dinheiro abre portas, mas sangue mantém elas abertas.

O hidroavião desceu suavemente sobre o mar azul-turquesa das Bahamas, cortando as águas calmas antes de deslizar em direção a um píer privado. Cassian observou o cenário através das lentes de seus óculos escuros. O paraíso tinha um preço, e ele estava prestes a negociar o valor. Assim que desceu, foi recebido por um dos capangas de Vince Moreno, um sujeito magro, pele bronzeada e dentes brilhantes.

— Senhor Delviano, bem-vindo. O chefe está esperando.

O carro que o levou até a mansão era um Rolls-Royce conversível branco. O tipo de exagero que só um homem como Vince Moreno podia se dar ao luxo de bancar.

Quando chegaram, Cassian foi conduzido até um terraço onde Moreno estava sentado, charuto na boca, um copo de rum na mão e três mulheres em biquínis ao redor dele.

— Cassian Delviano! O homem que veio mudar o jogo! — Vince se levantou, abrindo os braços como se fosse um anfitrião de um cassino de Las Vegas. — Senta, senta. Vamos conversar como cavalheiros.

Cassian pegou um charuto da mesa, analisando-o antes de aceitar o isqueiro que um dos seguranças ofereceu.

— Ouvi falar muito de você, Vince.

— Ah, e eu de você. — Moreno sorriu. — Você sabe como isso funciona. Eu preciso garantir que estou lidando com alguém confiável. Alguém que entende o que significa fazer negócios no meu quintal.

Cassian soltou a fumaça lentamente, analisando Moreno.

— Se eu não fosse confiável, você acha que eu estaria aqui?

Moreno riu. Um riso baixo, mas afiado.

— Gosto do teu estilo, Cassian. Mas gosto mais ainda de dinheiro. Então, me diga... como exatamente você pretende fazer essa rota funcionar?

Cassian se inclinou, pegando o copo de rum que foi colocado à sua frente.
— Simples. Os colombianos mandam a mercadoria pra cá. Seus homens recebem, fazem a triagem e embalam como deve ser. Depois, usamos barcos rápidos para mandar direto pra Miami, cortando o tempo de transporte pela metade. Nada de aviões arriscando radar. Nada de pequenas quantidades em bagagens de aeroporto. Apenas fluxo constante.

Moreno bateu a língua no céu da boca, refletindo.

— E a segurança?

— A segurança é a parte mais fácil. Cada barco sai em horários diferentes, rotas diferentes, tudo coordenado. Se um for pego, outro já está chegando no destino. E claro... — Cassian tomou um gole do rum. — Com o dinheiro certo, certas autoridades podem ser bem... compreensivas.

Moreno sorriu, satisfeito. Mas então, seu olhar ficou mais frio.

— Gosto do plano, mas tenho uma regra, Cassian. Eu não faço negócios com homens que não têm pele no jogo. Eu não vou abrir minha operação pra um estranho sem saber se ele aguenta o calor. Então aqui está o meu teste pra você.

Ele estalou os dedos. Dois seguranças arrastaram um homem amarrado, jogando-o no chão. Um piloto traidor. Um informante da DEA.

Moreno pegou uma pistola e a estendeu para Cassian.

— Mostre pra mim que você está pronto.

O silêncio caiu sobre a mansão. O som das ondas quebrando ao longe, o estalo da brisa contra as cortinas brancas. Cassian pegou a arma sem hesitar.

E então, ele olhou nos olhos do homem.

Ele não via medo. Ele via desespero. O tipo de desespero que só existe quando um homem sabe que já perdeu.

Cassian levantou a arma.

Um tiro. Seco, limpo, direto na cabeça.

O corpo caiu como um saco de lixo. Nada mais precisava ser dito.

Moreno soltou uma gargalhada.

— Cassian Delviano... você realmente sabe jogar esse jogo.

Ele estalou os dedos novamente. Um dos capangas trouxe as chaves de um conversível clássico e as jogou para Cassian.

— Agora, vá dar uma volta. Dirija, pense no que acabamos de fazer. Seja cordial.

Cassian pegou as chaves e caminhou até o carro. Ele sabia o que aquilo significava. O jogo tinha começado. E ele estava dentro.

XX

Ouro Branco Part II

Tem uma coisa sobre o tráfico que pouca gente entende. Todo mundo olha de fora e pensa que é um negócio simples: droga entra, dinheiro sai. Mas não é assim que funciona.

Não é um jogo de moleques vendendo pacotinho na esquina. Isso aqui é um império. Um império que precisa de logística, inteligência, contatos e, acima de tudo, controle.

E agora, eu estava indo direto pro coração desse império.

A Colômbia.

Se Miami era a boca do tubarão, a Colômbia era a porra do estômago. Era onde tudo começava. E se eu quisesse garantir que minha nova rota funcionasse, eu precisava do fornecedor certo.

Então, eu fui atrás do melhor.

Héctor Rojas.

Ex-paramilitar. Um filho da puta que começou matando guerrilheiros e terminou vendendo pó pra metade do Caribe. Um cara que você não queria ter como inimigo.

A viagem foi tranquila. Avião particular. Whisky no copo, um charuto cubano queimando devagar. Mas meu cérebro não desligava. Eu sabia que nada nessa merda ia ser fácil.

E eu tava certo.

Assim que pisei na pista, um jipe militar já estava me esperando. Dois soldados armados, semblante fechado. Nenhum cumprimento, nenhum sorriso. Só abriram a porta e me fizeram entrar.

Enquanto dirigíamos pelas ruas apertadas de Cartagena, eu observava as casas decrepitas, os becos fedendo a peixe e urina, as crianças correndo sem sapato. A cidade era um campo de batalha disfarçado de paraíso tropical.

Depois de quase uma hora, o jipe parou em frente a uma hacienda isolada no meio do nada.

O portão se abriu e, lá dentro, Rojas esperava.

NO COVIL DA FERA

Héctor Rojas estava sentado sob um grande quiosque de palha, cercado por capangas. Era um homem de meia-idade, pele bronzeada, cabelo escuro penteado pra trás, olhos de um predador. Usava uma camisa de linho aberta no peito, mostrando uma corrente de ouro grossa o suficiente pra ser usada como arma.

Quando me aproximei, ele sorriu, mas não era um sorriso amigável.

— Cassian Delviano. O americano que acha que pode mudar as regras do jogo.

Peguei um charuto da mesa, acendi com calma.

— Não tô aqui pra mudar nada, Rojas. Tô aqui pra fazer dinheiro.

Ele riu. Um riso curto, seco.

— Dinheiro... — Ele se levantou e caminhou devagar. — O dinheiro não é o problema. O problema é confiar no homem que carrega o dinheiro.

Ele estalou os dedos e um dos capangas jogou uma pasta sobre a mesa.

Fotos.

Corpos.

Membros decepados, buracos de bala nas testas, sangue escorrendo pelo chão de concreto.

— Essa era minha última remessa pra Miami. Dez milhões em cocaína. Desapareceu no porto.

Fiquei calado. Ele pegou um copo de rum, girou o líquido devagar.

— Agora me diga, Delviano... — Ele tomou um gole. — Você está pronto pra provar que vale esse investimento?

Coloquei o charuto entre os lábios, soltei a fumaça devagar.

— Me diz onde eu começo.

Rojas não perdeu tempo. Me passou os detalhes: a carga foi roubada no porto, mas os ladrões não eram rivais armados, nem federais. Eram pescadores.

Isso não fazia sentido. Pescadores não roubam dez milhões em cocaína. Eles roubam peixe, roubam motor de barco, roubam gasolina. Mas droga? Isso era coisa grande demais.

Então, fui investigar.

Cartagena tinha aquele cheiro de sempre: sal, podridão e crime. O cais não era diferente.

Cheguei no final da tarde, o sol já começando a cair, pintando o mar de laranja e vermelho. As docas estavam vivas, mas não com aquele tipo de vida que você encontra em cidades turísticas. Aqui, era o tipo de vida que rasteja nos becos, que sobrevive de troco sujo e oportunidades ilícitas.

Os barcos balançavam devagar, rangendo com o vai e vem da maré. Barcos de pesca, barcos de carga, barcos que já deviam estar no fundo do oceano, mas que, de alguma forma, ainda flutuavam. O cheiro de peixe morto e óleo queimado enchia o ar.

Os pescadores me notaram antes mesmo de eu pisar no cais. Homens magros, de pele escura e olhos fundos. Muitos mastigavam folhas de coca, outros cuspiam no chão e fingiam que não estavam me observando. Mas eu via. Eles estavam atentos.

Alguns seguravam facas na cintura. Outros tinham rifles velhos encostados nas caixas de peixe. Armas demais para um bando de pescadores.

"Eles estão prontos para alguma coisa," pensei.

Caminhei devagar, sentindo os olhares pesando nas minhas costas. Passando por uma pilha de redes de pesca emboladas, vi dois garotos enfiando a mão dentro de um caixote. Um deles puxou um peixe, o outro puxou um revólver. Nem dez anos de idade, já estavam armados.

Bem-vindo à Colômbia.

Um dos pescadores se afastou dos outros e veio na minha direção. Baixo, troncado, cicatrizes pelo rosto. Uma mão no coldre da arma.

— Perdido, gringo? — A voz era baixa, carregada de desconfiança.

Parei na frente dele, tirei um cigarro do bolso.

— Santiago. Onde eu encontro ele?

O homem não respondeu de imediato. Apenas olhou para os lados, como se estivesse fazendo contas na cabeça. Como se estivesse decidindo se valia a pena me ajudar ou me jogar no mar.

Então, sem dizer uma palavra, apontou com o queixo para uma taverna no fim do cais.

O lugar era um buraco escuro e fedido, com paredes cobertas de fuligem e cheiro de rum barato misturado com suor. Ventiladores giravam preguiçosamente no teto, empurrando o calor de um lado pro outro. Não tinha música, não tinha conversa alta, só o som de copos sendo colocados na mesa e cadeiras rangendo.

Ali dentro, ninguém sorria.

Me aproximei do balcão. O barman, um homem de bigode grosso e dentes amarelados, limpava um copo com um pano sujo.

— Santiago. — Falei sem rodeios.

Ele nem piscou. Apenas moveu os olhos na direção do canto da taverna. E lá estava ele.

Santiago parecia um pedaço de madeira velha deixado no sol por muito tempo. Pele curtida, rugas profundas, cabelo grisalho preso num rabo de cavalo. Ele fumava devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Caminhei até ele, puxei uma cadeira e me sentei sem pedir permissão.

Ele não disse nada. Apenas tragou o cigarro e me olhou, como se já soubesse exatamente o que eu queria.

— Eu sei por que você tá aqui. — Ele quebrou o silêncio. Sua voz era áspera, cansada. Ele bateu a cinza no cinzeiro. — Mas te digo uma coisa, gringo... a gente não roubou nada.

Acendi meu próprio cigarro.

— Então quem roubou?

Ele soprou a fumaça devagar, coçou o queixo com dedos ossudos.

— A última coisa que vimos foi um barco diferente. Novo. Muito rápido. Não era de ninguém daqui.

Cruzei os braços.

— E por que caralhos eu deveria acreditar em você?

Ele me encarou por um instante. Aquele olhar de quem já viu tudo, de quem sabe como esse jogo funciona.

— Porque se a gente tivesse roubado, já estaríamos mortos.

E ele estava certo. Rojas não deixaria ninguém respirar depois de um golpe desses.

Alguém de fora tinha feito isso.

E agora, eu tinha que descobrir quem.

Sabe quando dizem que o instinto nunca mente? Então. O meu gritava que algo estava errado.

Depois que saí da taverna, continuei no cais, observando os pescadores. Eles pareciam nervosos demais. Olhares demais sobre mim. Era o tipo de nervosismo que só aparece quando alguém já sabe que a merda tá prestes a acontecer.

E eu não tava errado.

Eu já tinha dado uns dez passos em direção ao meu carro quando ouvi o primeiro clique de arma sendo engatilhada.

— Puta merda.

Virei devagar, mãos levantadas no nível da cintura. Cinco caras saíram das sombras, armados. Rifles velhos, pistolas enferrujadas, mas o suficiente pra me transformar em peneira.

Santiago saiu por último, o cigarro ainda preso nos lábios.

— Não leva pro lado pessoal, gringo. — Ele deu de ombros. — Mas você é um problema.

Eu ri. Devagar. Baixo.

— Problema? Santiago, meu amigo... eu sou a porra da solução.

Antes que ele respondesse, eu já tinha sacado minha pistola e enfiado uma bala na cara do primeiro filho da puta que apontou pra mim.

BAM!

O sangue jorrou contra a parede do armazém. Os outros demoraram meio segundo pra reagir, e meio segundo já era tempo demais.

Rolei pro lado e disparei duas vezes.

BAM! BAM!

Outro caiu.

O terceiro tentou correr. Merda, não comigo.

Eu levantei e disparei no meio da nuca dele. A cabeça explodiu como um melão podre.

Santiago arregalou os olhos, sacou o revólver, mas eu já tava na frente dele.

Encostei o cano da pistola no meio da testa dele.

— Problema resolvido, parceiro.

Ele abriu a boca pra dizer alguma coisa.

BAM!

A cara dele virou uma porra de massa vermelha.

O silêncio tomou conta do cais. Só o som do mar, das gaivotas e do sangue pingando na madeira.

Guardei a arma. Acendi outro cigarro.

E saí andando.

Depois daquela merda toda no cais, peguei meu carro e fui direto pro Rojas. Nem olhei no retrovisor. Não precisava. Atrás de mim, só tinham corpos esfriando e o cheiro de pólvora no ar.

Agora, aqui tá a parte engraçada. Qualquer outro cara teria fugido dali, sumido na noite e voltado pra Miami, certo? Mas eu não. Porque eu sabia que Rojas ia gostar do jeito que eu resolvi o problema.

Então, voltei pra ele como se nada tivesse acontecido.

O lugar dele era uma mansão escondida num morro, vista pro mar, cercada por seguranças com AK-47 e pitbulls que pareciam monstros. Você pisava no gramado errado e o mínimo que acontecia era perder um dedo.

Quando cheguei, os caras me olharam meio estranho. Acho que não esperavam me ver vivo.

Um deles veio até mim, um brutamontes com uma cara que parecia feita de pedra rachada.

— El Patrón está ocupado.

Fiz um som com a boca, tipo “tch.”

— Tá ocupado? Tá ocupado? Então faz ele desocupar, porque eu resolvi o problema dele.

O cara ficou me olhando, mastigando aquele pedaço de merda de palito de dente. Mas no fim, fez sinal pra eu seguir.

Rojas tava sentado na varanda, camisa aberta, um charuto entre os dedos, olhando o mar como se fosse dono daquela porra toda. E, pra falar a verdade, ele era.

Quando me viu, sorriu.

— Cassian.

— El Patrón.

Ele bateu o charuto no cinzeiro, apontou pra uma cadeira.

— Senta. Me conta.

Sentei. Peguei um cigarro. Acendi.

E então contei tudo.

O cais. Os pescadores. Santiago. A emboscada. Como eles tentaram me foder. Como eu fodi eles primeiro.

Contei tudo devagar, sem pressa. Detalhes são importantes. Principalmente quando você quer que alguém entenda que pode confiar em você.

Quando terminei, Rojas me olhou por um segundo, sem dizer nada. Depois, inclinou a cabeça e deu um sorrisinho de canto.

— Você fez tudo isso sozinho?

Dei de ombros.

— Alguém precisava fazer.

Ele riu. Não um riso alto, não um riso de deboche. Um riso daqueles que significam "eu gosto desse filho da puta."

Então ele pegou uma garrafa de rum da mesa e me serviu um copo.

— Bebe comigo, Cassian. A partir de hoje, você é meu homem.

Peguei o copo, brindamos, bebemos.

E foi assim que eu comecei a trazer toneladas de coca para Miami, e depois, pra outros lugares.

XXI

DEA

Voltar pra Miami depois da Colômbia era sempre uma experiência interessante. Era como sair do inferno e entrar direto no paraíso — só que um paraíso onde todo mundo queria te foder.

O avião pousou no Aeroporto Internacional de Miami de madrugada. Saí do terminal como se nada tivesse acontecido, como se eu fosse só mais um turista voltando de férias. Nenhuma mala, nenhum problema, nada que chamasse atenção. Meu carro, um Corvette branco, já tava me esperando no estacionamento, cortesia de um dos meus caras.

Quando entrei na cidade, senti aquele cheiro de mar misturado com gasolina e cigarros baratos. Miami à noite era um palco iluminado, onde milionários e desgraçados se misturavam, todos tentando ser algo que não eram.

Eu não era diferente.

No caminho, parei num posto de gasolina na Collins Avenue, comprei um maço de cigarros, abri uma lata de Coca-Cola e dei uma tragada longa. O rádio tocava Phil Collins, *In the Air Tonight*. Simplesmente perfeito.

Depois da Colômbia, eu precisava de um banho decente e um cigarro em paz. Nada de florestas úmidas, nada de cais fedendo a peixe e sangue, nada de olhares atravessados de filhos da puta que queriam me matar. Só eu, a cidade e o som dos pneus do meu Corvette branco deslizando pela MacArthur Causeway.

Passei pelos iates ancorados na marina, pelos neon refletindo na água, pelos cassinos clandestinos onde idiotas queimavam dinheiro. Miami era isso — uma roleta russa onde todo mundo achava que ia ganhar.

Quando virei na Collins Avenue, senti aquela brisa quente da madrugada. Era sempre assim: Miami nunca dormia, só piscava os olhos por alguns segundos.

Estacionei na frente do meu prédio, bem ali na Collins, entre um restaurante caro e uma boate que nunca fechava. O porteiro abriu a porta com um aceno, e eu subi direto pro meu andar.

A porta do meu apartamento se abriu com um clique suave. Luzes baixas, móveis caros, vista para o oceano. Nada mal pra um cara que começou a vida vendendo cigarros falsificados na esquina.

Joguei as chaves no balcão da cozinha e fui direto pro bar. Despejei uma dose generosa de uísque, tirei o paletó e desabotoei a camisa. Eu merecia um descanso.

Foi aí que eu vi.

Um envelope preto, bem no centro da mesa de vidro da sala. Sem nome, sem nada.

Peguei o envelope, rasguei a lateral e tirei o convite.

"Ray convida você para uma noite inesquecível em Star Island."

Três da manhã.

Eu ri. Claro que esse filho da puta ia me arrastar pra uma festa no meio da madrugada.

Acabei o uísque num gole só e fui pro banheiro. Liguei o chuveiro, tirei a poeira da Colômbia do corpo e voltei um novo homem.

No armário, puxei um terno azul-marinho, camisa branca, sapatos italianos. Coloquei meu relógio Rolex e um toque de perfume. Tudo no lugar.

Me olhei no espelho e dei um sorriso.

— Miami, seu desgraçado... tô de volta.

Peguei as chaves, saí do apartamento e desci pro carro.

Era hora de ver o que Ray tinha pra mim.

Cheguei na mansão de Ray em Star Island por volta das três da manhã.

Dava pra ver a festa de longe — luzes neon, música alta, risadas, o cheiro de dinheiro e cocaína no ar.

Ray era um daqueles caras que sempre sabiam como fazer uma festa. Milionários, políticos, modelos, traficantes, gente que devia estar na capa da Forbes e gente que devia estar na capa do FBI's Most Wanted. Tudo misturado, tudo na mesma vibe.

Estacionei, saí do carro e fui direto pra entrada. Dois seguranças armados me reconheceram e me deixaram passar sem dizer uma palavra.

Lá dentro, o cenário era outro mundo. Paredes de vidro refletindo as luzes da piscina, mulheres de biquíni branco dançando em volta de caras de terno, bandejas de prata cheias de drogas passando de mão em mão.

Ray me viu do outro lado da sala e abriu um sorriso. Ele era um filho da puta simpático — sorriso de vendedor, olhar de cobra. Usava um terno bege, camisa aberta, corrente de ouro no pescoço.

— Cassian, porra! Achei que você tava morto!

Abracei ele com um tapa nas costas.

— Tô vivo e pronto pra gastar dinheiro.

Ele riu.

— Então você veio pro lugar certo. Tem bebida, tem mulher, tem diversão. Mas também tem um probleminha...

— Que tipo de problema?

Ray olhou em volta, como se procurasse alguém. Depois se inclinou e falou baixo:

— Tem um federado aqui.

Meu sangue esfriou.

— Cê tem certeza?

Ray assentiu.

— Cem por cento. Um dos meus caras sentiu cheiro de encrenca. Ele tá aqui, misturado no meio da gente.

Olhei ao redor. Tanta gente, tanta cara nova. Um deles era um policial disfarçado — e se eu não descobrisse quem, essa festa ia virar um abatedouro.

Peguei um copo de uísque de uma bandeja e dei um gole longo.

— Tá bom, Ray. Me dá uma hora. Eu acho esse filho da puta.

Cassian cruzou a sala, deixando Ray para trás. O lugar era um desfile de excessos — modelos riam alto, empresários seguravam charutos caros, um grupo de colombianos negociava alguma coisa que ninguém fingia notar. Mas no meio desse circo, tinha um rato.

Ele precisava achar o filho da puta antes que o filho da puta achasse ele.

Pegou outro gole de uísque, caminhou devagar. O truque era não parecer que tava procurando alguém. Se o federado desconfiasse, podia escapar, ou pior: podia já estar mirando nele.

Começou a observação. Primeiro, os óbvios. Um cara com terno barato? Nada ali. Nenhum idiota apareceria vestido como policial de filme dos anos 70. Segundo, os desconfiados. Caras que pareciam tensos, olhando muito ao redor, segurando o copo como se fosse um distintivo. Nada também.

A jogada era outra. O federado não estaria escondido, ele estaria bem no centro da porra toda.

Foi até o bar, onde uma mulher de vestido vermelho passava um cartão negro pro barman. Cassian fingiu que olhava o menu enquanto escutava as conversas ao redor.

— ...o carregamento saiu de Cartagena ontem...

— Acredite, esse negócio vai explodir em seis meses...

— Cara, eu nem vi ele chegar, de repente já tava aqui...

Cassian virou devagar e focou na mesa ao lado. Três caras rindo. Dois deles, ele conhecia — malandros locais, gente do jogo. O terceiro? O terceiro era novo.

Usava uma jaqueta cara demais pro jeito dele, cabelo penteado, mas o rosto tinha alguma coisa errada. Era limpo demais. Sem cicatriz, sem marcas, sem olheiras de noites mal dormidas por medo de ser morto.

Cassian se aproximou.

— Que porra vocês tão rindo tanto?

Os dois malandros olharam pra cima e abriram sorrisos.

— Cass, caralho, chegou na hora certa. Esse aqui é o Frank, amigo novo.

O tal Frank Delaney estendeu a mão. Cassian olhou, mas não apertou.

— Frank, hein? E cê faz o quê, Frank?

O cara deu um sorriso, pegou o copo e tomou um gole devagar.

— Importação e exportação.

Cassian segurou a risada. Era sempre essa merda.

— Isso é vago pra caralho.

— O mundo é vago, cara. A gente só se adapta.

A mesa riu. Cassian também. Mas só por fora. Por dentro, ele já sabia.

Frank podia até enganar os outros. Mas Cassian já tinha visto esse tipo antes. O olhar, o jeito de falar, o controle na respiração. Esse cara não tava ali pra beber e foder.

Ele tava ali trabalhando.

Cassian pegou o cigarro, acendeu devagar. O cheiro de tabaco queimado misturou com o perfume das mulheres, o sal do mar, o álcool no ar.

Então ele soprou a fumaça e sorriu.

— Vamo dar uma volta, Frank. Quero te mostrar uma coisa.

O carro deslizava pela estrada deserta. A cidade já tinha ficado pra trás — agora, só restava o asfalto negro cortando os pântanos da Flórida. Sem luzes, sem testemunhas.

Cassian dirigia em silêncio. Frank Delaney tava no banco do passageiro, com as mãos amarradas por uma algema plástica. Quietos. Mas Cassian via no reflexo do vidro — o filho da puta tava estudando ele.

O silêncio se arrastou por uns bons minutos, só quebrado pelo ronco do motor. Então Frank riu baixo, balançou a cabeça.

— Eu já sei onde isso vai dar.

Cassian não respondeu. Só manteve os olhos na estrada.

— Cê vai me bater, vai fazer perguntas, talvez me queime um pouco, talvez quebre um dedo. Depois vai decidir se eu vivo ou morro. Tô certo?

Cassian sorriu, mas não era um sorriso amigável.

— Você assiste muito filme, Frank.

O federado riu outra vez.

— E você fala como um capanga.

Cassian sentiu o sangue subir.

Ele apertou o volante, sentiu os nós dos dedos ficarem brancos. Mas não reagiu. Ainda não.

A estrada continuava escura. No banco de trás, um isopor fechado — coisa de pescador, nada demais. Mas dentro dele, Cassian sabia, tinha um alicate, um facão e uma pistola com silenciador. O suficiente pra fazer qualquer homem falar.

O suficiente pra fazer qualquer homem gritar.

Eles pararam num pedaço de terra abandonado, perto do pântano. Um lugar onde nem urubu aparecia.

Cassian tirou Frank do carro, arrastou ele até um barracão velho. Lá dentro, só um chão sujo, cheiro de ferrugem e a umidade escorrendo pelas paredes.

Ele jogou Frank numa cadeira de madeira.

— Confortável?

Frank cuspiu no chão.

Cassian abriu o isopor. Pegou o alicate.

— Vou perguntar só uma vez, filho da puta. Quem te mandou?

Frank sorriu, inclinou a cabeça.

— Vai se foder.

Cassian não pensou duas vezes. Segurou a mão do desgraçado e arrancou a unha do dedo mindinho.

Frank gritou. O eco se perdeu no vazio do barracão.

— Isso foi por educação — Cassian disse. — Agora, responde.

O federado arfava, suando. Mas ainda teve forças pra sorrir.

— Eu sou da DEA.

Cassian estreitou os olhos.

— Não fode.

Frank riu de leve, ainda respirando pesado.

— Eu sei do seu carregamento. Dez milhões em cocaína. Sei que a mercadoria vem de Cartagena, sei que tem gente grande nesse jogo. Sei que você não é nada sem esses caras.

Cassian agarrou o colarinho dele.

— Cê acha que sabe de alguma coisa?

Frank continuou, ignorando a dor.

— Sei que você não é o chefe. Que você é só um cachorro de aluguel.

O sangue de Cassian ferveu.

Ele apertou o pescoço de Frank, os olhos dele arregalaram.

— Repete isso, filho da puta. Repete.

O federado riu, cuspiendo sangue.

— Você... não manda em porra nenhuma.

Cassian viu vermelho. Vermelho puro.

Ele puxou o facão do isopor e enfiou no estômago do desgraçado.

Frank gemeu, engasgando. Mas ainda sorriu.

— Vai ter mais de mim.

Cassian torceu o facão. Frank finalmente gritou.

Ele puxou a lâmina pra fora, e o federado caiu pra frente, arfando.

Cassian respirou fundo. Se limpou. Pegou o silenciador, encostou na testa do filho da puta.

— Manda o próximo, então.

E apertou o gatilho.

XXII

Eu sou Miami Porra

Miami era um jogo de poder, e Cassian sabia que só existiam duas opções: comandar ou ser comandado. Ele escolheu comandar. A cidade brilhava sob o sol da tarde enquanto ele dirigia pela Ocean Drive, o Corvette branco cortando o trânsito como uma lâmina quente. Havia algo em Miami que fazia a cidade parecer um filme de Hollywood o tempo todo. Tudo era exagerado: o dinheiro, as festas, os carros, as mulheres. Mas, no fim das contas, o que realmente movia aquela cidade era o pó.

Cassian estacionou em frente ao *The Carlyle*, um dos hotéis mais icônicos de Miami Beach. Os neons piscavam no topo do prédio branco, enquanto garçons de uniforme impecável serviam turistas milionários nas mesas externas.

Ele desceu do carro devagar, ajeitou o blazer branco e caminhou até Ray, que já estava sentado ali, bebendo um mojito.

Ray era o típico tubarão de Miami. Alto, moreno, cabelo penteado pra trás, terno bege sem gravata e um relógio de ouro que brilhava mais que o sol. Ele vivia como se fosse um magnata de Wall Street, mas Cassian sabia que Ray nunca vendeu uma ação na vida. Ele vendia outras coisas. Cassian puxou uma cadeira e sentou. Pegou um charuto cubano do bolso interno do paletó, cortou a ponta e acendeu com um isqueiro dourado. Deu uma tragada longa, saboreando o gosto forte do tabaco.

— Tá feito. — ele disse, soltando uma nuvem de fumaça.

Ray sorriu.

— Então agora é oficial.

Cassian apenas assentiu.

— O carregamento já tá no cargueiro. Saindo de Cartagena agora mesmo. Ray girou o copo na mão, pensativo.

— E a rota?

— Bahamas. De lá, distribuímos em barcos menores, jet skis, até iates de milionário. O DEA nunca vai desconfiar.

Ray riu.

— Você é um filho da puta genial, Cass.

Cassian deu outra tragada no charuto.

— Eu sou um homem de negócios.

Ray encostou no encosto da cadeira, relaxado.

— Você tem ideia do que isso significa? Se essa porra der certo, nós não estamos falando de alguns milhões. Estamos falando de dinheiro de verdade. Números que só os grandes jogam.

Cassian pegou o copo de uísque de uma bandeja e bebeu um gole.

— Ray, eu não vim pra essa cidade pra vender grama pra estudante universitário. Eu vim pra essa cidade porque eu quero tudo. Quero os clubes, os hotéis, os cassinos, os políticos no meu bolso. E isso aqui é só o começo.

Ray sorriu, balançando a cabeça.

— Você é louco, cara. Mas eu gosto disso.

Cassian olhou para o mar ao longe, os iates brilhando sob o pôr do sol.

— Não é loucura, Ray. É Miami.

A cidade mudou quando a noite caiu. **As luzes dos cassinos e clubes iluminavam o céu, o trânsito ficava mais lento, o ar mais pesado.** Mas enquanto os ricos e famosos lotavam os hotéis de South Beach, Cassian dirigia para longe dali.

Ele pegou a estrada até o porto, deixando o glamour da cidade para trás.

A paisagem se transformou em algo mais sombrio: galpões abandonados, guindastes enferrujados, ruas escuras onde ninguém fazia perguntas.

O Corvette branco parou perto do cais 17. Cassian saiu do carro e olhou ao redor. **O cheiro de maresia misturado com óleo diesel impregnava o ar.**

Ray já estava esperando, encostado numa empilhadeira, fumando um cigarro.

— Tá pronto pra ver o futuro, Cass?

Cassian apenas sorriu e seguiu em frente.

O cargueiro vinha se aproximando lentamente. **A luz da lua refletia na água preta do porto enquanto o navio gigante deslizava pelo canal.** O som dos motores reverberava nas docas.

Perto dali, **um grupo de homens já estava preparado.** Eram colombianos, cubanos, haitianos — **um puta exército de criminosos,** todos ali pelo mesmo motivo. **Dinheiro.**

O primeiro container foi baixado por um guindaste, o metal rangendo alto. Cassian caminhou até ele, sentindo os olhos de todos em sua direção.

Ele abriu o lacre com calma, sem hesitar.

Dentro, caixas e mais caixas. **O cheiro da madeira misturado com o leve aroma de querosene das embalagens plásticas era inconfundível.**

Cassian pegou um canivete do bolso, cortou uma das embalagens. **Um pó branco e fino escorreu pelos dedos.**

Ele molhou a ponta do dedo, provou. **A língua formigou.**

Cassian olhou para Ray e sorriu.

— **Isso aqui vai comprar metade dessa cidade.**

Ray riu, jogando o cigarro no chão e pisando em cima.

— **E vai enterrar a outra metade.**

Cassian olhou ao redor. **Os homens aguardavam um sinal.** Ele fechou a embalagem e ergueu o olhar.

— **Vamos trabalhar.**

O dinheiro estava prestes a fluir. E **Miami nunca mais seria a mesma.**

XXIII

Investimentos Honestos

A coisa sobre Miami é a seguinte: se você tem dinheiro, você tem poder. E eu tinha os dois. No começo, eu só queria um pedaço do bolo. Mas aí eu percebi... por que aceitar um pedaço quando você pode comprar a porra da padaria?

Comecei pequeno. Primeiro foi o El Cocaí, um restaurante cubano na Española Way. A comida era boa, os turistas adoravam, e mais importante: era um lugar perfeito pra lavar dinheiro. De fora, era só um restaurante movimentado. Mas por trás das portas da cozinha, sacolas de dinheiro passavam de um lado pro outro toda semana.

Depois veio o Marina Bay Hotel, um hotel boutique em Miami Beach. Lugar de luxo, cheio de ricos que queriam anonimato. Metade dos políticos da Flórida já dormiram em uma das suítes do meu hotel com uma garota que não era a esposa. E eu? Eu fazia questão de lembrar eles disso quando precisava de favores.

A coisa foi crescendo. Comprei uma concessionária de carros de luxo, que vendia Ferraris, Lamborghinis, Porsches... Negócio perfeito. Eu trazia dinheiro sujo e saía de lá com um carro de 200 mil dólares, completamente limpo no papel.

Mas meu xodó? Meu orgulho?

A Starlite.

Era o tipo de boate que fazia você se sentir como um rei assim que entrava. Luzes neon em azul e rosa iluminavam a entrada, letreiros brilhantes piscavam o nome em letras douradas. O segurança na porta era grande o

bastante pra quebrar um cara no meio, e os garçons usavam smokings brancos impecáveis.

Dentro, o chão era de mármore preto e branco, e o teto tinha um enorme globo espelhado que girava devagar, refletindo as luzes da pista. O bar era longo, iluminado por um brilho roxo suave, sempre lotado de gente bonita pedindo drinks caros.

No palco, mulheres de vestido justo dançavam ao som de batidas eletrônicas misturadas com jazz. Os clientes? Executivos, traficantes, artistas, modelos, playboys com dinheiro da família que queriam se sentir importantes.

E eu? Eu reinava naquele lugar.

A Starlite não era só uma boate. Era o meu escritório, meu paraíso, minha porra de castelo. Se alguém quisesse falar comigo, fazia ali. Se alguém quisesse um favor, me encontrava ali. Se alguém quisesse fechar um negócio, fazia na minha mesa VIP, com um copo de uísque de quinze mil dólares na mão.

Era isso.

Eu não era só um jogador no jogo. Eu era o dono do tabuleiro.

O restaurante Don Carmine's tava lotado naquela noite. Música suave tocava no fundo, o cheiro de alho e vinho misturava-se ao perfume das mulheres elegantes que falavam baixo em mesas reservadas.

Cassian entrou como quem já sabia que era esperado. Seu terno branco contrastava com o ambiente escuro e sofisticado. Ele passou por um garçom que o reconheceu e deu um leve aceno.

Lá no fundo, numa mesa discreta, Juno já esperava.

Diferente de Cassian, Juno preferia algo mais discreto. Terno cinza bem cortado, cabelos penteados pra trás, um relógio caro, mas nada extravagante. Ele fumava um charuto cubano devagar, soltando a fumaça em círculos no ar.

— Cass, Cass... sempre pontual. — Juno disse, sorrindo de leve.

Cassian se sentou, pegou um cigarro de prata e acendeu com um isqueiro dourado.

— Não gosto de perder tempo.

O garçom apareceu, e Cassian nem precisou pedir. Um copo de uísque foi colocado à sua frente, sem gelo. Ele pegou, girou o líquido âmbar no copo e bebeu um gole.

Juno observava ele com um sorriso contido.

— Ouvi falar da Starlite.

Cassian sorriu.

— É, tá ficando popular.

Juno assentiu, tragando o charuto.

— Eu lembro quando você ainda era só um garoto correndo atrás de merda pequena. Agora... você tem hotéis, restaurantes, uma boate de sucesso... um império.

Cassian jogou a cabeça para trás e riu baixo.

— Isso incomoda você, Juno?

Juno balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Incomodar? Não. Me impressiona, só isso. Você fez um caminho rápido. Rápido demais.

Cassian pousou o copo na mesa devagar.

— O mundo não espera, Juno. Ou você corre, ou fica pra trás.

Juno ficou em silêncio por um tempo, batendo a ponta do charuto no cinzeiro.

— Você sabe o que acontece quando um leão jovem começa a crescer rápido demais?

Cassian arqueou a sobrancelha.

— Não. Me conta, Juno.

Juno olhou para ele, seus olhos frios, sem humor.

— O leão velho sempre observa.

Cassian ficou olhando para ele por um momento, depois sorriu, pegando o copo e bebendo o resto do uísque.

— Ótimo. Então espero que você esteja prestando bastante atenção.

Ele se levantou, ajeitou o paletó e saiu, sem olhar para trás.

Ele sabia que aquilo não acabava ali.

Nada nunca acabava fácil em Miami.

Eu sempre achei engraçado como a cocaína começa na vida de um cara. No começo, é só um negócio. Você vende, vê a grana entrar, fica empolgado. Depois, um dia, alguém te oferece uma carreira. **"Só pra experimentar", dizem.** Aí você pensa: **"Por que não?"**

Foi assim comigo. **Só uma carreirinha.** Aí veio outra. E outra. E **quando percebi, eu tava cheirando mais do que um aspirador da Hoover.**

Isso virou rotina. Toda noite, antes de entrar na Starlite, eu já tava ligado. **Era a porra do combustível que me mantinha no topo.** Eu entrava no

clube com um terno de três mil dólares, óculos escuros no rosto, sorriso largo... e com uma mente acelerada feito um motor de Ferrari.

A Starlite era o meu reino.

Mulheres desfilavam ao meu redor, os garçons sabiam meu drink favorito sem eu precisar pedir, os seguranças abriam caminho pra mim como se eu fosse Moisés no Mar Vermelho. **Os chefes do crime vinham até a minha mesa, apertavam minha mão, riam das minhas piadas.** Todo mundo queria um pedaço do meu mundo.

E eu?

Eu tava no topo.

Chegava lá, subia pro meu escritório no segundo andar, pegava um espelho de prata, desenhava umas três, quatro, cinco linhas bem cortadas... **e puxava tudo como se minha vida dependesse daquilo.**

A verdade?

Dependia.

No começo, eu dizia pra mim mesmo que não tava viciado. **Eu podia parar quando quisesse.** Era só uma ajuda pra me manter ligado, pra continuar no controle. Mas a real é que a merda me controlava.

Eu cheirava antes de reuniões, antes de festas, antes de resolver qualquer merda. No fim, **eu tava cheirando antes de acordar.**

E a coisa é que... **ninguém nunca te avisa sobre essa parte.**

Ninguém te diz que, depois de um tempo, **você não cheira mais pra ficar no alto – você cheira pra não cair.**

Mas quer saber?

Naquele momento, **eu não dava a mínima.**

Eu tava no topo de Miami, dono da porra toda. Quem ia me dizer o que eu devia fazer?

Ninguém.

A música pulsava forte na Starlite, um batimento cardíaco eletrônico que fazia o chão vibrar. Luzes néon piscavam em tons de azul e rosa, refletindo nos corpos suados das dançarinas que se moviam como predadoras em meio ao cheiro de álcool, cigarro e perfume caro. A boate estava lotada, mas no segundo andar, dentro do escritório envidraçado de Cassian Delviano, o clima era outro.

A porta estava fechada, abafando o som da pista lá embaixo. O ambiente estava tomado por fumaça de cigarro e o aroma químico da cocaína

recém-cortada. O ar-condicionado lutava para manter o lugar fresco, mas o calor dos corpos nus e seminus tornava tudo pegajoso, decadente.

Cassian estava jogado no sofá de couro branco, camisa aberta, peito suado. Na mesa de vidro diante dele, quatro carreiras de cocaína esperavam por seu destino inevitável. Uma morena de pele bronzeada, completamente nua, segurava um canudo dourado e oferecia a ele.

— Vai, Cass, mostra pra gente como se faz... — sussurrou, passando a língua nos lábios.

Do outro lado, uma loira de olhos azuis e cabelos volumosos subiu no colo dele, esfregando o corpo nu contra seu peito. Ela cheirou uma carreira longa e virou a cabeça pra ele, os olhos dilatados.

— Quero ver esse homem poderoso, Cass... Me mostra... — ela ronronou, arrastando as unhas vermelhas pelo peito dele.

Cassian riu, a boca ainda suja do último gole de uísque. Ele pegou o canudo, baixou a cabeça e puxou uma carreira longa, sentindo o pó invadir suas narinas como uma descarga elétrica. Seu coração disparou. O mundo ao seu redor ficou mais nítido, as vozes pareciam mais altas, cada toque em sua pele parecia fogo.

— **Porra! Isso sim é um bom lote!** — Ele jogou a cabeça pra trás, rindo, enquanto as mulheres caíam sobre ele, beijando sua pele, mordendo de leve seu pescoço.

Uma terceira mulher, de cabelos curtos e olhos selvagens, se aproximou deslizando as mãos pelo corpo dele. Ela pegou um pouco de cocaína da mesa com a ponta do dedo e passou nos próprios lábios antes de beijá-lo, fazendo ele provar o pó direto da boca dela.

Cassian segurou os cabelos dela com força e puxou sua cabeça pra trás, encarando-a nos olhos com um sorriso diabólico.

— **Vocês são um bando de vadias demoníacas, sabia?**

— **E você é o rei do inferno, baby...** — a loira respondeu, lambendo o pescoço dele.

Lá fora, a cidade brilhava com suas luzes de neon e promessas falsas. Mas ali dentro, no escritório privado da Starlite, Cassian estava no topo do mundo — um rei em seu palácio de vidro, com um império de prazer e perdição aos seus pés.

O escritório de Cassian era um altar para os vícios. A luz vermelha do néon piscava na parede, iluminando as formas sinuosas das mulheres que o cercavam. O ar estava carregado de perfume doce, suor e cigarro. Na

mesa de vidro, carreiras de cocaína refletiam a iluminação como pequenas trilhas para o inferno.

Cassian estava jogado no sofá de couro branco, uma taça de uísque equilibrada na mão e um sorriso de rei degenerado no rosto. A primeira mulher, uma loira de pele bronzeada, estava sentada no colo dele, deslizando os lábios pelo pescoço suado, enquanto sua mão descia lenta pelo peito dele, abrindo ainda mais a camisa de seda.

— **Você tem cheiro de dinheiro, Cass...** — ela sussurrou, mordendo o lóbulo da orelha dele.

Cassian riu e puxou outra mulher para perto — uma morena de olhos felinos e lábios carnudos, que já estava com um canudo de prata na mão, pronto para alimentar o vício dele.

— **Abre a boca, meu rei...** — ela disse, pressionando um pouco de cocaína no dedo e deslizando contra os lábios dele.

Cassian lambeu devagar, sentindo o gosto amargo se misturar ao calor do uísque. O coração bateu mais forte, e ele inclinou a cabeça para trás, rindo. A terceira mulher, uma ruiva de vestido colado, se inclinou sobre ele, deslizando os dedos pelos cabelos molhados de suor.

— **Vai devagar, baby... não quero que o chefão apague no meio da diversão.**

— **Porra, vocês tão tentando me matar, né?** — Cassian riu, puxando a loira de volta para o colo enquanto a morena passava os lábios pela clavícula dele.

— **A gente tá tentando te fazer esquecer que tem um mundo lá fora.** — a ruiva disse, mordiscando o ombro dele antes de deslizar as unhas afiadas pela barriga exposta.

Cassian segurou a nuca da loira e a puxou para um beijo, enquanto sentia mãos percorrendo seu corpo, bocas explorando cada pedaço de pele. Ele estava mergulhado no prazer, perdido no caos do próprio império, inalando poder, luxúria e perdição.

Foi então que a porta se abriu.

O segurança entrou sem cerimônia, encarando a cena sem qualquer surpresa — ele já tinha visto coisas piores ali.

— **Chefe, o seu convidado chegou. Quer que ele suba?**

Cassian respirou fundo, afastando as mulheres com um sorriso torto. Pegou o paletó jogado no sofá e vestiu sem fechar os botões.

— **Manda subir.**

A festa particular tinha acabado. Agora era hora de negócios.
Danny estava vindo.